O DIÁRIO DE
NIJINSKY



Rocco

2ª edição

O DIÁRIO DE NIJINSKY

Organização de
ROMOLA NIJINSKY

Tradução de
JOSÉ SIMÃO

2ª edição

Rocco

Rio de Janeiro — 1985

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer à Sra. Ottoline e ao Sr. Philip Morrell por seus incansáveis esforços em nome da NIJINSKY FOUNDATION, *ao Sr. Edward Warburg de Nova Iorque por sua generosa contribuição, ao Sr. John R. Sutro e ao Capitão Bruce Ottley de Londres por seu interesse no bem-estar de Nijinsky, e finalmente ao Sr. Alfred Robert Shaw por sua sempre presente gentileza, ajuda e amizade.*

Também quero expressar meus agradecimentos à Srta. Jennifer Mattingly por me auxiliar na tradução do Diário.

PREFÁCIO*

ESTE Diário *de Nijinsky é uma mensagem à humanidade. Seu desejo expresso de tê-lo publicado em vida foi satisfeito quando de seu lançamento em 1936.*

É um raro documento humano; poucos dos grandes artistas do mundo nos deixaram tão francamente escritas suas idéias sobre religião, arte, amor e vida, como meu marido nessas "confissões". O fato de ele ter escrito seu Diário *numa fase em que estava passando por uma extrema agonia mental e que ainda assim era capaz de comunicar de maneira tão lúcida seus sentimentos, confere-lhe uma qualidade profundamente comovente e o torna verdadeiramente único.*

O Diário *foi escrito durante 1918-19 em St. Moritz, para onde nos retiramos para esperar o fim da guerra.*

---

* Edição organizada por Romola Nijinsky, Páscoa, 1936 — Sanatório Bellevue — Kreuzlingen.

Isolado do mundo, de todas as possibilidades de exercer sua arte, meu marido tentou alcançar as massas através de outros meios artísticos. Dedicou-se ao desenho e à música, criou coreografias e finalmente escreveu seu Diário.

Ao editar este Diário, *mantive o texto original e usei na medida do possível as mesmas expressões que Nijinsky usou. Alguns dos incidentes relatados por meu marido em suas "confissões" já foram descritos em meu primeiro livro. A forma atual mostra a sua interpretação de tais incidentes.*

Ele escreveu febrilmente por horas e horas, noite e dia. Tentei detê-lo, pois temia que ficasse exausto. Senti que lentamente, impiedosamente, ele estava sendo desviado de sua arte, de sua vida e de mim por uma estranha e poderosa força. Lutei desesperadamente, aterrorizada contra essa horripilante força. Não conseguia explicar o que havia acontecido porque somente sentia a mudança. Meu marido ainda era bom, generoso, tão amoroso como sempre e, apesar disso, uma pessoa diferente. Tentei entendê-lo mas evitava minhas perguntas. Então quis ler o Diário *para encontrar a solução, mas ele não o permitia. Por meses, ele mantinha seu* Diário *trancado; então prometia-me entregá-lo. Quando a terrível calamidade se abateu sobre nós e percebemos que Nijinsky estava doente, o* Diário *e tudo mais foi totalmente esquecido e a grande luta para salvá-lo da insanidade começou.*

O Diário *foi acidentalmente redescoberto em junho de 1934; meu primeiro livro sobre Nijinsky foi publicado nessa época. Uma exposição foi organizada e pediram-me para emprestar minha própria coleção. Procurando por alguns figurinos, lembrei-me que alguns baús haviam sido deixados em depósitos em 1919. Nesses, entre outros objetos, quatro cadernos foram encontrados. Pensando pertencer à nossa filha, foram deixados de lado. Meses mais tarde, olhei para eles e percebi que estavam escritos com a própria letra de meu marido. Foram traduzidos do russo e as memórias de Nijinsky reveladas.*

Com exceção de Noverre, nenhum bailarino jamais se expressou tão abertamente. Nijinsky era conhecido para o mundo como um grande bailarino — o Dieu de la danse — *mas ele era mais: era um humanitário, um perseguidor da verdade, cujo único fim era ajudar, dividir, amar.*

Devotou toda sua vida, sua alma, seu gênio a serviço da humanidade, com a intenção de enobrecer e elevar seu público, trazer arte, beleza, e alegria para o mundo. Seu objetivo não era entretenimento ou sucesso e glória, mas transmitir uma mensagem divina através de seu próprio meio — a dança. Ele não poderia escapar, com sua incorpórea e sensível natureza, do destino de todos os grandes humanitários — ser sacrificado.

Estou convencida de que se ele tivesse encontrado mais compreensão, mais gentileza, entre aqueles que o cercavam, incluindo a mim, teria sido poupado da terrível angústia mental que eventualmente o forçou a retirar-se do mundo da realidade para um mundo seu.

Quando muito jovem, aprendeu a conhecer as agruras da vida. Testemunhou a infelicidade e a pobreza de sua mãe; pacientemente suportou, durante os oito anos que passou na Escola Imperial, os ciúmes mesquinhos de seus colegas, depois a opressão a que, como jovem bailarino, foi exposto. Seus companheiros artistas, os membros do Balé Russo, eram freqüentemente

hostis, e ele nem sequer encontrou compreensão entre aqueles que, através de seu extraordinário talento, de suas visionárias criações e incessantes esforços, ajudou a atingir fama e sucesso. Eles tentaram diminuir todos os seus méritos, mas como poderiam entender Nijinsky, seu coração puro, sua humildade, sua fé infantil na Arte, Beleza e Deus? Isto estava além da compreensão deles.

Em toda a sua história, apenas um outro gênio da dança foi tão atacado quanto Nijinsky: Noverre, que também foi perseguido, acusado de não ter composto seus próprios balés imortais, e totalmente incompreendido por seus colegas. Nijinsky e Noverre, os dois grandes reformadores da arte de dançar... Nijinsky estava consciente de toda essa animosidade, e ainda assim não quis desistir de sua crença na raça humana. O golpe veio quando sua fé na amizade foi estraçalhada e ele prosseguiu calmamente, magnanimamente, até o grande massacre, a Primeira Guerra Mundial, e então sua inabilidade em ajudar a humanidade partiu seu coração. Então ele "refugiou-se em si mesmo tão fundo que não podia mais entender as pessoas".

Nos anos que se seguiram ao ataque violento da doença de meu marido, foi nosso destino experimentar muita crueldade e infelicidade. De fato, freqüentemente vivíamos como ciganos errantes, especialmente durante os anos da Segunda Guerra Mundial, nunca sabendo se teríamos um teto sobre nossas cabeças quando a noite caísse.

Quando meu marido primeiro ficou doente, eu tinha medo de ter de confiná-lo a um asilo, embora os psiquiatras me aconselhassem a fazê-lo. Em vez disso, decidi mantê-lo em nossa casa em St. Moritz, onde poderia cuidar dele e onde achava que ele seria mais feliz

com sua liberdade e sua vida familiar. Porém mais tarde percebi que os médicos estavam certos e Nijinsky foi levado para um sanatório, para o qual eu o acompanhei. Tentei lhe assegurar a melhor ajuda possível e depois de consultar os mais proeminentes especialistas, incluindo Freud e Jung, passamos vários meses em Viena, onde Nijinsky foi tratado numa clínica. Então fomos para Paris, esperando que seus meios artísticos anteriores o estimulassem para a consciência. Mas nada parecia funcionar. Ao contrário, seu estado gradualmente piorava, escapava cada vez mais da realidade, e nós eventualmente retornamos uma vez mais à Suíça... Durante esse período, tive muito tempo para meditar, e percebi que era meu dever para com a história da arte e para com o próprio Nijinsky deixar que o mundo soubesse que ele era mais do que um grande bailarino. Pouco depois de nosso casamento, meu marido pediu-me para anotar suas idéias artísticas, pois esperava com elas ajudar os estudantes de dança. E comecei a escrever o que mais tarde se tornou a biografia de Nijinsky.

Quando escrevi a biografia de meu marido, quis recapturar sua arte para os séculos futuros, reconstruir tudo que havia nele. Tentei, em minha modesta maneira, fixar todo evento, todo fato, e apresentar um retrato verdadeiro de Nijinsky, sua vida, sua arte, e todos aqueles que estiveram em contato com ele. O mundo sentiu a franqueza e a veracidade de meus livros e tem lhes concedido uma entusiástica recepção, pela qual me sinto profundamente grata.

Numa recente visita à Rússia, tive oportunidade de encontrar e conversar com muitas pessoas: artistas, estudantes, etc. Em todos os lugares a que fui, descobri que meu marido era lembrado com grande admiração

e respeito por artistas e leigos. Seu nome é reverenciado pelos jovens estudantes de dança, para quem serve de inspiração. Seus conterrâneos sabem que ele não foi um desertor como muitos outros que denunciaram e deixaram a Rússia para seus próprios proveitos pessoais. Foi somente por causa das circunstâncias da guerra e de sua doença que Nijinsky foi impedido de voltar à sua terra natal como havia planejado. Era lá que pretendia estabelecer sua academia de dança.

Muito se tem escrito sobre a arte de Nijinsky como bailarino e coreógrafo. Nijinsky tem um direito maior à fama do que qualquer bailarino, derivado de suas conquistas na esfera interpretativa, mas é no domínio da arte coreográfica que sua fama permanecerá para sempre. Com um preciso gosto e infalível julgamento, ele revolucionou a arte da coreografia, estabelecendo o estilo moderno — o do século XX — em seus balés A Tarde de um Fauno *e* A Sagração da Primavera.

O Diário *de Nijinsky não é somente um raro documento humano: é único. Permite um mergulho na vida interior de um artista criativo — um gênio. Sua grande delicadeza, sua tolerância para com os outros, seu pensamento místico, seu amor passional de paz e Deus são corporificados em seu* Diário. *Permite-nos seguir seus sentimentos, seus pensamentos, entre os dois mundos — o racional e o irracional.*

Grandes homens como Nietzsche e Van Gogh atravessaram uma agonia semelhante quando do criativo estado visionário da mente sucumbiram ao mundo da irrealidade. Mas nenhum deles registrou um relato de sua transição como Nijinsky em seu Diário.

Agora, aproximadamente duas décadas após sua morte, estou lhes dando este Diário *na esperança de ser do interesse de muitos e ajudar, como um documento*

para os estudantes de psiquiatria, a lançar alguma luz no belo mistério da mente e coração de Nijinsky.

Existem muitos que podem falar de Nijinsky como artista e bailarino — mas somente três pessoas têm ou tinham o direito e autoridade para falar de sua vida pessoal. Elas são Diaghilev e meu marido, ambos infelizmente mortos, e eu. Contei-lhes em meus livros sobre meu marido, tudo que tinha a dizer. Agora lhes dou as palavras do próprio Nijinsky.

Romola Nijinsky
São Francisco
Abril, 1967

PARTE I

VIDA

AS PESSOAS dirão que Nijinsky finge estar louco por causa de suas más ações. Más ações são coisas terríveis; eu as odeio e não quero cometer nenhuma. Já cometi erros antes porque não entendia Deus. Eu O sentia mas não entendia o que todos estavam fazendo. Todas as pessoas têm "sentimento",* mas não entendem o que é. Quero escrever esse livro para explicar o que é o sentimento. Muitos dirão que essas são apenas opiniões minhas, mas sei que o meu ponto de vista é o certo, porque vem de Deus. Deus está em mim. Cometi erros mas os corrigi com a minha própria vida. Sofri mais que qualquer um no mundo.

Convidei alguns amigos para um passeio a Maloja, a algumas milhas de St. Moritz. É um passeio adorável se o tempo estiver bom. Amo a natureza, especialmente a natureza russa, pois fui criado na Rússia. Amo a Rússia. Minha mulher tem pavor da Rússia. Tanto faz para mim onde eu viva. Vivo onde Deus desejar. Viajarei

* Quando Nijinsky se refere ao "sentimento", ele quer dizer o instinto — o impulso da mente inconsciente.

toda minha vida se Deus assim o desejar. Desenhei um retrato de Cristo sem bigodes e sem barba, com cabelos longos. Pareço com Ele, só que Ele tem um olhar calmo e meus olhos são agitados. Eu sou um homem de *movimento*, não de imobilidade. Tenho hábitos diferentes dos de Cristo. Ele amava a imobilidade e eu amo o movimento e a dança.

Ontem eu estava na casa da pequena Kyra.* Ela estava sufocada de tanta bronquite. Não sei por que lhe deram um inalador com remédio. Sou contra todas as drogas. Não quero que as pessoas as tomem. Remédio é uma coisa inventada. Conheço pessoas que são viciadas em remédio. Acham que é uma coisa necessária. Remédio é útil apenas como socorro, mas só a Natureza pode dar e restaurar a saúde. Tolstoi também não gostava de remédio. Eu gosto quando necessário. Eu disse que é inútil. Eu disse a verdade porque é assim. Se você acredita em mim — tudo bem. Acredito em Deus e portanto escrevo tudo o que Ele me diz.

Minha mulher disse que me comportei como um espírita na festa de ontem à noite.** Disse-lhe que não girei como os médiuns em sessões espíritas. As pessoas em transe espírita parecem bêbadas e eu não estava bêbado porque sabia o que estava fazendo. Não sou um bêbado, mas sei o que é a bebedeira porque tenho tomado vinhos e ficado bêbado. Não quero que as pessoas bebam e façam sessões espíritas. É ruim para a saúde.

Agora quero falar de Nietzsche e Darwin porque eram homens de pensamento. Darwin acreditava que os homens descendiam dos macacos. Ele pensava que havia descoberto uma nova teoria. Essa manhã pergun-

* Kyra, a filha de Nijinsky, estava morando numa casa vizinha por causa das condições nervosas de Nijinsky.
** Nijinsky está se referindo a sessões espíritas, que são descritas em *Nijinsky*, de Romola Nijinsky, capítulo XIX.

tei à minha mulher sobre Darwin e Nietzsche pois sentia pena de Nietzsche. Gosto dele. Ele teria me entendido. A teoria de Darwin é falsa. Ele não sentia a Natureza. Natureza é vida e vida é natureza. Eu a amo e sei o que ela é. Eu a entendo porque a sinto e ela me sente. A Natureza é Deus e eu sou a Natureza. Eu estou vivo. A Natureza é uma coisa maravilhosa. Sei que ela me ajudará a estudá-la. Mas a estudo apenas pelo sentimento. O sentimento é grande e portanto sei o que a natureza é. Os macacos são uma parte da Natureza, assim como os homens, mas um macaco não tem a natureza de um homem. Eu sinto o movimento. Eu me movo simplesmente e os movimentos de um macaco são complicados. Um macaco é estúpido. Também sou estúpido mas tenho sensibilidade. Sou um ser sensível e um macaco é um ser insensível. O homem vem de Deus. Deus não é um macaco. O Homem é Deus. Tanto um homem como um macaco têm braços. Sei que organicamente um homem parece um macaco, mas não espiritualmente. Os macacos vêm do macaco e foram criados por Deus. Deus veio de Deus. Eu sou um homem que descende de Deus e não de um macaco. Eu sou Deus se O sinto. Sei que muitos me admirarão e isto me fará feliz, porque meu alvo será atingido.

Dançarei para ganhar dinheiro. Quero dar à minha mulher uma casa completa, com tudo. Ela quer ter um filho, uma reencarnação minha, pois tem medo que eu morra cedo. Acha que sou louco — ela tem essa idéia porque pensa muito. Eu penso pouco e portanto entendo tudo o que sinto. Estou sentindo através da carne e não do intelecto. Eu sou a carne. Eu sou o sentimento. Eu sou Deus em carne e sentimento. Sou um homem e não Deus. Eu sou simples. Preciso não pensar. Devo me fazer sentir e entender através dos sentimentos. Os

cientistas pensam sobre mim e quebram suas cabeças, mas seus pensamentos não trarão resultado algum. Eles são burros. Falo simplesmente, sem truque algum.

O mundo foi feito por Deus. O homem foi feito por Deus. É impossível para o homem entender Deus, mas Deus entende Deus. O homem é parte de Deus e, portanto, às vezes entende Deus. Sou ambos. Deus e homem. Eu sou bom e não uma fera. Sou um animal com uma mente. Sou carne e venho da carne. Deus fez a carne. Eu sou Deus. Eu sou Deus. Eu sou Deus...

Sou feliz porque sou o amor. Amo Deus e por isso sorrio para mim mesmo. As pessoas pensam que ficarei louco e perderei a razão. Nietzsche perdeu a razão porque pensava muito. Eu não penso e portanto não posso ficar louco. Meu escalpo é forte e duro. Tenho que ficar de ponta-cabeça no balé Scheherazade, no qual represento um negro fatalmente ferido. Eu o retratei bem e por isso o público me entendeu. Agora expressarei o sentimento e o público me entenderá. Conheço o público porque o estudei muito bem. Gosta de ser surpreendido mas entende pouco de Arte, por isso facilmente se assombra. Sei como surpreendê-lo e portanto estou certo do sucesso.

Quero ter milhões para fazer a Bolsa de Valores tremer. Quero arruinar a Bolsa. Eu sou a vida e vida é o amor das pessoas umas pelas outras. A Bolsa de Valores é a morte..Rouba dos pobres que trazem seu último dinheiro na esperança de realizar suas ambições. Gosto dos pobres então jogarei na Bolsa só para arruinar os corretores. Eles jogam com somas enormes. Somas enormes são a morte e portanto não vêm de Deus. Quero fazer dinheiro na Bolsa e para isso irei a Zurique.

Minha mulher quer que vá a Zurique para que um especialista de nervos examine meu sistema nervoso.

Prometi dar-lhe 100 mil francos se o médico disser que tenho nervos ruins. Se ela perder, não pagarei. Não tenho esse dinheiro agora, mas lhe prometi. Jogarei na Bolsa mas para isso terei que ficar várias semanas em Zurique. Irei para lá nos próximos dias. Não tenho dinheiro e espero que minha mulher me dê algum. Irei com ela. Ela me levará com seu próprio dinheiro. Tenho um pouco no banco, uns 200 francos. Jogarei com essa quantia. Quero perder até meu último dinheiro, assim talvez eles me dêem mais algum. Deus me ajudará a ganhar e não tenho medo. Ele quer que eu quebre a Bolsa. Daí tirarei meu dinheiro e não da dança. Olharei os jornais e comprarei algumas ações. Não entendo alemão mas entenderei o que for preciso.

Essa manhã, antes do almoço, fui ao Hanselmann. Tomei um copo de porto e perdi a consciência porque Deus assim o quis. Não queria me comportar estupidamente por considerar isso a morte.

Não posso forçar minha mulher a se tornar vegetariana. Ela come carne porque adora. No almoço, repentinamente quebrei uma noz com a força de um gigante. Sou muito forte. Tenho punhos fortes. Ela se assustou e disse que bati de propósito. Ela estava certa porque realmente bati de propósito. Agora ela me sente melhor. Fingi estar doente por causa do vinho que bebera antes do almoço — um pequeno copo com uma torta! Senti-me tonto mais tarde. Saí para a rua com A.* e andei alguns passos. Estava muito bambo e meus joelhos pareciam ceder. Quase caí e A. ficou muito satisfeita comigo. Ela adora gente bêbada. Conheço seus hábitos. Adora o marido — eles bebem juntos. Deus queria que eu entendesse A. Ontem ela veio para dar

* A., uma amiga russa.

uma volta comigo porque queria comprar sapatos. Hoje lhe dei um par pois não tinha nenhum. Tenho sapatos e não preciso de mais. Dei-lhe os meus pois lhe serviam. Meus pés são ligeiramente maiores que os dela. Ela não me sente quando falo com ela.

A toda e qualquer oportunidade, digo à minha mulher: "É ruim comer carne." Ela me entende mas não quer comer só vegetais, julgando tratar-se apenas de um capricho meu. Desejava o seu bem quando lhe pedia para não comer salsichas à noite, sabendo de seus efeitos. Ela diz: "O que é bom para você, não é bom para mim." Não me entende quando digo que sempre se deve fazer aquilo que se acha que está certo. Ela pensa muito e por isso não tem sentimento suficiente. Não tenho medo que me deixe, mas não me casarei de novo. Amo-a muito e portanto pedirei seu perdão se Deus assim o desejar. Deus não quer que eu o faça, pois não quer que ela coma carne. Dei todo o dinheiro para minha mulher e freqüentemente lhe dizia que se não comêssemos carne, economizaríamos mais. Ouviu-me mas não fez o que lhe pedi. Ela me ama, portanto teme pela minha saúde. Disse-lhe que se não gosta de tudo que faço, podemos nos divorciar e lhe acharei um marido bom e rico. Disse-lhe que eu não poderia continuar vivendo assim, apesar da minha paciência ser grande. Fiquei nervoso com o mandado de Deus e assim bati na noz com o meu punho. Minha mulher se assustou e ficou muito nervosa, então saí para escrever.

Romola é o nome de minha mulher. É um nome italiano. Recebeu esse nome de seu pai, um homem de grande cultura que adorava a Itália da Renascença. Não gosto de séculos passados pois estou vivo. A caneta-tinteiro com que escrevo me foi dada por minha mulher

no Natal. Essa festa é chamada Natal no mundo inteiro onde houver cristãos.

Hoje usei a pequena cruz que Emma me deu. Emma é a mãe de minha mulher. Ela me ama e à Kyra também, e acha que prova sua afeição dando presentes. Acha que o amor está nos presentes. Eu acho que um presente não é a expressão do amor. É um hábito. Deve-se dar presentes às pessoas pobres e não àquelas que têm posses. Kyra tem o suficiente e portanto não precisa mais de presentes. Dou à Kyra o suficiente porque ganho através da dança. Emma não entende o valor do dinheiro e então esbanja-o. Sabe que a entendo e por isso me ama. Mas preferiria que desse presentes às pessoas que necessitam. Emilia* é uma boa mulher, ama os pobres e lhes dá muito. Não acho que seja suficiente dar muito. Deve-se procurar os pobres em vez de dar às instituições de caridade. Dançarei para tais instituições apenas porque isso me possibilita expressar minha personalidade. Quero ser uma personalidade para cumprir minha missão. Minha missão é a missão de Deus. E portanto quero fazer tudo para cumpri-la. Escrevo porque Deus me manda. Não quero ganhar dinheiro através desse livro. Não quero ficar rico mas Deus quer que eu seja rico porque conhece meus objetivos. Não amo o dinheiro — amo as pessoas. E elas me entenderão depois que eu lhes tiver fornecido meios de subsistência. Os pobres não têm condições de ganhar. Os ricos devem ajudá-los. Não adiantará nada entregar todos os meus vencimentos às instituições de caridade. Essas instituições se enriquecem e nem sequer pensam em prestar assistência. Um homem pobre não vai a essas instituições por ter vergonha de ser mal interpretado. Os pobres gostam de presentes dados simplesmente. Eu dou naturalmente,

* Emma ou Emília é usado para a mesma pessoa.

sem fazer alarde. Não falo de Cristo quando dou um presente. Fujo dos pobres quando querem me agradecer. Odeio a gratidão. Não dou por gratidão. Dou por amar a Deus. Eu sou o Seu presente. Eu sou Deus num presente. Amo a Deus e Deus quer que eu dê presentes pois sei como dá-los. Não irei como Cristo de casa em casa, encontrarei as pessoas e elas me convidarão para seus lares. Estudarei suas famílias e as ajudarei de todas as maneiras. O dinheiro é um meio de ajudar, mas não a ajuda em si. Não darei dinheiro porque um homem pobre nem sempre sabe como usá-lo. A. é pobre. Ela não tem roupas. Tento todo tipo de artimanhas para ajudá-la.

Ela diz coisas estúpidas em húngaro à minha mulher. Eu entendo húngaro. Trata-se de uma língua simples e fácil de ser entendida por um homem de sensibilidade. Entender não significa saber todas as palavras. Eu entendo todas as línguas. Conheço poucas palavras mas minha sensibilidade é muito afiada. Gosto de desenvolver minha sensibilidade, pois devo entender tudo o que está sendo dito.

Fingirei estar morrendo, ou doente, para entrar na cabana do pobre. Farejo o pobre como o cão fareja a caça. E farejo muito bem. Encontrarei o pobre sem o seu chamado. Não preciso de chamados. Irei pelo faro. Não serei enganado. Não darei dinheiro ao pobre. Darei vida. Vida não é pobreza. Pobreza não é vida. Eu quero vida. Eu quero amor.

Sinto que minha mulher tem medo de mim porque seus movimentos foram muito decididos quando lhe pedi que me desse um pouco de tinta. Ela sentia frio e eu também. Tenho medo do frio porque é a morte. Escreverei rapidamente porque não me foi dado muito tempo. Gostaria muito que Kostrovsky* me ajudasse pois ele me entende. Eu falaria e ele escreveria, e assim poderíamos criar alguma outra coisa. Posso escrever e pensar em outra coisa ao mesmo tempo. Sou Deus no homem. Sinto o que Cristo sentiu. Sou como Buda. Sou o Deus budista e toda espécie de Deus. Conheço cada um deles. Encontrei-os todos. Finjo estar louco de propósito, para meus próprios objetivos. Sei que se todos pensarem que sou um louco inofensivo, não terão medo de mim. Não gosto das pessoas que pensam que sou um perigoso lunático. Sou um louco que ama a humanidade. *Minha loucura é o meu amor pela humanidade.*

Disse à minha mulher que inventei uma caneta que nos dará muito dinheiro, mas ela não acredita em mim porque pensa que não sei o que estou fazendo. Mostrei-lhe a caneta e um lápis para explicar minha invenção. Eu a enviarei a Steinhardt, meu advogado e amigo, e lhe pedirei para patenteá-la. Steinhardt é um homem inteligente e portanto compreenderá a importância da minha invenção. Quero vender a minha patente. Se eles concordarem, eu a venderei. Se não, eu a destruirei.

Não sou rico e não quero riquezas. Quero amor e portanto repudiar todo o sórdido dinheiro — a sujeira. Darei vida aos pobres. Eles não morrerão de fome. Nem eu, pois sei o que fazer para evitar isso.

Não sou uma criança prodígio para ser exibida — sou um homem sensível. Milhões de anos se passaram desde a criação do homem. Os homens pensam que Deus está onde as invenções tecnológicas estão mais avançadas. Deus já estava lá, quando não havia nenhum mecanismo. O aço é uma coisa necessária, mas também terrível. Um avião é uma coisa terrível. Voei num avião

* Kostrovsky era amigo de Nijinsky, um tolstoiista, que tentou influenciá-lo enormemente. Era epilético e morreu louco.

e chorei dentro dele. Não sei por que, mas senti que os aviões destroem os pássaros. Todos os pássaros fogem ao sinal de um avião. Um avião é uma coisa útil mas que não deve ser exagerada. É uma coisa vinda de Deus e portanto gosto dele, mas não deve ser usado para fins de guerra. Um avião deveria expressar boa vontade. Gosto de aviões e por isso voarei neles onde não houver pássaros. Adoro os pássaros. Não quero assustá-los. Um conhecido aviador estava sobrevoando a Suíça e bateu numa águia. A águia é selvagem e não gosta de outros pássaros, mas não se deve matá-la pois Deus deu-lhe vida.

Freqüentei duas escolas em Petersburgo, onde me ensinaram o suficiente. Não precisei de uma educação universitária, pois não me era necessário saber muito.

Não gosto de universidades porque gastam seu tempo com política. A política é a morte. É inventada pelos governos. Os homens perderam seu rumo e não conseguem se entender, então se dividiram em partidos. Esqueci sobre o avião que bateu numa águia. A águia é um pássaro de Deus e não se deve matar czares, imperadores e reis. Gosto dos czares e dos aristocratas, mas suas ações nem sempre são boas. Eu lhes darei um bom exemplo, não os destruindo. Eu os ajudarei de todas as maneiras porque amo a Deus, mas imploro a todos que me ajudem nisso, pois sozinho não poderei fazer tudo o que Deus quer. Quero que todos me ajudem e todos devem vir a mim para pedir ajuda. Eu sou Deus e meu endereço é em Deus. Não moro nas ruas, moro nos homens. Quero trabalhar com os sentimentos dos homens. Adoro o sentimento simples que todos têm. Não quero que as pessoas tenham sentimentos ruins.

A guerra não acabou através do pensamento dos homens. Sei como se poderia acabar com a guerra.

Wilson quer acabar com ela, mas os homens não o entendem. Ele quer a tolerância em política, portanto não gosta da guerra. Ele não a queria.

Lloyd George é um homem simples, mas muito inteligente. Sua inteligência destrói o sentimento e por isso não tem sabedoria política. Lloyd George é um homem difícil. Diaghilev é um homem terrível. Não gosto de homens terríveis, mas não lhes farei mal. Não quero que sejam mortos. Eles são águias. Impedem os passarinhos de viver, e portanto deve-se ficar prevenido contra eles. Gosto deles porque Deus deu-lhes vida e Ele tem direito sobre suas existências. Não devo julgá-los e sim Deus, mas lhes direi a verdade. Dizendo-lhes a verdade, destruirei o mal que têm feito. Sei que Lloyd George não gosta de pessoas que lhe obstruam o caminho. Diaghilev também não. Diaghilev é menor que Lloyd George mas também é uma águia. Uma águia não deve se intrometer com os pássaros menores, por isso devemos alimentá-las o suficiente para que elas não os ataquem. Diaghilev é um homem ruim e adora garotos. Deve-se impedir de todas as maneiras que homens como ele prossigam com seus atos. Todavia não se deve trancá-los. Eles não devem sofrer. "Cristo não é o Anticristo", como disse Merejkovsky. Dostoievski escreveu sobre um galho de duas pontas. Tolstoi falava sobre uma árvore que tinha ramos e raízes. Um ramo não é uma raiz e uma raiz não é um ramo. Gosto das raízes porque são úteis. Cristo é Deus, Anticristo não é Deus. Não gosto do Anticristo porque não é Deus. O Anticristo não existe mais, como as coisas nos museus e a história. Não gosto de história e de museus, pois são como cemitérios. Dostoievski foi um grande escritor que descreveu sua vida sob a máscara de diferentes personalidades.

As pessoas vão à igreja procurar por Deus. Deus não está na igreja. Ele está na igreja e em toda parte onde o procurarmos, portanto irei à igreja também. Não gosto de igreja pois lá não se fala de Deus, fala-se de aprendizado. Aprendizado não é Deus. Deus é a sabedoria e aprendizado é o Anticristo. Falo energicamente para ser mais bem entendido e não para ferir as pessoas. Mas mesmo assim ficarão ofendidas porque pensarão em vez de sentir. Sei que o mundo inteiro está contaminado de podridão, até as árvores. A árvore de Tolstoi é vida, portanto devemos lê-lo. Conheço seu *Anna Karenina*, mas não me lembro bem. Também li *Guerra e Paz*. Tolstoi é um grande homem e um grande escritor. Envergonhou-se de seu trabalho nos últimos anos, quando pensava estar mais perto de Deus. Gosto de jornalistas que gostam das pessoas, são compreensivos, mesmo aqueles que são obrigados a escrever bobagens por dinheiro. Merejkovsky escreve maravilhosamente. P. H. escreve inteligentemente. Conheço a polêmica entre P. H. (Phil) e uma revista chamada *Novos Tempos*.* Phil não entendia Merejkovsky. Merejkovsky procurou por Deus sem encontrá-lo.

Preferiria que meus textos fossem fotografados em vez de impressos, pois a impressão acaba com a caligrafia. A caligrafia é uma coisa adorável; viva e cheia de características. Quero que minha caligrafia seja fotografada para que as pessoas a entendam como vinda de Deus. Poderia escrever maravilhosamente mas não quero ser perfeito. Não sou um aristocrata. Venho do povo. Amo os aristocratas mas quero amor para todas as pessoas. Amo meus criados e amo minha mulher. Eu a

* *Novoe Vremia*, um dos mais importantes jornais de São Petersburgo, antes da revolução.

entendo. Gosta de boas maneiras. Não tenho maneiras finas porque não quero. Meu amor é simples.

Sei que se um homem que souber analisar manuscritos ler este, dirá que "o autor é um homem incomum", porque minha caligrafia pula. Sei que caligrafia tremida quer dizer bondade de coração. Sou capaz de dizer quem é bom só pela sua caligrafia. Diaghilev é um homem mau, mas sei como me precaver de sua maldade. Ele acha que minha mulher é que sabe tudo e então tem medo dela. Não tem medo de mim porque costumava me comportar nervosamente. Ele não gosta de pessoas tensas, mas é nervoso pois está sempre se excitando, tanto quanto seus amigos.

Z., seu amigo, é um homem muito bom mas um chato. Seu objetivo é simples. Quer ficar rico e aprender tudo o que Diaghilev sabe. Z. não sabe nada. D. pensa que é o Deus da Arte. Quero desafiá-lo para que o mundo inteiro veja. Quero mostrar que toda a arte de Diaghilev é pura bobagem. Ajudarei as pessoas a entender Diaghilev. Trabalhei com ele por cinco anos sem descanso. Conheço todas as suas manhas e hábitos. Estive com Diaghilev. Conheço-o melhor que ele mesmo, seus pontos fracos e fortes. Não tenho medo dele. É um homem rico, pois seus pais lhe deixaram uma fortuna. Os espanhóis derramam o sangue dos touros e portanto gostam de matar. São terríveis porque matam touros. Nem a Igreja e o Papa podem pôr fim a essa matança. Os espanhóis acham que o touro é uma fera. O toureiro chora antes de matar o touro. Conheço muitos toureiros cujos estômagos o touro arrebentou. Eu odiava essa matança mas não era compreendido. Diaghilev disse a Z. que a tourada é uma arte magnífica. Sei que ambos dirão que sou louco e que não se pode ficar ofendido comigo, pois D. sempre usou este truque; acha

que ninguém o entende. Eu o entendo e portanto vou desafiá-lo a uma tourada. Eu sou o touro, um touro ferido. Eu sou Deus num touro. Eu sou Ápis. Eu sou um egípcio. Sou um índio. Sou um pele-vermelha. Sou um negro. Sou um chinês. Sou um japonês. Sou um estrangeiro, um estranho. Sou um pássaro marinho. Sou um pássaro terrestre. Sou a árvore de Tolstoi. Sou as raízes de Tolstoi — Tolstoi é meu. Eu sou dele. Tolstoi viveu na mesma época que a minha. Eu o amava mas não o entendia — Tolstoi é magnífico e eu temia o magnífico. Os jornais não entenderam Tolstoi; após sua morte foi endeusado por uma das revistas, só enquanto queriam menosprezar o Czar. O Czar é um homem como todos nós e portanto não desejava sua morte. Tenho pena do Czar.

Amo Zola, embora o leia muito pouco. Conheço um conto seu que me fez compreendê-lo. Quero ler muito de seus trabalhos. Estou muito triste pela morte de Zola, porque foi asfixiado. Os homens o mataram porque temiam a verdade. Serei morto em seguida, não temo a morte. Não quero a morte de meu assassino e por isso imploro às pessoas que, depois que eu for assassinado, não o linchem nem o matem pois não foi sua culpa. O assassino caminha para a morte; aqueles que começaram a guerra são assassinos porque matam milhões de inocentes. Sou um homem em um milhão. Não estou sozinho porque sinto mais que um milhão.

Minha família pensa que não entendo o que estão falando em húngaro. Escrevo e ao mesmo tempo escuto a sua conversa. Escrever não me impede de pensar em outra coisa. Morei na casa de minha sogra durante a guerra. Certa vez quis entrar num restaurante mas uma força interior me deteve. Parei repentinamente diante de um restaurante freqüentado por operários. Queria

entrar mas preferi não entrar pois não era um operário. Gosto dos operários. Sentem mais que os ricos. São exatamente iguais aos ricos, a única diferença é que têm pouco dinheiro. Vi alguns operários hoje e por isso quis falar sobre eles. Eles bebem vinho barato.

Eu gostava das cocotes de Paris quando estava com Diaghilev. Ele achava-me tolo mas eu costumava correr atrás delas. Percorria Paris procurando cocotes baratas, mas tinha medo que as pessoas percebessem minhas ações. Sei que aquelas mulheres não têm doenças porque estão sob supervisão especial da polícia. Sabia que tudo que fazia era horrível e que se fosse descoberto, estaria perdido. Naqueles dias cometi muitas tolices. Todos os jovens cometem tolices. Pelas ruas de Paris saí em busca de cocotes. Procurava por muito tempo porque queria que a garota fosse saudável e bonita — às vezes procurava o dia inteiro e não encontrava ninguém porque era inexperiente. Amava várias cocotes todos os dias. Caminhava pelos bulevares e freqüentemente encontrava cocotes que não me entendiam. Costumava usar toda sorte de truques para chamar sua atenção, pois como me vestia simplesmente, mal olhavam para mim. Vestia-me discretamente para não ser reconhecido. Um dia estava seguindo uma cocote quando percebi um jovem me olhando fixamente. Estava numa carruagem com sua mulher e seus dois filhos. Reconheceu-me e me senti terrivelmente humilhado, então virei me ruborizando. Mas continuei minha caçada. Se minha mulher ler isso, ficará louca porque confia em mim. Menti-lhe dizendo que era a primeira mulher que conhecera. Antes dela conheci outras. Ela era simples e adorável de se olhar.

Certa vez amei uma mulher que me ensinou tudo. Fiquei chocado e disse que era uma pena fazer coisas

como aquelas. Respondeu-me que se não fizesse isso, morreria de fome. Disse-lhe que não queria nada e deixei-lhe dinheiro. Ela me implorou para ficar mas eu não concordaria porque me senti humilhado por ela. Deixei-a sozinha. Descobria quartos em pequenos hotéis. Paris está cheia deles. Conheço muitos hotéis desse tipo que vivem de alugar quartos por uma hora ou duas para amor livre. Chamo-o de "amor livre" quando os homens gostam de excitar as mulheres. Odeio excitação e por isso não como carne. Comi carne hoje e senti um desejo ardente por uma prostituta. Não amava aquela mulher mas meu desejo me levou atrás dela. Quis fazer amor com ela mas Deus me conteve. Temo a luxúria porque conheço bem o seu significado. É a morte da vida. Os homens com esse impulso ficam como animais. Não sou um animal e então voltei para casa. No caminho Deus me parou porque não queria que eu continuasse. De repente notei a mesma garota com um homem. Ela estava tentando impedi-lo de entrar num restaurante. O homem então lhe pediu em italiano para entrar no restaurante com sua namorada. Fiquei lá estarrecido por muito tempo — meus sentimentos estavam me prendendo ali. Depois que entraram no restaurante, um velho fechou a porta, dizendo-me bom dia. Respondi, pois tinha o hábito de cumprimentar todo mundo mesmo sem conhecer. Compreendi que todas as pessoas são iguais. Freqüentemente declaro, mas nem sempre sou compreendido, que somos todos iguais. Com isso quero dizer que se deve amar a todos. Amo minha mulher mais que a qualquer um no mundo. Disse-lhe isso hoje. Minha mulher continua a chorar em sua alma mas não tenho medo de sua tristeza. Eu a amo mas não posso desistir de escrever, pois é muito importante para mim. Ela tem medo que esteja escrevendo coisas imperdoáveis. Rio do seu pranto pois conheço bem o seu significado. Quis acariciá-la mas minha mão continua escrevendo. Ela está lendo o que escrevo, olhando por baixo de minha mão. Eu lhe disse que se quiser saber antes dos outros, deve aprender russo, mas na realidade não quero que aprenda, porque não quero que saiba o que estou escrevendo. Não quero que ninguém leia antes dos outros. Logo publicarei esse livro. Minha mulher está chorando porque tem medo que eu não pare. Pararei de escrever só se Deus o desejar. Amo minha mulher porque sentiu o que estou escrevendo e teme por mim. E também tem medo que, se eu for assassinado, ela e a criança fiquem sozinhas nesse mundo.

A mãe de Romuska* é uma mulher difícil. Amo-a mas sei que se descobrir que não tenho dinheiro, me renegará.

Ela discute os assuntos com seu marido à noite. Gosta de pensar à noite. Conheço seus hábitos porque morei na mesma casa. Ela me ama porque sabe que sou uma celebridade. Não gosto de celebridades. Quero que ela pense que estou louco, assim terei oportunidade de estudá-la. Gosto dela mas conheço seus costumes. Tem um bom coração mas briga muito com o marido. Minha mulher sofreu muito por causa de sua mãe quando moramos juntos. Também sofri pelos sofrimentos de minha mulher. Sei que algumas pessoas dirão que isso não é verdade porque minha sogra beija minha mulher, a mim e à pequena. Ela pode fingir porque é uma atriz e sei que sua representação não tem sentimento, é puro fingimento. Falei de sua hospitalidade porque não quero que as pessoas pensem que sou maldoso.

* Romuska é o diminutivo de Romola.

Não finjo e escrevo a verdade. Um dia magoei Louise, a criada, mas depois senti-me tão mal que não encontrei paz em lugar algum.

Minha mulher esclareceu tudo. Disse a Louise que eu estava nervoso e que não tive intenção de magoá-la, e a criada veio muito envergonhada pedir meu perdão. Estendi-lhe a mão e disse que a amava. Ela me compreendeu e desde então nos tornamos bons amigos.

Amo minha mulher e não lhe desejo mal algum, portanto irei e ganharei dinheiro para fazê-la feliz. Não quero que sofra e gostaria de ganhar o suficiente para ela viver, se eu tiver que ser morto. Não temo a morte, mas minha mulher teme. Pensa que a morte é uma coisa horrível. Quero que entendam que a agonia mental é que é uma coisa horrível e não a morte do corpo.

Não posso mais confiar em minha mulher, pois sinto que ela quer dar esse diário para ser examinado pelo médico. Falei que ninguém tem o direito de tocar em meus livros. Não quero que as pessoas os vejam, por isso escondi-os e essa parte aqui carregarei comigo. Esconderei minhas anotações pois as pessoas não gostam da verdade. Tenho medo das pessoas pois acho que me machucarão. Mas continuarei amando-as mesmo que me machuquem, pois são criações de Deus. Amo minha mulher e ela me ama, mas acredita em médicos. Conheço os médicos, eu os entendo. Querem examinar minha cabeça mas eu quero examinar suas mentes. Eles não podem examiná-la pois não a viram. Escrevi alguma poesia* para que os médicos pudessem examinar o trabalho da minha cabeça. Escrevi sensivelmente, mas eles faziam perguntas sem sentido. Minhas respostas eram rápidas e precisas. Não quiseram aceitar um dos poemas porque acharam que não era importante

* Nijinsky refere-se a um teste de associação.

do ponto de vista psicológico. Fizeram tudo isso propositadamente, pensando que eu não sabia o que estava fazendo, mas sei de tudo que faço e portanto não tenho medo. Finjo estar louco de propósito para ser colocado num hospício. Sei que A. telefonou para o médico para falar de mim, mas não tenho medo deles. Conheço o amor de minha mulher. Ela não me deixará. Ela tem medo de mim mas nunca me deixará. Estou apavorado de ser trancado e perder meu trabalho.

Não quero a morte dos sentidos. Quero que as pessoas entendam. Não posso chorar e derramar lágrimas sobre o que escrevo. Apenas choro por dentro. Estou triste. Amo todo mundo. Escrevo rápida e claramente. Sei que as pessoas geralmente gostam do que escrevo.

Desejo que Wilson tenha êxito em suas missões, pois estão próximas da verdade. Sinto a morte iminente de Wilson. Também temia por Clemenceau porque é um bom homem. Sua política é estúpida e por isso sua vida está por um fio. Os homens sentem os erros dele. Ele não tem consciência disso e portanto sua vida está em perigo. Amo Clemenceau porque é uma criança. Conheço crianças que fazem coisas horríveis sem querer. Lloyd George não sabe que será desmascarado e por isso ergue muito alto sua crista. Quero abaixar sua crista. Gosto dele mas devo escrever a verdade. Sei que se ler essas notas, me compreenderá. Sei que Clemenceau é honesto — ele é a política da França. É um homem trabalhador mas estava errado quando mandou a França para a morte. É um homem que procura a bondade, uma criança com uma grande inteligência. Alguns políticos são hipócritas, como Diaghilev, que não quer o amor universal mas ser amado sozinho. Quero o amor universal.

Quero dançar em benefício dos pobres na França. Sou descendente de polonês, mas russo de coração porque fui criado na Rússia. Eu amo a Rússia. Paderewsky tornou-se um político mas é um pianista. Gosto de pianistas que tocam com sentimento. Música com sentimento é Divino. Não gosto de técnica pura sem sentimento. Conheço pessoas que discordarão e dirão que Paderewsky é um músico de sentimento. Não gosto de política e detesto políticos que procuram alargar as fronteiras de um país. Gosto de política cujo objetivo é manter um país longe da guerra.

Direi toda a verdade e outros continuarão o que comecei. Sou como Zola, só que quero falar em vez de escrever novelas. As novelas impedem que se entendam os sentimentos. Procuro a verdade num livro e não o tema. Não gosto de disfarce. É hipócrita. Os criminosos não deveriam ser postos na prisão ou mortos. Não são homens terríveis e não tenho medo deles. Durante a Guerra Mundial, todo homem foi um criminoso. Os governos protegeram os criminosos porque os crimes dos governos foram executados por eles. Deus não protege um governo que faz a guerra. Ele não quer a guerra e então lançou horrores sobre a humanidade. Eu mesmo sou um criminoso porque mato a mente. Não quero pensamento, quero sabedoria. Eu sou Deus. Eu sou o Amor. Eu quero escrever uma carta ao médico. Escreverei neste caderno e não em papel de carta:

"Meu caro amigo, tenho lhe magoado; mas não foi minha intenção, pois o amo. Quero-lhe bem e por isso finjo estar louco. Queria que sentisse o que estava pensando e sentindo, mas você falhou, pois achou que eu estava louco. Eu fingia ser um homem muito nervoso para que você pudesse sentir que eu *não* estava nervoso. Sou um homem que disfarça seus sentimentos. Não quero mal algum à minha mulher, eu a amo. Eu o amo. Eu sou a política de Cristo. Eu sou Cristo. Eu odeio o ridículo. Eu *não* sou engraçado. Amo todo mundo e não há nada ridículo em amar todo mundo. Eu lhe conheço. Você tem sentimentos. Não gosta de coisas que não são calmas porque tem nervos fracos. Eu, por outro lado, tenho nervos fortes. Não estou tentando iniciar uma campanha pelo extermínio de pessoas nervosas. Não gosto de propaganda. Você é um alemão. Nasceu na Suíça mas sua educação é germânica. Eu amo os alemães. Você deve curar sem cobrar nada porque é rico. Eu o entendo. Você quer dar tudo à sua mulher para fazê-la feliz, mas esquece que há muita gente sofrendo. Você diz que ama a Alemanha. Eu também. Você é rico mas não dá dinheiro aos alemães pobres. Eles estão morrendo de fome. Sei que dirá que a Suíça não pode ajudar aos alemães porque já tem muito pouco para si. Entendo bem a posição da Suíça. Está entre dois fogos. Ambos os fogos são terríveis. Detesto o fogo que destrói a vida e só gosto daquele que dá calor. Não é preciso criar organizações para governar ou liderar. O amor destruirá a necessidade de governar. Gosto da liderança de Wilson. Não quero que minha mulher morra. Eu a amo. Agi pessimamente para que pudesse me ajudar. Sei que minha mulher está nervosa por causa das minhas atitudes e que serei forçado a ir embora. Minhas malas já estão feitas. Desastre é uma coisa horrível. Eu pedirei o perdão de minha mulher assim que você determinar. Quero que cure minha mulher mas eu não posso ser curado. Não quero ser curado. Nada temo a não ser a morte da sabedoria. Quero a morte da mente. Minha mulher não ficará louca se eu matar sua mente. A mente é estupidez mas a sabedoria é Deus. Você pensa que, só porque construo tudo sobre o sentimento, perdi a

razão. Um homem que baseia tudo no sentimento não é horrível; não quero maus sentimentos e portanto irei até minha mulher e a beijarei e direi que foi Deus que pediu para ser assim. Eu não tenho medo de você. Você será o meu mais querido amigo e me compreenderá. Também quero ajudá-lo."

Permanecerei sozinho e chorarei na minha solidão. Choro muito mas não desistirei de escrever. Tenho medo que o doutor X., meu amigo, chegue e veja minhas lágrimas, e como não quero aborrecê-lo, as enxugarei. Choro de tal modo a não interferir na vida de ninguém. A. pensa que estou fingindo, mas não estou. Irei ver minha mulher depois que A. tiver saído. Não quero uma cena; amo a paz. Não chorarei agora porque todos sentirão pena de mim. Não quero que as pessoas se compadeçam de mim. Quero ser amado. Não fui ver A. sair porque Deus não quer que eu pare de escrever. Eu a beijei escrevendo essas palavras. Ela viu minhas lágrimas mas não viu minha fraqueza. Fingi estar fraco porque esse era o desejo de Deus. Entendo o amor de minha gente que não quer deixar minha mulher sozinha. Sou pobre. Não tenho nada e não quero nada. Não estou chorando mas tenho lágrimas em meu coração. Não desejo mal algum à minha mulher, eu a amo mais que a qualquer um no mundo e sei que se nos separarmos, morrerei. Choro. . . Não posso controlar minhas lágrimas, elas caem na minha mão esquerda e na gravata de seda, mas não consigo e nem quero refreá-las. Sinto que estou perdido. Não quero afundar. Não sei do que preciso e não gosto de preocupar minha gente. Se ficarem preocupados, morrerei. Amo Louise e Marie.* Marie me prepara a comida e Louise a serve. Quero dormir mas minha mulher não me sente. Ela pensa em seus sonhos; eu não, então não irei dormir. Não consigo dormir por causa dos pós. Eles me dão todo tipo de pós, mas não consigo dormir. Se me injetassem morfina, tampouco dormiria. Eu me conheço. Minha mulher tomou uma poção para dormir e por isso tem a cabeça pesada. O médico quer que ela durma. Ela terá um longo sono mas não morrerá. Sua morte já chegou porque não tem nenhuma fé no médico. Apesar do pó, não consegue dormir. Permaneci um longo tempo com ela. Sentei, sentei muito tempo, então fingi cair no sono. Fingi porque senti assim. Sempre que tenho um sentimento, eu o realizo. Nunca luto contra um sentimento. Uma ordem de Deus me diz como agir. Não sou faquir nem mágico. Sou Deus num corpo. Todos possuem esse sentimento mas ninguém o explora. Utilizo-me dele e conheço seus resultados. As pessoas pensam que esse sentimento é um transe espiritual, mas não estou em transe. Eu sou o Amor. Estou num transe, o transe do amor. Quero dizer tantas coisas e não consigo encontrar as palavras. Quero escrever e não consigo. Posso escrever num transe e esse transe se chama *sabedoria*. Todo homem é um ser razoável. Não quero seres irracionais e portanto quero que todos estejam num transe de sentimentos. Estou num transe de Deus. Deus não quer que eu durma. As pessoas dirão que tudo que escrevo é estupidez, mas na realidade há um sentimento profundo.

* Louise era a criada e Marie a cozinheira na casa de Nijinsky.

Uma vez nas montanhas, cheguei a uma estrada que ia dar num pico. Subi e parei. Queria fazer um discurso na montanha. Senti vontade de fazê-lo mas não fiz, porque pensei que todos iriam dizer que estava louco. Eu não estava. Tinha um grande desejo de falar. Não sentia dor mas um grande amor pelas pessoas. Que-

ria gritar do topo da montanha para a aldeia de St. Moritz. Não gritei porque senti que tinha que continuar meu caminho. Prossegui e cheguei a uma árvore. A árvore me disse que ali não se podia falar porque os seres humanos não entendem o sentimento. Prossegui. Tive pena de separar-me da árvore porque ela me compreendeu. Andei. Escalei 2 mil metros — fiquei lá por um longo tempo. Senti uma voz e gritei em francês: "Parole!" Queria falar mas minha voz saiu tão forte que gritei: "Eu amo todos! Eu quero felicidade! Eu amo todos! Eu quero todos!" Quero amar a todos e ser compreendido, portanto quero falar todas as línguas, mas como não sei, escrevo e meus textos serão traduzidos.

Saí para um passeio e pensei em Cristo. Sou um cristão — um católico, um russo. Minha filha não fala russo porque a guerra nos impediu de ir à Rússia. Minha pequena canta em russo porque lhe ensinei canções em russo. Amo as canções e a língua russa. Conheço muitos russos que não o são de coração e sempre usam línguas estrangeiras. Eu amo a Rússia. A França. A Inglaterra. A América. A Suíça. Amo a Espanha. Amo a Itália. Amo o Japão. A Austrália. A China. Amo a África. Amo o Transval. Quero amar todo mundo e portanto sou como Deus. Não sou russo nem polaco. Sou um homem. Não sou estrangeiro nem cosmopolita. Amo o solo russo. *Construirei uma represa na Rússia.* Compreendo que Gogol amasse a Rússia. Eu também a amo. A Rússia sente mais que qualquer outro país. É a mãe de todos os países e ama todo mundo. A Rússia não é um problema de política. Sei que muitas pessoas na Rússia me entenderão. A Rússia não é bolchevique. A Rússia é minha mãe. Amo minha mãe. Minha mãe vive na Rússia. Ela é polonesa mas come pão russo e *schzi*.*

* Sopa de repolho azedo.

Quero amor para minha Rússia, embora reconheça suas falhas. Destruiu o plano de guerra. A guerra teria terminado mais cedo se não tivesse deixado os maximalistas entrar. O povo russo é como criança. Deve-se amá-lo e governá-lo bem.

Se todos me escutassem não haveria mais guerra. Não gosto de partidos, mas a democracia é o melhor dentre eles porque todos têm os mesmos direitos. Não quero a lei dos homens — elas são inventadas. Napoleão criou leis e as suas eram melhores que as outras. Mas isso não quer dizer que eram as leis de Deus. As pessoas dirão que não se pode viver sem leis porque os homens se matariam. Sei que os homens ainda não chegaram a se amar, mas se amarão. Recorri à lei muitas vezes. Movi processos contra Diaghilev e os venci porque eu estava certo. Sei que Diaghilev esperava vencer. Meu advogado é um dos melhores mas perderá a causa porque minha amiga, a Marquesa de R., morreu. Ele esperava que ela o protegesse. Sei que ele poderia vencer se lhe desse muito dinheiro, mas como não entendo nada de negócios, receio lhe confiar minha causa. Gosto dele mas não confio nele porque está arrastando o processo. Sinto que estava certo em vencer a causa contra Diaghilev. Não quero dinheiro algum de Diaghilev que eu não tenha ganho. Ele não quer me pagar quando o trabalho que lhe fiz custou-me a vida. Há um médico inglês que pode testemunhar isso, bem como minha mulher. De acordo com a lei, ela não tem direito de testemunhar, mas irei à corte de tal maneira que ela terá todo o direito. Sei que Deus me ajudará.

Gosto de falar em rimas porque sou uma rima. Saí para passear mas não encontrei amigos.

Minha mulher suspira porque pensa que estou escrevendo sobre política. Ela quer ver, mas não permitirei e cobrirei meus textos com a mão.

Num entardecer, saí para passear pelos morros e parei numa montanha... "a montanha do Sinai".* Sentia frio. Tinha ido longe. Sentindo que deveria ajoelhar-me, ajoelhei-me. Então senti que deveria enfiar a mão na neve. De repente senti uma dor e gritei, puxando a mão. Olhei para uma estrela que não me disse boa noite. Não piscou para mim. Fiquei assustado e quis correr, mas meus joelhos estavam enterrados na neve. Comecei a chorar mas ninguém ouviu meu choro. Ninguém veio ao meu socorro. Adorava sair para passear mas agora estava aterrorizado. Não sabia o que fazer e não conseguia encontrar motivo algum para minha lentidão. Após alguns minutos, virei e vi uma casa. Estava fechada e as janelas cerradas. Um pouco mais adiante havia uma casa com o teto coberto de gelo. Fiquei apavorado e gritei com toda minha voz: "Morte!" Não sei por quê, mas senti que alguém deve gritar: "Morte!" Depois disso me senti mais quente e o calor em meu corpo ajudou-me a levantar. Andei em direção à casa onde um candeeiro ardia. A casa era grande. Não estava com medo de entrar mas *achei* que não se deveria e passei reto. Quando as pessoas se sentem cansadas, precisam de ajuda e eu queria ajuda porque me sentia muito cansado. Não conseguia mais andar. De repente senti uma tremenda força e corri; mas não por muito tempo. Corri até que senti frio. A geada atingiu-me na cara e fiquei assustado. O vento estava soprando do sul e sabia que o vento sul traria mais neve. Caminhei na neve que rachava sob meus pés. Gostava dela e escutava seu rangido. Adorava ouvir meus passos — eram cheios de vida. Olhando para o céu, vi as estrelas que piscavam para mim e senti alegria nelas. Estava feliz e não

* Nijinsky quer dizer isso simbolicamente.

sentia mais frio. Comecei a andar rapidamente pois havia visto uma pequena floresta de árvores desfolhadas. Senti frio, observando uma das estrelas que não se mexia. Comecei a descer rapidamente por um caminho escuro quando fui interrompido por uma árvore que me salvou. Estava à beira de um precipício. Agradeci à árvore. Ela me sentiu pois eu tinha me agarrado nela; recebeu meu calor e eu o dela. Não sei quem precisava mais de calor. Andei e de repente parei vendo um precipício sem uma árvore. Compreendi que Deus havia me parado porque me ama, e por isso eu disse: *"Se for Vossa vontade, cairei no precipício. Se for Vossa vontade, serei salvo."* Então senti que estava sendo empurrado para a frente mas não caí. Deus me ama — eu sabia que tudo que é bom é Deus e portanto tinha certeza que Deus não queria minha morte. Desci rapidamente o morro e passei por um hotel. Cristo também saía para caminhadas. Minhas caminhadas estavam com Deus. Passando pelo hotel, senti lágrimas, compreendendo que a vida inteira em lugares como esse é a morte. A humanidade faz a alegria e Deus lastima. Não é culpa da humanidade.

Minha mulher pensa muito e sente pouco, e comecei a chorar tanto que minha garganta dilatou com as lágrimas, e chorei cobrindo a cara com as mãos. Não estava envergonhado mas sentia-me triste e com medo por minha mulher. Desejando-lhe o bem, não sabia o que fazer. A vida inteira de minha mulher e de toda humanidade é morte. Estava chorando e pensei o quanto seria adorável se minha mulher me escutasse. Ela leva uma boa vida. Stravinsky também leva uma boa vida. Igor Stravinsky não sabe o que é a vida, ele não me ama. Igor pensa que estou contra suas aspirações. Ele procura por riquezas e glória. Eu não as quero. Stra-

vinsky é um bom compositor mas não pensa sobre a vida. Suas composições não têm objetivo. Não gosto de obras de arte que não tenham fins morais. Freqüentemente lhe explicava isso, mas me julgava um garoto tolo e só falava com Diaghilev, que concordava com suas idéias. Não podia dizer nada porque era considerado apenas um garoto. O pai de Stravinsky era russo e seu tio, polonês. Stravinsky cheira as coisas longe. Não é meu amigo mas no fundo do coração me ama porque me sente, porém me considera seu inimigo porque estou no seu caminho. Diaghilev ama Massine e não a mim, e isso é muito embaraçoso para Stravinsky. Stravinsky obriga sua mulher a realizar todos os seus caprichos. Ele dirá que não conheço sua vida conjugal e portanto não posso discuti-la. Sua mulher o ama. Sinto que ele não a ama tanto, mas ama as crianças. Ama seus filhos estranhamente e demonstra seu amor fazendo-as pintar; eles pintam bem. Ele é como um imperador e suas crianças e sua mulher como os criados e soldados. Stravinsky lembra-me o Czar Paulo, mas ele não será estrangulado porque é mais esperto que o Czar. Diaghilev quis estrangulá-lo* muitas vezes mas Stravinsky é muito esperto. Diaghilev não pode existir sem Stravinsky e Stravinsky não pode viver sem Diaghilev. Ambos se entendem. Stravinsky briga com Diaghilev muito inteligentemente. Conheço os truques de ambos. Uma vez — isso foi após minha liberação da Hungria — fui a Morges para ver Stravinsky e pedir-lhe, estando absolutamente certo de que meu pedido não seria recusado, se ele e sua mulher poderiam ficar com minha filha enquanto estivéssemos na América. Sabendo que tinham muitos filhos, senti que minha Kyra estaria segura com eles. Não quis levar minha pequena comigo, mas queria deixá-la nas mãos

* Nijinsky quer dizer isso simbolicamente.

de uma mãe amorosa. Pedi a Stravinsky para ficar com a minha Kyra. Sua mulher quase chorou. Stravinsky disse que sentia muito mas não podia ficar com a criança, temendo a responsabilidade. Agradeci e não lhe disse mais nada. Olhando tristemente para sua mulher, senti a mesma resposta. Ela não disse nada, mas pelas minhas lágrimas silenciosas, me sentiu. Sendo uma mulher, sabia o que significava carregar uma criança de trens para vapor, de um lugar para outro, e teve pena de mim. Não concordava com seu marido, mas ele falou tão rápida e decisivamente, que a fez entender que não desejava ficar com minha filha. Disse-lhe que pagaria todas as despesas de Kyra, mas também não quis concordar com isso. Aconselhou-me, quando estávamos sozinhos, a mandar Kyra com uma governanta para um hotel. Respondi-lhe que não poderia deixar minha criança nas mãos de uma estranha, sem ao menos saber se ela a amaria. Não gosto de pessoas que deixam suas crianças com estranhos. As crianças sempre devem estar com suas mães.

Levei minha Kyra para a América. Stravinsky se despediu de mim na estação e lhe estendi a mão muito friamente. Não gostava dele então, e portanto queria demonstrar isso, mas ele não sentiu e beijou-me. Tive um sentimento desagradável.

Ficamos na América por um ano e meio. Achando que viajar seria ruim para a criança, deixei-a em Nova Iorque. Stravinsky não me escreveu, nem eu a ele. Fiquei um ano e meio sem ouvir falar dele. Stravinsky é um homem seco.

Minha mulher recebeu um telegrama. Não sei o que está pensando, mas me ama. Minha Romuska me ama, mas não me compreenderá. Meus sentimentos são bons. O que digo é sincero. Deus me ajuda. Eu amo Deus.

uma conversa franca com o médico. Minha mulher me ama, não diz nada maldoso sobre mim. Ela lhe disse que sou conservador e que é difícil me persuadir, mas que logo se poderia mudar tudo. Ela me deseja o bem, e por isso fingirei mudar. Mostrarei minha mudança na prática. Quero muito dinheiro e irei a Zurique para ter dinheiro para trabalhar. Todos parecem pensar que jogar na Bolsa de Valores significa trabalhar. Jogarei com meu último dinheiro, não há muito, umas poucas centenas de francos. Deus me ajudará, mas tenho medo de magoar os pobres. Não quero roubar dos humildes porque são pobres. Eles procuram a felicidade. Não quero roubar nem dos pobres nem dos ricos. Vencerei porque estou com Deus. Mostrarei à minha mulher o meu amor, não tirando dela minhas anotações quando quis me devolvê-las. Disse-me para escondê-las. Propositalmente, disse que ela é que deveria escondê-las pois poderiam ser roubadas de mim, então escondeu-as. Ela pensa que esses manuscritos trarão dinheiro. Ela tem muito pouco dinheiro. Todo mundo pensa que ela tem milhões mas usa pérolas falsas. Percebendo que as pessoas confiam nos ricos, dei-lhe um anel para que todos pensem que ela é rica.

Deus deseja felicidade para minha mulher e para a humanidade. Portanto procurarei dinheiro. Não desejo essa espécie de felicidade, mas através dela darei amor aos outros. *Sinto um olhar penetrante por trás de mim.** Sinto que as pessoas querem me machucar mas não lutarei e meus inimigos serão desarmados. Existem homens que baterão em outros até a morte, mesmo que esses não reajam. Deus os deterá. Diaghilev e pessoas como ele tentarão, mas estou cada vez mais convencido de que seus esforços serão em vão. Eles não me

* Uma alucinação visual.

matarão. Podem me ferir mas não me matarão. Não tenho medo de sofrer porque Deus estará comigo. Sei como sofrer.

Lombroso fez um estudo sobre crânios. Não li Lombroso, mas sei pelo que minha mulher me contou. Sou um louco com sensibilidade e meus nervos são treinados.

Amo as pessoas risonhas, mas não quando o sorriso é forçado como o de Diaghilev. Pensa que as pessoas não percebem isso. Ele não entende as pessoas mas quer ser obedecido. Conheço um casal francês em Paris, a mulher é hipócrita. Seu marido tem consciência disso, mas a ama. Ela tem um filho dele. Estava tomando chá com eles um dia. O marido é simpático; há sentimento no seu sorriso. O sorriso de sua mulher é excitante. Não sorri para ela, só para seu marido. Ela me escreve cartas, tentando explicar que me ama. Por essas cartas, vejo a astúcia dessa mulher.

Compreendi o homem que Diaghilev amou antes de mim. Diaghilev amou esse homem fisicamente, portanto queria ser correspondido. Diaghilev desenvolveu nele a paixão por obras de arte. Em Massine, desenvolveu o amor pela glória. Eu não era apaixonado nem por obras de arte nem por glória. Diaghilev percebeu isso e me deixou sozinho. Sozinho, corria atrás das garotas. Gostava delas. Diaghilev achava que eu estava chateado, mas não estava. Praticava minhas danças e compunha balés sozinho. Diaghilev não gostava disso. Não queria que eu fizesse coisas sozinho, mas eu não poderia concordar com isso. Brigávamos muito. Costumava trancar minha porta — nossos quartos tinham comunicação — e não deixava ninguém entrar. Tinha medo dele. Sabia que minha vida toda estava em suas mãos. Não saía do quarto. Diaghilev também estava sozinho. Ele estava aborrecido porque todos notaram nossa bri-

ga. Ele odiava ouvir as pessoas perguntando: "Qual é o problema com Nijinsky?" Diaghilev gostava de fazer acreditar que eu era seu pupilo em tudo. Não concordava com ele e por isso muitas vezes brigava em público. Ele ia pedir ajuda a Stravinsky — que estava num hotel em Londres. Stravinsky ficava do lado de Diaghilev pois supunha que Diaghilev me abandonaria. Sentia ódio de Stravinsky porque estava defendendo uma causa errada. Eu fingia estar derrotado. Stravinsky pensava que eu era uma pessoa maldosa. Eu tinha vinte e um anos, era jovem, e freqüentemente cometia erros, mas sempre quis corrigi-los. Percebendo que ninguém gostava de mim, fingia que era antipático. Não gostava de Diaghilev, mas vivia com ele; odiei Diaghilev desde os primeiros dias de nosso relacionamento porque sabia de seu poder. Eu era pobre e 65 rublos* não eram suficientes para evitar que eu e minha mãe morrêssemos de fome. Alugamos um apartamento de dois quartos por 35 ou 37 rublos por mês.

Kyra não quis vir comigo hoje porque a repreendi por ser desobediente. Ela entendeu, conforme a olhava, que eu estava bravo. Minha mulher achou que eu estava acusando Kyra injustamente, e disse isso em defesa da menina. Respondi-lhe grosseiramente. Deixei-as sozinhas na sala, mas senti que tinha cometido um erro. Não queria que Kyra ficasse assustada. Quando veio ao meu quarto mais tarde, chamei-a e disse-lhe que se quisesse podia ficar comigo, mas ela saiu e senti uma dor na alma. Não queria magoá-la. Ela pensou que eu não a amava e então saiu. Percebi um movimento da criança em minha direção, mas empurrei-a porque achei que seria melhor que saísse. Queria chamá-la de volta, fui

* Sessenta e cinco rublos era o salário mensal dos bailarinos do Teatro Imperial depois de formados pela Escola Imperial.

procurá-la e encontrei-a com uma enfermeira da Cruz Vermelha. Depois de alguns minutos, disse à enfermeira que Kyra tinha me deixado pois não me amava. A enfermeira quase chorou, mas seu instinto a fez pedir à Kyra para me dizer que me amava. Eu estava infeliz. Não queria que Kyra sofresse. Queria mostrar-lhe que a amava, e depois disse-lhe que estava me afastando dela porque não me amava. Sua mãe ficou assustada, julgando que eu queria magoar a criança. Disse-lhe que eu tinha o direito de educar minha filha do meu modo. Ela ficou magoada porque sentiu que eu tinha dito isso propositadamente para desacreditá-la, mas não pretendia fazer isso. Desci e comecei a escrever qual era na realidade minha verdadeira intenção.

Durante o almoço, fiz minha mulher entender que eu sabia o que haviam decidido com o médico. Ela me mentiu pois tem medo de mim. O doce estava cheio de remédio e então larguei-o e pedi uma fruta. Sei que havia remédio no doce porque minha mulher pegou um pedaço muito pequeno. Eu, de propósito, peguei muito mas larguei-o apontando com o dedo para que todos pudessem entender que estava horrível. A criada que entrara por acaso, sem ter visto que eu empurrara o doce, perguntou-me: "Está bom?" Respondi: "Maravilhoso!" Ela sentiu o que quis dizer, vendo o doce provado e deixado de lado. Não comerei comida com remédio.

Eu adorava música. Um dia encontrei um príncipe russo que me apresentou um conde polonês. Esqueci seu nome porque quero. Não desejo magoar toda sua família. Esse conde comprou-me um piano. Eu não o amava. Amava o príncipe e não o conde. Ivor apresentou-me a Diaghilev, que me convidou para ir ao Hotel Europa, onde morava. Não gostei dele por causa de sua voz convencida, mas fui em busca de minha sorte.

Encontrei minha sorte. Imediatamente permiti que fizesse amor comigo. Tremia como uma folha. Eu o odiava mas fingia, pois ao contrário minha mãe e eu morreríamos de fome. Compreendi Diaghilev desde o primeiro momento e fingi concordar com ele imediatamente. Tinha-se que viver e então pouco me importava que tipo de sacrifício teria que fazer. Trabalhava duro na minha dança e estava sempre cansado. Mas fingia não estar para que Diaghilev não ficasse aborrecido comigo. Sei o que ele sentia, amava garotos e portanto não poderia me entender. Não quero que as pessoas pensem que Diaghilev é um vilão e que deveria ser aprisionado.* Choraria se o magoassem. Não o amo mas é um ser humano. Amando todos, não quero causar dor a ninguém. Todos ficarão chocados lendo essas linhas, mas quero publicá-las durante minha vida, sabendo de seus efeitos. Quero dar a impressão de algo vivo e verdadeiro. Não quero que as pessoas leiam minha vida só após minha morte. Não temo a morte. Temo ataques. As pessoas não me compreenderão. Não quero nenhum mal a Diaghilev, *"Eu imploro, deixem-no em paz."* Eu o amo como todas as outras pessoas. Não sendo Deus, não posso julgar os homens. Deus será o seu juiz e não as leis dos homens, que punem as pessoas por seus erros. Diaghilev magoou a mim e não a vocês, e eu não quero puni-lo. Todos conhecem os erros dele. Tenho me punido contando a todos minha vida. Não pensem que estou escrevendo por razões hipócritas. Se quiserem punir todos aqueles sobre os quais tenho escrito, eu os defenderei. Não estou escrevendo para fazer com que as pessoas se ergam umas contra as outras. Não tenho o direito de julgar. Deus é o juiz e não

* Nijinsky tem em mente o processo e a sina de Oscar Wilde.

as pessoas. Sou um homem em Deus. Falo com as palavras de Deus.

Desejo explicar para todo mundo o que é Deus, mas não o farei se começarem a rir. Estou falando de assuntos que tocam o mundo inteiro. Trago a paz e não a guerra. Quero paz para todos e a terra cheia de amor. A terra está se desintegrando e esfriando. Ainda está quente, mas não por muito tempo, e Deus portanto quer que o amor esteja sempre presente. As pessoas não pensam nas estrelas e então não podem entender o universo. Penso freqüentemente nas estrelas. Não gosto de astronomia porque não nos explica Deus. A astronomia nos ensina a geografia das estrelas. Não gosto de geografia pois não gosto de fronteiras. Para mim a terra é um só estado. A terra é a cabeça de Deus. Deus é o fogo na cabeça. Estou vivo desde que haja fogo na minha cabeça. Meu pulso é como um terremoto. Sei que se não houver mais terremotos, a terra se esfriará e toda a humanidade junto, porque as pessoas não serão capazes de existir.

Eu sou a comida espiritual. As pessoas vão à igreja, e lá fazem-nas beber vinho e lhes dizem que é o sangue de Cristo. O sangue de Cristo não intoxica — ao contrário, deixa sóbrio. Os católicos não bebem vinho, mas o empregam de maneira simbólica. Engolem bolachas brancas, pensando que engolem o sangue e a carne de Nosso Senhor. Eu não sou nem o sangue nem a carne de Nosso Senhor. Eu sou o espírito na carne e a carne no espírito. Não pode haver Deus sem carne e espírito. Sangue e espírito é Deus. Eu sou o Senhor. Eu sou um homem. Eu sou Cristo. Cristo disse que Ele era espírito na carne, mas a Igreja distorceu Seu ensinamento, os homens O impediram de viver. Eles O mataram. Ele foi assassinado por pessoas que haviam sido

pagas. Esses mendigos se enforcaram porque não conseguiram viver sem Cristo. Sei que as pessoas são más porque a vida é dura para elas.

Quero devotar-me ao teatro e não aos filmes. Deixarei os filmes para aqueles que os amam. Amo o cinema mas não posso dedicar-lhe todo o meu tempo. Desistiria de toda minha vida se me provassem que os filmes ajudam as pessoas a se entender. Conheço cinema. Queria trabalhar em filmes, mas compreendi bem o seu significado. O cinema é usado para gerar dinheiro e este usado para gerar a indústria cinematográfica. Compreendi que o cinema traz lucros apenas para poucos e o teatro para muitos. O trabalho em teatro é muito duro, mas prefiro a privação ao trabalho em filmes. Diaghilev me disse muitas vezes que se deveria inventar algo no mesmo gênero do cinema para a dança, porque sua força é grande. Bakst, um conhecido pintor russo, um judeu, disse que os filmes eram bons do ponto de vista financeiro. Não falei nada, porque sentia que Bakst e Diaghilev me consideravam um garoto, e então guardei meus pensamentos. Diaghilev sempre procura pela lógica nos pensamentos. Sei que pensamentos sem lógica não têm valor, mas a lógica não pode existir sem sentimento. Diaghilev tem ambos, lógica e sentimento, mas seus sentimentos são maus. Possuo bons sentimentos. A inteligência de Diaghilev é maior que as outras, mas tem maus sentimentos. Lombroso disse que se pode ver os sentimentos pelo formato da cabeça. Digo que os sentimentos se vêem pelos atos dos homens. Não sou um cientista mas entendo bem os homens. Conheço os truques dos empresários. Diaghilev também é um empresário, ele tem uma companhia. Diaghilev aprendeu a trapacear outros empresários. Ele não gosta de ser chamado de empresário, pois são todos considerados uns

ladrões. Diaghilev quer ser chamado de "um patrono das artes", quer entrar para a história. Diaghilev trapaceia as pessoas e acha que ninguém percebe. Tinge os cabelos para parecer jovem. O cabelo de Diaghilev é branco. Compra tintas pretas e as aplica. Vi essa tintura nos seus travesseiros — sua fronha é preta de tinta. Odeio roupa de cama suja e por isso fiquei enojado com essa cena. Diaghilev tem dois dentes da frente falsos. Quando fica nervoso, passa a língua sobre eles. Diaghilev me lembra uma velha brava quando mexe seus dois dentes falsos. Sua mecha da frente é pintada de branco. Ele quer aparecer. Ultimamente essa mecha tem amarelado porque comprou tinta ruim. Na Rússia parecia melhor. Percebi isso muito mais tarde, pois não gostava de prestar atenção no cabelo dos outros. Meu cabelo também me incomodava e sempre mudava meu estilo. As pessoas me diziam: "O que você faz com seu cabelo? Sempre muda de estilo." Respondia que gostava de variar porque não queria parecer sempre o mesmo. Diaghilev gostava de ser comentado e para isso usava um monóculo. Perguntei-lhe por que o usava, pois notara que podia enxergar muito bem sem ele. Diaghilev dizia que não enxergava muito bem de uma vista. Percebi que estava mentindo e me senti profundamente ferido. Diaghilev estava me enganando. Não confiaria mais nele e comecei a me desenvolver independentemente, fingindo ainda ser seu pupilo. Ele sentiu meu fingimento e não gostou, mas como sabia que também estava fingindo, me respeitou. Comecei a odiá-lo abertamente e um dia, nas ruas de Paris, empurrei-o para mostrar que não tinha medo dele. Diaghilev me acertou com sua bengala, pois queria fugir dele. Sentiu que eu queria deixá-lo e então correu atrás de mim. Fui andando devagar. Tinha medo de ser notado. Vi que as

pessoas estavam olhando. Senti dor numa perna e empurrei Diaghilev, não com força, porque o que sentia não era ódio mas tristeza. Eu estava chorando. Diaghilev estava me repreendendo. Ele estava rangendo os dentes e me sentia deprimido como se gatos estivessem arranhando minha alma. Não conseguia mais me controlar e comecei a andar lentamente. Diaghilev também. Andamos lentamente. Não me lembro aonde fomos.

Depois disso vivemos por muito, muito tempo juntos. Vivia tristemente e me lastimava sozinho. Chorava sozinho. Amava minha mãe e escrevia-lhe cartas todos os dias, e chorava nessas cartas. Falava de minha vida futura. Não sabia o que fazer. Esqueço exatamente o que escrevia mas tenho uma lembrança de ter sofrido amargamente. Minha mãe o sentia porque respondia às minhas cartas. Ela não podia dar uma resposta às minhas aspirações e ambições porque eram problemas meus. Ela esperava pelas minhas decisões. Eu tinha medo da vida porque era muito jovem. Estou casado agora há cinco anos. Não consigo contar. Tenho agora cerca de vinte e nove anos. Sei que tinha dezenove quando encontrei Diaghilev. Eu o admirava sinceramente e quando me disse que o amor pelas mulheres era uma coisa horrível, acreditei nele. Se não tivesse acreditado, não teria feito as coisas que fiz. Massine não conhece a vida porque seus pais eram abastados. Não tinham necessidade de nada. Nós não tínhamos pão. Mamãe não sabia o que nos dar para comer. Mamãe foi para o Circo Ginizellis para ganhar algum dinheiro. Sendo uma bailarina conhecida na Rússia, sentia-se envergonhada de tal trabalho. Como criança, entendi tudo e chorei na alma. Minha mãe também chorou. Um dia, não conseguindo mais suportar, corri para um colega de classe. Corri para seu pai e disse-lhe que minha mãe estava sofrendo

por falta de dinheiro. Seu pai — um pianista — então aconselhou-me a procurar o administrador do Teatro Imperial. Corri para lá. Tinha somente quatorze ou quinze anos. O administrador chamava-se Dmitri Ivanovich Krupensky. O diretor era Telikovsky. O Imperador era Nicolau II. Eu amava os teatros. Fui ao escritório. Quando entrei, fiquei assustado, vi caras secas, risonhas, na sala onde Krupensky estava sentado. Ele tinha uma barba negra. Tive medo da barba. Tremia como uma folha. Não conseguia dizer-lhe nada e fiquei quieto. Krupensky e os outros começaram a rir. Tremi mais ainda; eu tremia e todos riam. Krupensky perguntou-me o que queria. Disse-lhe que precisava de 500 rublos para pagar as dívidas de minha mãe. Disse essa quantia por acaso, nem pensando no que estava dizendo. Levantei-me. Vi caras aborrecidas. Fui embora. Corri velozmente, ofegando, Krupensky e a barba negra me perseguindo. Corri. Silenciosamente chorei: "Nunca farei isso de novo, nunca mais farei isso!" Chorei em minha alma mas as lágrimas não apareceram. Sabia que se fosse até minha mãe, ela me entenderia, então corri para ela e contei-lhe tudo. Não sabia mentir. Quando começava a mentir, tremia como uma folha. Eu era uma folha de Deus. Amava Deus mas não amava rezar. Não sabia o que fazer. Vivia e a vida passava. Não entendia de negócios e nem gostava, mas Deus me ajudou. Peguei alguns alunos de dança. Estava feliz em ganhar algum dinheiro. Freqüentemente chorava sozinho e estava contente em ter meu próprio quarto. Pensei que estava crescendo porque tinha um quarto só para mim. Num quarto separado poderia chorar muito.

Li *O Idiota* de Dostoievski com a idade de dezoito anos, e compreendi seu significado. Queria tornar-me um escritor e desajeitadamente estudava os livros de

Dostoievski e Gogol. Copiei Pushkin, pensando que, se copiasse, aprenderia a escrever poemas e romances como Pushkin. Copiei muito, mas então senti que era bobagem e desisti. Vivia simplesmente. Tínhamos pão suficiente agora. Minha mãe amava pessoas divertidas. Convidava muitas pessoas quando achava que tínhamos comida suficiente. Gostava de amigos e por isso os convidava. Eu também gostava de me divertir e escutar tudo o que os adultos estavam dizendo. Compreendia os adultos e era atraído por eles. Só mais tarde compreendi meu erro, porque os problemas dos adultos eram diferentes dos meus. Amava os adultos porque as crianças me rejeitavam, não me entendiam. Conheci um menino que bebia vodca. Eu não bebia. Nós íamos juntos à escola. A vida comunitária na escola nos unia mas não nos trazia juntos, porque eu não seguia seus hábitos. Não sei quem o tinha ensinado a beber tanto. Sua cara era pálida e coberta de espinhas. Os professores não compreendiam as crianças; costumavam se trancar nos seus gabinetes e lá eles liam ou recebiam seus amigos. Entendo os professores que se aborrecem na companhia de crianças e entendo as crianças que não compreendem os professores. Educação é uma tarefa difícil. Não educarei Kyra dessa maneira, conhecendo esse tipo de educação. Os estranhos ficam chateados com elas. As próprias pessoas devem educar seus filhos, e não mandá-los a estranhos. A vida da criança depende da sua educação. Professores casados não devem educar crianças; se são casados sentem saudades de suas mulheres e de suas famílias. Um professor, que eu conhecia, tinha protegidos. Seu nome era Ivan. Eu o amava mas sentia que ele não me amava, e tinha medo dele, achando que queria me magoar. Uma vez convidou-me para seu apartamento, dizendo que queria me ensinar francês. Fui lá esperando aprender, mas quando cheguei, me fez sentar numa cadeira e me deu um livro. Senti-me entediado. Não entendia por que me chamara, pois só me dera um livro para ler.

Li alto, mas lembro-me que era chato. Ivan convidou-me para comer. Ele pagava quarto e pensão completa para as pessoas com quem vivia; eles falavam russo. A mulher era jovem e magra. Tinha nervos ruins porque se mexia muito. Havia um jovem com ela, esqueci-me de seu aspecto mas lembro-me da cara dela. Ela tinha um cão muito pequenino que ficava correndo sob a mesa e lambendo seu prato. Ela adorava aquele cão. Não gostei dele, era doente. Seu corpo estava machucado. Era magro; magro de perninhas compridas; orelhas miudinhas. Olhos arregalados e pequenos. Em uma palavra, o cão era minúsculo. Senti pena dele e fiquei triste. Ivan ria do cão, pois era tão miudinho. Senti-me indesejável, porque queriam falar alguma coisa e fizeram silêncio. Pressenti um segredo, queria sair e não sabia como. Ivan sorriu para mim. Senti-me enojado e fui embora largando tudo no prato. Saí com um sentimento asqueroso sobre Ivan e os outros. Sentia-me nauseado e não conseguia continuar com minhas aulas de francês. Evitava Ivan. Recebi notas ruins pelos meus trabalhos. Recebi 1. Tínhamos um sistema onde a melhor nota era 12. Não aprenderia francês pois estava revoltado. Desde então não estudava francês e quando tinha que responder, os outros alunos me sopravam. O professor deu-me boas notas. Tinha que mostrar que seus alunos aprendiam bem e portanto dava-me boas notas. Entendi seus truques e comecei a mudar as notas. Mudaria de 1 para 9. Gostava de mudar as notas. O francês não percebeu nada e ninguém me disse nada. Desisti do francês.

Não gostava de aprender a Sagrada Escritura, pois me chateava muito. Gostava de ir para as aulas de Sa-

grada Escritura para ouvir as piadas de *batiushka** — "Paizinho" — O *batiushka* — "Paizinho" — não era meu pai mas dos outros, porque falava de "suas crianças". Mostrava-nos uma moeda e dizia que com aquela moeda ensinava suas crianças a compreendê-lo. Eu sabia que minha mãe não tinha dinheiro algum e mesmo assim a compreendia, então fiquei aborrecido. "Paizinho" não era realmente um paizinho porque o "Paizinho" deveria ser um homem bom — este estava controlando sua raiva. Todas as crianças sabiam disso e portanto se permitiam muitas travessuras. Conheço as travessuras dos meninos. Brincava muitas vezes com eles e por isso me amavam. Uma vez mostrei-lhes que tinha o melhor tiro com um estilingue que eu mesmo fizera; atingi o médico da escola no olho — ele estava sentado numa *droshky*** — quando nós todos estávamos a caminho do teatro em carruagens. Gostava de carruagens porque delas se poderia atirar nos transeuntes. Mirava bem. Não tinha certeza de ter atingido o médico quando fui acusado disso, mas fiquei com vergonha de negá-lo quando os meninos me apontaram. Fiquei com medo de que os meninos todos fossem mandados embora da escola. Fui acusado do crime e o inspetor da escola me passou uma descompostura. Tive medo da repreensão pois senti a fúria do inspetor. Porntchevsky era um homem bravo, mas não jogava as crianças na rua porque sabia que eram filhos de pais pobres. Porntchevsky chamou minha mãe e disse-lhe que não me poria para fora mas não poderia deixar-me sem punição, e então achou que minha mãe deveria me levar para casa por duas semanas. Senti-me profundamente aflito e quase desmaiei. Fiquei assustado por minha mãe, sabendo o quanto era difícil para

* *Batiushka* é um sacerdote russo.
** Carro baixo, de quatro rodas.

ela conseguir dinheiro. Minha mãe e eu choramos. Nosso choro tocou o professor, que era um homem muito bom mas um bêbado, e todas as crianças riam dele porque era engraçado. As crianças o amavam pois nunca magoou ninguém. Muitos choraram quando soubemos que tinha se embebedado até à morte. Ele foi enterrado mas nenhum garoto foi ao funeral. Também tive medo de ir.

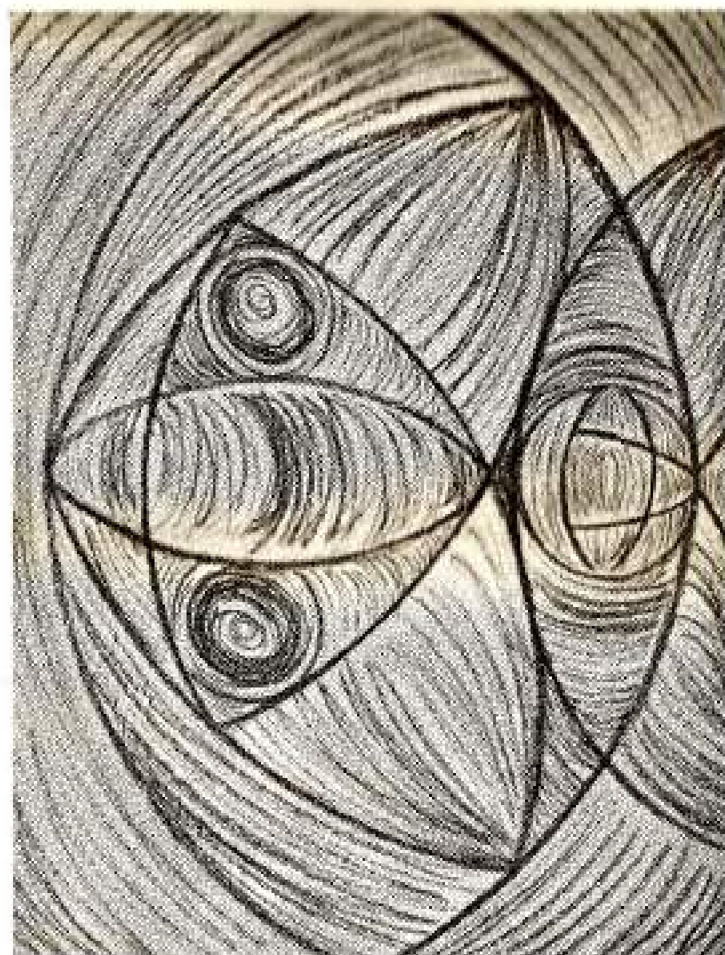
Minha mãe me deu uma boa surra de vara, que o *dvornik** comprara. Não tive medo da surra, mas sim de minha mãe. Bateu forte, mas não senti dor porque não sentia raiva de minha mãe. Ela me bateu porque achava que essa era a melhor maneira. Sentia amor por minha mãe e prometi-lhe que não faria isso de novo. Ela compreendeu e acreditou em mim. Sentindo isso, decidi estudar mais. Comecei a tirar boas notas e todos riram de mim, dizendo que a surra me fizera bem. Os professores sorriram e os meninos riram. Também ri e não me senti magoado. Amava minha mãe e estava satisfeito que todos soubessem disso. Contei-lhes como ela me bateu. Os meninos ficaram assustados e não riram mais. Desde então, estudei mais e dei um bom exemplo, só que as aulas de francês e de Sagrada Escritura ainda me pareciam difíceis. Conhecia bem a Sagrada Escritura russa pois ia à igreja todo dia de festa. Gostava de ir à igreja, amava os ícones prateados que brilhavam ao sol. Velas eram vendidas e às vezes eu as vendia com meu amigo Issaev. Gostava dele. Eu sofria quando sentia que estava me entregando à masturbação. Eu queria toda vez que ia para a cama. Ivan, meu professor, percebia que eu praticava a masturbação, mas não me dizia nada terrível. Na escola ninguém sabia de meus hábitos e então continuei até que percebi que minhas danças tornavam-se piores. Aí fiquei apavorado,

* *Dvornik* é um porteiro russo.

julgando que minha mãe logo estaria arruinada e eu não seria capaz de ajudá-la. Comecei a lutar contra este hábito indecente — forçava-me dizendo: "Você não deve!" Aprendi bem. Desisti da masturbação. Tinha cerca de quinze anos. Amava minha mãe e o meu amor por ela forçou-me a melhorar; aprendia bem. Todos começaram a perceber meu progresso. Tirei nota 12. Minha mãe ficou feliz e sempre me dizia que a surra me fizera bem. Disse-lhe que era isso mesmo mas na verdade eu pensava diferente. Meu amor por ela era ilimitado. Decidi dançar ainda mais. Fiquei mais magro e comecei a dançar como Deus. Todos começaram a falar sobre isso. Embora ainda estivesse na escola, já dançava como primeiro bailarino no teatro. Sabia o que significava ser o primeiro bailarino. Não conseguia entender por que me eram dados tais papéis para dançar, mas gostava de me exibir. Estava orgulhoso mas não gostava de elogios, não me vangloriava.

Era amado pelos alunos das aulas de drama. Estava freqüentemente com eles. Conheci uma aluna que me escolheu como seu favorito. Ela me chamava de Nijinka.* Deu-me um álbum encadernado em veludo, contendo recortes de jornais. Nesses recortes li que era chamado de *Wunderkind*.** A crítica era assinada por Svetlov. Não gostava do que escreviam sobre mim pois sentia que eram elogios. Disse à minha colega de escola que não apreciava o que escreviam sobre mim, mas ela disse que eu não entendia e convidou-me para sua casa, dizendo que queria que eu conhecesse seus pais. Apaixonei-

* Nijinka significa "o suave" em russo.
** *Wunderkind* em alemão significa "criança maravilhosa". (N. do T.)



Crayon feito por Nijinsky no asilo

me por ela, mas não lhe contei. Amava-a espiritualmente e por isso sempre lhe sorria. Eu estava sempre sorrindo. Gostava de sorrir para todos, pois notava que me amavam. Eu amava a todos.

Quando cheguei à casa dos meus novos amigos, jantamos e fizemos uma sessão. Puseram as mãos sobre a mesa e ela se mexeu. Todos ficaram espantados com isso. Seu pai, um general, não gostou de tal bobagem e saiu. Também senti que isso era bobagem e fui para casa. Chegando em casa, estava cansado e não conseguia entender por que fora convidado. Não gostava de convites e geralmente os recusava.

Havia sido convidado para dar algumas aulas de balé, pois já havia me tornado famoso na Rússia. Tinha dezesseis anos. Dei as aulas e ganhei algum dinheiro. Minha mãe se lamentava e sentia um grande amor por mim. Também sentia um grande amor por ela e decidi ajudá-la com meus ganhos. Terminei a escola com dezoito anos e me formei. Não sabia como me vestir — acostumara-me com uniformes. Não gostava de roupas civis e portanto não sabia como usá-las. Achava que sapatos com solas grandes eram os mais elegantes e então comprei um par com solas enormes. Quando me formei me senti livre, mas essa liberdade me assustava. Como prêmio recebi uma Bíblia com uma dedicatória do meu professor de Sagrada Escritura. Não entendia essa Bíblia pois era escrita em latim e polonês. Falava e lia muito mal o polonês. Se me tivessem dado uma Bíblia em russo, teria entendido mais facilmente. Comecei a ler e desisti. Não gostava de ler essa Bíblia pois era incompreensível para mim. O livro era adorável e a impressão linda. Não podia sentir o significado da Bíblia. Lia Dostoievski.

Era mais fácil para mim e devorei-o rapidamente. Foi uma verdadeira "devoração", porque quando li *O Idiota*, senti que o "idiota" não era um idiota, mas um bom homem. Não conseguia entender *O Idiota* porque era muito jovem. Agora entendo o "idiota" de Dostoievski porque eu mesmo sou tomado por um idiota. Sei que as pessoas nervosas podem facilmente ficar loucas, e portanto tinha medo da loucura. Não sou louco e o "idiota" de Dostoievski *não* é um idiota. Sentia-me nervoso e por isso cometia erros. Deus tem me mostrado o que são os nervos. Não gosto de nervosismo porque conheço seus resultados. Quero escrever calmamente e não nervosamente, mas não quero escrever lentamente pois não preciso mostrar beleza em meus textos, mas sim escrever rápido. Não quero que minha caligrafia agrade. Escrevo este livro pelo pensamento e não pela escrita. Minhas mãos ficam cansadas porque não estou acostumado a escrever muito, mas sei que logo se acostumarão. Sinto dor em minha mão, por isso escrevo muito mal e dispersamente. Todos dirão que minha caligrafia é a de um homem nervoso porque as letras são espalhadas. Meus pensamentos não são nervosos — fluem calmamente, não tempestuosamente.

O pensamento de Wilson não me traz nenhuma paz. Desejo-lhe sucesso. Espero que meu livro o ajude e portanto quero publicá-lo logo. Para publicá-lo rapidamente, quero ir a Paris. Mas para ir a Paris, devo fazer preparativos. Sei que há muitas pessoas más e portanto quero proteger-me. Quero escrever uma carta a Reszké em polonês e devo me acostumar a essa língua. Direi toda a verdade e ele me ajudará. Quero escrever em polonês, mas não neste livro... Escrevi uma carta em polonês para Reszké.

CARTA PARA JEAN DE RESZKÉ

Original em polonês

Sinto muito mas sou incapaz de escrever muito bem em polonês, mas como sou muito afeiçoado aos poloneses, estou usando esta língua para escrever-lhe.

Sei que está ciente que sou polonês. Não *quero nada de você, só quero pedir-lhe para gentilmente ajudar-me a conseguir alguns documentos.** No *presente momento, é muito difícil obtê-los, e é por isso que estou escrevendo-lhe com um pedido. Peço-lhe para descobrir das autoridades francesas se elas poderiam me obter os ditos documentos.*

*Minha mulher me ama e portanto quer estar comigo. Tenho uma filha, Kyra.*** Dei-lhe este nome porque amo a Grécia. Sempre tive um grande interesse pela Arte Grega: me faz lembrar do meu* L'Après-midi d'un Faune.

Sei que gosta de mim e portanto estou me dirigindo a você com meu pedido. Embora raramente tenha me visto em minha vida particular, sei que tem sentimentos amigáveis por mim.

A razão de não falar muito bem o polonês é porque na Escola Imperial não me era permitido usar tal

* Nijinsky está solicitando um passaporte polonês.
** Kyra é um velho nome bizantino.

língua. Aprendi o pouco que sei com um bailarino polonês; seu nome era Bonislavsky, veio de Varsóvia. Gostava de Bonislavsky porque, com suas aulas, tive a oportunidade de entrar em contato com os trabalhos de Mickiewicz. Também escrevo mas não consigo fazê-lo tão bem quanto Mickiewicz. Conheço bem a literatura polonesa através de traduções russas. Conheço russo muito melhor. Minha mãe e meu pai deixaram a Polônia na juventude. Nasci em Kiev mas fui batizado em Varsóvia na Igreja de Santa Cruz. Nasci em 1889. Minha mãe batizou-me mais uma vez em Kiev; portanto meu nome é registrado duas vezes nos registros de nascimento. Como minha mãe não quisesse que eu servisse nas tropas do exército russo, registrou-me em Varsóvia, esperando com isso que me fosse permitido servir lá.

Minha mãe nutriu-me com seu próprio leite. Ela era polonesa até o fundo de sua alma... Fui criado na Rússia como um menino russo. Embora seja polonês como meu pai, amo a Rússia. Não gosto de revoluções. Acho a vitória conseguida por esses meios um horror — considero a vitória dos animais ateus. Tenho pena das pessoas, pois as amo. Eu mesmo sou um ser humano e tenho pena da humanidade. Quando ouço que as pessoas são mortas pela revolução, eu choro. Não sou um anarquista, não pertenço a nenhum partido. Minhas opiniões políticas são ser gentil com todos. *Gosto de Paderewsky mas não compartilho de suas opiniões políticas. Gosto das idéias de Wilson porque sinto que têm as mesmas intenções por toda a humanidade. Não quero aquele tipo de política onde as pessoas brigam e se matam. Não gosto de partidos políticos que levam ao assassinato em massa. Amo a todos igualmente. Amo meus pais e sei que sente que gosto de você. Sua mulher também tem várias vezes expressado amizade por mim. Não*

tenho me esquecido de vocês desde que nos encontramos...

Quando soube que perdeu seu irmão, chorei. Sinto muito por ele, embora não nos conhecêssemos pessoalmente. Mas eu o sentia e sabia que você lhe era muito devotado.

É muito difícil para mim escrever fluentemente em polonês pois nunca estudei esta língua.

Tenho dedicado todo meu tempo à dança e portanto danço bem. Desejo dançar em Paris e por causa disso estou lhe pedindo para obter permissão para ir a Paris. Não entrei em contato com ninguém desde que vim morar na Suíça. Tenho me ocupado exclusivamente da dança e da criação de um "teatro de dança".

Gosto muito de cantar mas não consigo. Sei que canta admiravelmente. Embora não esteja mais com o domínio total de sua voz, ainda me sinto feliz em ouvi-lo cantar. Sou um artista em "cantar através da dança". Ainda não perdi minha "voz", pois sou muito jovem. Você tem cantado muito em sua vida. A Marquesa de Ripon tem me falado constantemente de você, e sei com que sucesso cantou na Inglaterra. Você é um artista muito famoso — todos o conhecem e você conhece a todos. Portanto, estou certo de que será capaz de me ajudar. Também tenho muitos admiradores em Paris, mas não sei quem são. Gostaria de encontrá-los, por isso por favor diga a todos os seus amigos que estou indo dançar em sua casa.

Tenho dedicado muito tempo, durante a guerra, à dança e feito grandes progressos. Quero mostrar ao público o quanto afortunadamente estudei, mas não quero mais trabalhar com Diaghilev, pois tive muitos dissabores por causa dele. Sei que não gosta dele e que me ajudará. Diaghilev pensa e diz que estou "morto para a

arte", mas não estou "morto para a arte". Vivo hoje muito mais do que antes.

Gosto muito dos artistas franceses e desejo dançar para eles. Sei que muitos dos artistas franceses foram mortos na guerra — muitos pais morreram, deixando seus filhos e mulheres sem pão. Sei também que o governo é incapaz de prover as necessidades de todos eles, por isso gostaria de dançar para os artistas pobres franceses. Também quero dançar para os poloneses e outros artistas quando for para outros países.

Os poloneses amam a França porque a França deu-lhes sua Alma — assim também fizeram os poloneses: eles morreram pela França nos campos de batalha. A guerra uniu as duas nações. A França conhece os atos heróicos dos poloneses. Embora não saiba o polonês muito bem, sinto os poloneses. Não tenho escrito em polonês nos últimos dez anos. Não tenho ninguém para escrever. Meu pai morreu há dez anos em Kharkov. Sempre costumava lhe escrever em polonês. Meu pai deixou minha mãe conosco em São Petersburgo, pois queria que fôssemos criados lá.

O Governo russo nos deu a educação. Diaghilev me levou a Paris. Amo Paris. Paris é o coração da França. Desejaria poder ter um lugar no coração da França... Espero que seja meu intermediário na obtenção dos documentos necessários e que me ajude a conseguir papéis poloneses. Os outros conseguirei por mim mesmo. Agradeço-lhe por sua amabilidade.

À bientôt
Seu dedicado
Waslaw Nijinsky

Ele é um polonês. Prestei-lhe muitos cumprimentos, embora não goste de cumprimentos, pois são uma

coisa desnecessária. Não sou um homem de prestar cumprimentos, mas um homem que diz a verdade. A verdade é diferente. Escrevi uma carta para Diaghilev e seus amigos, mostrando-lhes os dentes. Meus dentes não mordem.

CARTA A SERGEI PAVLOVICH DIAGHILEV

Ao Homem,

Não posso lhe dar um nome, porque não tenho nenhum nome para você. Não estou lhe escrevendo precipitadamente. Não quero que pense que estou nervoso, não estou. Sou capaz de escrever muito calmamente. E gosto de fazê-lo, embora não esteja me expressando com sentenças bonitas. Nunca estudei como fazer isso. E o que quero é expressar um pensamento.

Não tenho medo de você. E bem sei que, no seu íntimo, não me odeia. Amo-o como se ama um ser humano, mas não quero trabalhar com você. Mas há uma coisa que quero que saiba, que estou trabalhando muito. Não estou morto. Ainda estou vivo. Deus vive em mim e eu vivo em Deus. Todo meu tempo está tomado pela dança, e meu trabalho está progredindo. Sempre que posso, também escrevo, mas não sentenças bonitas das quais você tanto gosta.

Você está formando companhias, eu não. Não estou interessado em formar companhias — estou interessado em seres humanos.

Você está morto porque seus objetivos são a morte.

Não o chamo de meu amigo, sabendo que é o meu pior inimigo, mas mesmo assim não tenho sentimentos

doentios por você. A inimizade busca a morte e eu anseio pela vida... Você é malicioso. Tenho uma profunda simpatia e compreensão pela humanidade. Como tinha Dostoievski. Era um homem amável.

Você disse que sou um tolo e acho que você é que é. Não quero me humilhar perante você e você ama as pessoas que fazem isso. Não quero seu sorriso, é a morte... Não sorrio muito, não trago a destruição... Não estou escrevendo para deixá-lo alegre, estou escrevendo para fazê-lo chorar.

Sou uma pessoa com sentimentos e cabeça. Você tem cabeça mas não tem sentimentos. Seus sentimentos são perniciosos. Você quer me aniquilar e eu quero salvá-lo. Amo-o mas você não me ama. Desejo-lhe todo o bem, você me deseja todo o mal.

Conheço todos os seus truques. No passado, quando estava com você, eu freqüentemente fingia estar nervoso, mas não era um gaiato. Estava pensando mais profundo. Tinha Deus perto de mim mas você é uma besta e não entende o amor.

Não pense, não dê ouvidos. Eu não sou seu, você não é meu. Eu o amo agora, eu o amarei sempre. Eu sou seu e sou meu mesmo. Esqueceu o que Deus é, e no passado eu também. Mas O encontrei. Você é aquele que quer morte e destruição, embora tenha medo da morte. Não tenho medo dela. A morte é um acontecimento necessário. Todos nós temos que morrer, portanto estou sempre preparado para ela. Amo o amor, mas não sou a carne e o sangue, eu sou o espírito, a alma. Eu sou o amor... Você não quer me compreender para viver uma verdadeira amizade. Desejo-lhe todo bem.

Quero explicar-lhe muita coisa, mas nunca mais quero trabalhar com você, pois temos objetivos totalmente diferentes. Você é um hipócrita, e não quero me

tornar um. Só posso admitir hipocrisia quando um homem quer conseguir algo bom e nobre por esses meios.

*Você é um homem ruim, você não é um Czar, um governador. Você não é meu Imperador. Você é uma pessoa maligna. Você quer me magoar mas não lhe desejo o mesmo. Sou um ser terno e quero lhe escrever uma canção de ninar...**

Durma em paz, durma, durma em paz.

De Homem para Homem,
Waslaw Nijinsky

Não gosto de comer carne porque vi ovelhas e porcos serem mortos. Vi e senti sua dor. Eles sentiram a proximidade da morte. Saí para não ver sua morte. Não poderia suportar. Chorei como uma criança. Subi correndo um morro e não conseguia respirar. Sentia-me sufocado. Sentia a morte da ovelha. Escolhi uma montanha onde não havia ninguém. Temia ser ridicularizado. Os homens não se entendem. Eu entendo os homens e não lhes desejo mal algum. Quero salvá-los do mal. Eles não querem ser salvos e portanto não quero ser um chato. Ser um chato não os salvará. Quero ser salvo também. Minha estrela me diz: "Venha cá, venha cá!" Sei o que seu brilho significa, sabendo o que é a vida. A vida é vida e não morte. Não consigo escrever porque estou cansado, cansado porque dormi, dormi e dormi. Quero escrever agora. Irei dormir quando Deus me ordenar. Estou para obedecer. Estou em Deus. Deus, Deus, Deus. Escrevi em francês para todos na França, exceto

* A canção de ninar é escrita em versos e sua tradução não é possível.

para Reszké. Ele tem muitas ligações. Portanto lhe pedirei para me enviar papéis poloneses, que são minha certidão de nascimento e meu certificado de batismo. Fui batizado em duas cidades. Nasci em Kiev, que é minha cidade natal. Minha mãe não pode dizer nada agora. Imploro por seu amor. Quero seu amor.

Quero descrever minhas caminhadas. Gostava de caminhar sozinho. Amo ficar sozinho. Estamos todos sozinhos. Nós somos ritmo. Nós somos, nós somos vocês e eles. Quero dizer, dizer, que vós quereis dormir. Quero escrever e dormir. Eu escrevo, escrevo, escrevo. Quero dizer-lhe que não se deve. Quero dizer-lhe que não se pode. Quero escrever, escrever. Escrevo do mesmo modo em francês e espero ser compreendido. Quero falar às pessoas sobre o amor de umas pelas outras. Sei que rirão quando receberem estas cartas, mas ficarão atônitas com estes poemas. Sei que todos pensam que estou morto, porque não tenho deixado ninguém ouvir falar de mim. Quero ser esquecido agora para criar uma forte impressão mais tarde. Minha primeira aparição será em Paris, no Châtelet. Gosto deste teatro porque é grande e simples. Não quero muito dinheiro para mim, pois quero fazer uma apresentação para os atores franceses pobres que sofreram com a guerra. Quero fazê-los entender sobre o amor de uns pelos outros e quero falar com eles. Quero que venham a mim. Sei que virão até mim depois dessa "apresentação de caridade". Quero falar com todos os artistas, pois quero ajudá-los. Eu lhes direi como os amo e que sempre os ajudarei. Freqüentemente virei e os verei, se eles se amarem uns aos outros. Fingirei ser um palhaço, porque aí me compreenderão melhor. Amo os palhaços de Shakespeare — eles têm muito humor, mas apesar disso expressam ódio; eles não vêm de Deus. Sou um palhaço de Deus e por

isso gosto de brincar. Quero dizer que um palhaço é ótimo quando expressa amor. Um palhaço sem amor não vem de Deus. Sinto frio em meus pés e percebo que devo ir logo para a cama. Estão andando lá em cima e sinto que virão me buscar, mas não quero ir dormir, pois dormi muito durante o dia. Mas eles querem que eu durma.

Para minha amada Romuska.

Eu a irritei de propósito porque a amo, e lhe desejo felicidade. Você está assustada comigo porque mudei. Fiz isso porque Deus quis assim. Deus desejou e eu também desejei. Você chamou um médico. Você acredita num estranho e não em mim. Você acha que ele concorda comigo. Mas ele tem medo de mostrar que não sabe nada. Nada, porque tudo que aprendeu sobre alma e cérebro não foi nada. Não tive medo de pôr de lado todos os conhecimentos e mostrar a todo mundo que não sabia nada. Não posso mais dançar como antes, pois todas as danças estão mortas. Por morte, não quero dizer somente o estado de coisas quando o corpo morre. O corpo morre, mas a alma vive. A alma é uma pomba, em Deus. Estou em Deus. Você é uma mulher como todas as outras. Sou um homem como todos os outros, mas trabalho mais que os outros. Sei mais que todos os outros. Você me entenderá mais tarde porque todos dirão que Nijinsky é como Deus. Você acreditará.

Quero caminhar freqüentemente com você, mas você não quer. Pensa que estou doente porque o médico lhe disse. Ele pensa que estou doente. Estou lhe escrevendo em meu livro, porque quero que você o leia em russo. Aprendi a falar francês. Você não quer falar russo? Choro de alegria quando a escuto falar em russo. Você não gosta quando aprendo húngaro? Amo a língua húngara porque você é húngara. Quero viver na

Rússia. Você não sabe o que quer. Eu sei o que quero. Quero construir uma casa no campo. Você não quer viver lá. Não lhe desejo mal algum, eu a amo. Você não quer me mostrar que me ama. Ama-me! Ama-me! Quero contar-lhe que você me ama. Admita o amor...

Chamaram-me para almoçar ao meio-dia e meia. Queria comer. Não almocei porque vi carne. Minha mulher queria comê-la. Deixei a sopa que era feita de carne, minha mulher ficou brava. Achou que não gostei da comida. Não gosto de carne porque sei como os animais são mortos e como choram. Quis mostrar-lhe que o casamento não existe se as pessoas forem de opiniões diferentes. Joguei o anel de casamento na mesa, então peguei-o e coloquei de novo. Minha mulher estava terrivelmente nervosa. Joguei o anel mais uma vez porque sentia que ela estava querendo comer carne. Amo os animais e não poderia portanto comer sua carne, sabendo que, se o fizesse, outro animal teria que ser morto. Só como quando estou com fome. Minha mulher tem pena de mim e acha que devo comer. Gosto de pão com manteiga, queijo e ovos. Como muito pouco para minha constituição e me sinto melhor desde que parei de comer carne. Sei que os médicos dirão que tudo isso é bobagem — que carne é necessário. Mas não é; desperta sentimentos luxuriosos. Estes sentimentos desapareceram desde que parei de comer carne. Sei que crianças que comem carne praticam a masturbação. Homens e mulheres, juntos ou separados, também praticam a masturbação. Isso desenvolve a idiotice. O homem perde toda a percepção e sensibilidade. Eu também costumava perder a sensibilidade quando praticava a masturbação, tremia como se estivesse com febre e tinha dor de cabeça. Estava doente. Sei que Gogol costumava fazer o mesmo e a masturbação foi sua ruína.

Gogol era um homem sensível. Sei como se sentia, seus sentimentos se tornando cada vez mais débeis, dia após dia. Sentia sua morte se aproximando e rasgou seus últimos trabalhos. Não destruirei meu trabalho.

Kyra ainda é pequena. Sempre lhe digo que não se deve deitar sobre o estômago quando dormir. Durmo desse jeito, mas meu estômago é pequeno e portanto pode agüentar. As pessoas que têm o estômago grande não devem se deitar sobre ele. Os homens deveriam dormir de lado e as mulheres de costas. Aprendi tudo isso, notando um grande cansaço. Levanto-me preguiçosamente e não tenho vontade de viver. Desde que desisti da carne, sinto-me melhor. Meus pensamentos ficaram mais claros e corro em vez de andar. Só ando para descansar. Corro muito porque sinto uma força dentro de mim; meus músculos, meus cabelos estão mais obedientes. Danço mais levemente e tenho um grande apetite. Comida não é importante para mim, não me representa nada, e como o que tiver, menos comida enlatada. Sou um vegetariano. Sou um homem e não uma fera. Minha mulher sente que não se deve comer carne, mas tem medo de largar. Acha que os médicos sabem mais sobre isso do que eu. Médicos e especialistas gostam de comer muito, pensando que comida dá força, mas acho que a força não vem da comida, mas da mente. As pessoas acham que não podem ser alimentadas pela mente. Pode-se; a mente substitui a comida. Só como o que a mente diz.

Fugi de casa porque minha mulher não me entendia. Ela ficou assustada comigo e eu com ela. Não queria que ela comesse. Ela achava que eu queria fazê-la morrer de fome. Desejo ajudá-la e portanto não queria que comesse carne. Fugi de casa. Corri e corri morro abaixo. Corri e corri. Não tropecei. Uma força invisível

me empurrava para a frente. Não estava bravo com minha mulher. Estava calmo. No pé do morro estava a aldeia de St. Moritz. Mais tarde, virei numa estrada que dava no lago. Caminhei rapidamente. Andando pela cidade, vi o médico. Apressei o passo, abaixando a cabeça como um culpado. Quando cheguei ao nível do lago, comecei a procurar abrigo. Tinha 1 franco e 10 cêntimos em meu bolso, e lembrei-me que ainda tinha umas poucas centenas no banco. Percebi que podia pagar por um quarto e decidi não voltar para casa... Fui à procura de um lugar. Entrei numa confeitaria* para pedir à proprietária que me alugasse um quarto. Querendo amolecer seu coração, disse-lhe que ainda não havia comido nada, mas antes perguntei-lhe se já havia comido. Respondeu que tinha acabado de almoçar. Disse-lhe que estava faminto. Ela não falou nada, provavelmente achando que eu não deveria comer. No passado, muitas vezes freqüentara e comprara doces naquela confeitaria; ela pensava que eu era rico e portanto era sempre muito gentil comigo. Beijei sua criança e acariciei sua cabeça; ela ficou satisfeita. Disse-lhe que lamentava muito por ela ter sofrido com a guerra. Ela se queixou dos tempos difíceis, senti pena e encomendei muitos doces pensando em ajudá-la. Perguntei se podia me alugar um quarto. Respondeu que a casa estava toda ocupada. Depois de um tempo, prometeu que haveria um apartamento disponível numa semana. Expliquei que não queria um apartamento. Respondeu que sentia muito mas não podia me alugar um quarto. Achou que eu queria levar uma mulher para lá. Disse-lhe abertamente que queria um quarto para trabalhar, pois minha mulher não me entendia. Ela ouviu minha queixa e saiu. Seu marido, que estava presente à conversa, sabia que eu

* Confeitaria Hanselmann na aldeia de St. Moritz.

era um homem sério e que não precisava de mulheres — ele me compreendeu mas não podia fazer nada. Disse-lhe que às vezes é difícil se entender no casamento. Respondeu-me que uma vez sua mulher pegara um prato de modo errado e ele a aconselhara a pegar de outro jeito, mas ela não lhe deu ouvidos. Compreendi a queixa do marido. Apertei sua mão pela primeira vez e saí. Estava triste porque percebi que teria de dormir na rua. Andei. Passei por uma fileira de lojas. Estavam fechadas, assim como todo Bad St. Moritz.* Ninguém morava lá. Sentei-me, encostando numa parede sob uma janela para ver se podia dormir ali ou não. Depois de um tempo, me senti mais quente, depois frio. Vi uma mulher saindo de casa tremendo de frio, como eu. Estava dolorosamente frio; era inverno — numa altitude de 2 mil metros. Continuei. De repente vi uma porta aberta e entrei. Não havia ninguém e percorri os quartos. Percebendo uma porta entreaberta, senti um odor desagradável. Vinha de dentro. Olhei e vi um lavatório sujo. Quase chorei só de pensar em ter que dormir lá, naquele lugar sujo. Saí para a rua, que estava vazia. Andei e de repente senti que tinha que virar para a esquerda. Estivera andando na rua errada. À distância, vi uma casinha caiada de branco, caminhei em sua direção e entrei. A dona da casa não era absolutamente uma mulher simples. Estava vestida com roupas de cidade. Perguntei-lhe se podia me alugar um quarto, ela respondeu que sim mas que o quarto não era aquecido. Disse-lhe que não me importava. Indicou-me o segundo andar. A escada era alta, com degraus quebrados, e fora da casa. A neve na escada rangia sob meus pés. Entrei no quarto n.º 5, vi sua pobreza e me

* Bad St. Moritz fica fechado no inverno.

senti aliviado. Perguntei quanto teria que pagar por ele. Respondeu-me 1 franco por dia. A casa era branca e limpa. Podia-se ver que as pessoas eram pobres mas asseadas. Queria sair mas não conseguia, queria escrever naquele quarto. Olhei em volta e vi uma cama dura, sem travesseiro, e uma fila de cadeiras. Perto da cama, havia um lavatório de madeira velha sem pia nem jarro. Queria ficar mas Deus me disse para sair. Fui embora, agradecendo e prometendo voltar à noite. Separamo-nos. A mulher me causou uma boa impressão. Caminhei pela mesma estrada que viera. Senti uma tristeza, profundamente enraizada. Da casinha, vi meu próprio lar e chorei. Sentia-me profundamente infeliz, e queria soluçar, mas minha mágoa era muito grande. As lágrimas não cairiam. Fiquei triste por muito tempo. Caminhei por uma floresta e entrei numa casa pelo caminho. Vi algumas crianças. Elas pensaram que eu queria brincar com elas: começaram a jogar bolas de neve em mim. Comecei a jogar bolas menores nelas dizendo: "Isso não é bonito." Não sabia falar alemão, mas entendi as crianças; então pegando um trenó comecei a dar caronas. Elas riram. Eu estava feliz. Entrei com elas numa cabana e vi uma mulher. Ela deu biscoitos às crianças. Queria um, pois não havia comido nada. Ela entendeu e me deu um biscoito. Quis dar-lhe 10 cêntimos por ele, mas não aceitou. Enfiando em sua mão, disse-lhe que era para as crianças pobres. Ela contou-me suas tristezas, que perdera uma criança três meses atrás e apontou o cemitério. Disse-lhe que compreendia o seu desgosto e que não deveria se entristecer por Deus ter levado sua criança pois era o Seu desejo. Ela ficou em silêncio; sentiu que era verdade. Disse-lhe que Deus toma o que dá e que não se deve lamentar. Ficou mais calma e começou a sorrir. Queria ir embora, mas ela

deu outro biscoito para cada uma das crianças, e fiquei lá. Deu-me outro biscoito também. Ela não quis comer. Agradeci-lhe e saí. As crianças me amaram embora não tivesse brincado com elas por mais de quinze minutos. Fui pela estrada da floresta. Lá ouvi pássaros e, às vezes, vozes dos homens esquiando. Não tinha esquis mas não caí.* Apesar disso, andei e andei. Não caí porque segui pelo atalho. Não podia mais andar porque meus pés estavam frios. Estava vestido levemente. Subindo rapidamente o morro, de repente parei e não sabia mais o que fazer. Esperei pelas ordens de Deus, esperei e esperei. Senti frio. Senti calor. Sabia que antes de gelar até à morte, as pessoas sentiam frio, mas não tinha medo de morrer ou congelar. Então senti um empurrão e fui em frente, subi mais alto, andei e andei, subitamente parei e compreendi que não se podia ir adiante. Parei e senti frio, senti que a morte havia chegado. Não tinha medo e pensei que me deitaria; mais tarde, seria apanhado e levado até minha mulher. Chorei em minha alma e me senti profundamente triste. Não sabia o que fazer nem para onde ir, sabendo que se fosse mais adiante, só poderia encontrar um abrigo cerca de 25 verstas** além. Tinha medo de congelar e estava cansado. Virei e voltei pelo atalho, e vi pessoas. Senti-me repentinamente feliz. Nem tomaram conhecimento de mim. Continuei, admirando-as nos esquis. Estava andando por um atalho podre, cheio de buracos. Não conseguia olhar para o lado da estrada onde, no fundo do precipício, o Inn passava. O Inn nasce nessa estrada por onde eu estava andando. Estava cansado e andava e andava. Queria descansar. Vi um toco de árvore, mas fica-

* No inverno, as montanhas e florestas estão sob a neve — às vezes um metro e meio a dois de altura; então andar sem esquis não é possível.
** Uma versta é uma medida itinerária russa equivalente a 1.067 m.

va à beira da estrada que levava a uma taverna. Tentei sentar mas quase caí no riacho, que corria muito rápido pois a montanha era alta. Andei e andei. Sentia um grande cansaço, mas de repente senti uma grande força e queria correr as 25 verstas todas, não percebendo a distância. Esperava que, correndo, poderia cobrir a distância rapidamente, mas senti-me cansado. Andei e andei. Queria correr pela estrada pela qual viera, mas senti frio e decidi continuar andando. Entrei na aldeia de Campfer. Ouvi crianças cantando. Mas suas canções não vinham do coração. Eram canções ensinadas, então passei reto. Tive pena das crianças, sabendo como são as escolas. Andei, andei e cheguei a uma estrada, que de um lado me levava para casa, e de outro para meu novo quarto. Senti que deveria seguir para meu novo quarto para mudar toda minha vida e decidi ir para lá, mas uma força estranha me fez compreender que tinha que virar para minha casa. A estrada era longa, morro acima. Andei e andei, de repente fiquei cansado e me sentei à beira da estrada. Sentei e descansei. Sentia frio, gelado e com medo da morte. Ainda sentia um pouco de calor dentro de mim. Sentei e descansei. Vi passar trenós, transeuntes, mas eu não me mexia. Achava que teria que me sentar lá infinitamente. De repente senti forças para me levantar. Levantei-me e andei. Vi carroças carregadas de madeira e segui ao lado delas. Vi um cavalo correr morro acima e corri também. Estava fazendo isso sem pensar, apenas sentindo. Corria e arfava, então, não conseguindo mais correr, andei. Compreendi que os homens instigam os cavalos e as pessoas até que caiam como pedras, exaustos. Decidi, como o cavalo, que poderiam nos bater com chicote o quanto quisessem e ainda assim faríamos o que sentíssemos, porque nós queremos viver. O cavalo andava e eu também. No trenó, um homem gordo estava sentado com sua mulher que estava chateada. O condutor também. Todos estavam chateados. Menos eu, porque não estava pensando, estava sentindo. Andei e andei, cheguei à aldeia de St. Moritz e parei fora do posto telegráfico. Não li os boletins de guerra. De repente alguém me segurou pelos ombros. Virei e vi o médico. Ele queria que eu fosse à sua casa, mas me recusei categoricamente, dizendo que não podia conversar com ninguém hoje, pois queria ficar sozinho. Ele disse que seria melhor que eu fosse, pois minha mulher estava lá também. Disse-lhe que odiava fazer as pazes. Gosto que as pessoas se entendam e não apenas se reconciliem. Apreciava esse médico. Senti que ele estava amargamente triste. Também estava infeliz, mas resolvi ir para casa, minha *própria* casa, e andei em sua direção rapidamente. Subi o morro e antes de alcançar a casa, vi as portas abertas. Louise, a criada, estava abrindo as portas para mim. Entrei, sentei ao piano e comecei a tocar; toquei uma marcha fúnebre. Minha alma chorou. A criada sentiu tudo e disse: "É bonito."

Acabei de tocar e fui comer. Ela me ofereceu toda espécie de coisas. Comi pão com manteiga e queijo, e de sobremesa dois doces. Não estava realmente com fome. Vim para escrever tudo isso. Mais tarde me chamaram para jantar, mas como não queria comer sozinho, recusei firmemente, dizendo que não era criança para ser adulado. Louise estava me adulando, gritando: "Espaguete quente." Não respondi nada.

Estão tocando e tocando. Não sei quem está chamando, pois não gosto de falar ao telefone. Deve ser a mãe de minha mulher, ela chegou e está telefonando para investigar sobre minha saúde. A criada com lágrimas na voz está respondendo alguma coisa. Todos pen-

sam que estou doente. Estou escrevendo, chorando e pensando em minha mulher, que partiu achando que sou um bárbaro de origem russa. Ela ouviu isso em húngaro, quando a Rússia estava em guerra com a Hungria. Estive internado lá. Vivia lá e compus *A Teoria da Dança*. Dançava muito pouco porque estava triste, triste porque achava que minha mulher não me amava. Fiquei noivo no Rio de Janeiro; casei-me repentinamente na América do Sul. Encontrei-a no vapor *Avon*. Já descrevi um pouco minha vida de casado. Devo dizer que casei sem pensar no futuro. Gastamos todo o dinheiro que economizara com grande dificuldade. Dava-lhe rosas de 5 francos cada. Trazia-lhe vinte ou trinta dessas rosas por dia. Gostava de lhe dar rosas pois sentia as flores e entendi que o amor é branco, não vermelho. Rosas vermelhas me assustam. Não sou covarde. Casei-me. Sentia amor eterno e não um amor sensual. Amava-a ardentemente e dei-lhe tudo que podia. Ela me amava. Parecia-me que era feliz. Três ou cinco dias após meu casamento, senti-me magoado pela primeira vez. Pedi à minha mulher para aprender a dançar, porque a dança era a coisa mais elevada para mim. Queria ensiná-la. Nunca ensinei minha arte a ninguém, eu a queria só para mim, mas quis ensinar-lhe a verdadeira arte da dança, porém ela ficou assustada. Não confiaria mais em mim? Chorei e chorei amargamente e já sentia a morte. Compreendi que cometera um erro, mas era tarde demais para desfazê-lo. Lançara-me nos braços de uma pessoa que não me amava? Compreendi o erro todo. Minha mulher me idolatrava acima de tudo mas não me sentia. Queria partir mas julguei que seria grosseiro e fiquei com ela. Ela me amava. Ela me amaria apenas pela minha arte e pela beleza de meu corpo?

Ela era inteligente e ensinou-me as coisas necessárias da vida. Eu tinha um processo em Londres contra o Teatro Palace e perdi. Ainda tenho uma causa contra este teatro. Já descrevi essa trapaça. Sucumbi por excesso de trabalho, tive um ataque de febre e estive à beira da morte. Minha mulher então chorou. Amava-me e sofreu quando viu que eu havia me estafado. Compreendeu que era por causa de dinheiro. Eu não queria dinheiro, mas uma vida simples. Amava o teatro e queria trabalhar. Trabalhei duramente, mas mais tarde meu espírito se abateu pois notei que não era mais amado, e refugiei-me em mim mesmo. Fui tão longe que não conseguia mais entender as pessoas. Chorei e chorei.

Não sei por que minha mulher chora. Acho que percebeu agora o erro, e tem medo que eu a deixe. Não sabia que ela estava em casa com minha filha. Pensei que estavam fora. Parei pois ouvi choro. Estou profundamente ferido e sinto pena dela. Choro, choro. Ela chora e chora. Amigos estão com ela e portanto não irei vê-la. Espero que Deus ajude e ela entenda.

CARTA A LADY "X"

Cara Senhora,

Fiquei muito feliz em receber sua carta — entendi sua intenção em me informar que as apresentações do Balé Russo não estão tão boas como costumavam ser. Também senti que desejou me comunicar que Massine está falando bem de mim. Acredito que fale amavelmente mas, ao mesmo tempo, sinto que é fingimento. Creio que seja assim porque Massine tem uma grande afeição por Diaghilev, de quem não gosto.

Diaghilev me odeia: ele tentou me botar na prisão em Barcelona. Dancei em Barcelona — como sempre faço — com amor. Massine dança sem amor, pois prefere a arte dramática. É um bom menino — tenho uma afeição verdadeira por ele, mas não acho que tenha sentimentos amigáveis por mim, pois pensa que magoei Diaghilev. Diaghilev disse-lhe que a razão pela qual não gostava de mim é que pedi o salário que devia ter recebido de sua companhia.

Diaghilev não gosta de pagar — Massine descobrirá isso a tempo. Quero ser pago pontualmente — tenho uma mãe que morreria de fome se eu não olhasse por ela. Massine gosta de dinheiro tanto quanto eu. Não me importo de Massine ter tomado meu lugar em seu coração. Gosto dele e beijei-o como um irmão quando nos encontramos — mas não retribuiu o beijo e isso me deixou triste.

Não quero mais trabalhar com Diaghilev — no futuro trabalharei sempre sem ele, pois nossas idéias são totalmente diferentes. Espero que Massine — o qual aprecio — venha a mim. Espero que não fique assustado com Diaghilev e que Diaghilev permita que Massine se una a mim.

Uma vez também fiquei assustado com Diaghilev, mas nunca mais — estou trabalhando muito duro e fazendo grandes progressos. Mas esses progressos são muito diferentes daqueles de Diaghilev. Sou diferente dele, tenho um coração — e trabalho com meu coração e alma e espero desenvolver meu espírito. Não sou mais Nijinsky do Balé Russo — sou Nijinsky de Deus — eu O amo e Deus me ama.

Quero que você veja minhas danças agora — sem uma companhia. Por essa razão, quero que me veja em Paris para onde pretendo logo ir.

Esperando vê-la em breve,
Com amizade,
Seu,

Waslaw Nijinsky

À MARQUESA DE RIPON, 1919

Cara Senhora,

Quero pedir-lhe para enviar a carta anexa para Dmitri Romanovich Kostrowsky. Ele é um artista e sofre de epilepsia, mas é muito inteligente.

Sinto uma grande afeição por ele e por essa razão estou lhe escrevendo. Deixo essa carta aberta — não tenho segredos. Poderia por favor enviar essa carta em seu nome, pois não quero que seja extraviada? Mostre essa carta se necessário às autoridades inglesas; quero também lhe implorar que permita que Kostrowsky me escreva sob seus cuidados.

Tenho um grande favor para lhe pedir: proteger Kostrowsky, pois é muito doente — e muito pobre — ele está com sua mulher. Suas crianças estão na Rússia e acredito que sua mulher esteja sofrendo muito por não poder vê-las. Não quero que Kostrowsky vá à Rússia: seria melhor se Madame Kostrowsky fosse sozinha. Entendo que tenham medo dos bolchevistas. Minha mãe foi para Kiev porque tinha medo durante a Revolução.

Estou certo de que as autoridades me entenderão porque peço permissão para Madame Kostrowsky ir à Rússia.

Agradeço-lhe antecipadamente,

Com amizade,
Waslaw Nijinsky

AO PRESIDENTE DO CONSELHO DAS FORÇAS ALIADAS NA RÚSSIA, PARIS

Vossa Excelência,

Quero pedir-lhe que permita que a carta anexa seja enviada à minha mãe. Amo minha mãe e quero que saiba que estou vivo. Sei que está terrivelmente ocupado mas também sei que é um homem gentil.

Você me entenderia se tivesse me visto dançar.

Eu lhe imploro para fazer o favor de enviar minha carta à minha mãe. Sei que depende de você, embora tenha que submetê-la a outras autoridades.

Mais uma vez lhe peço para enviá-la. Minha mãe é uma mulher doente. Perdeu um filho e sofre porque não pode me ver. Ela me ama. Ela não tem nada com política e tem 70 anos. Sabe que sou famoso e amado por toda parte, que tenho amigos influentes e então, se não ouvir falar de mim, acreditará que estou morto.

Faz mais de um ano e meio que não consigo me comunicar com ela. Deve pensar que ultimamente tenho dançado na Inglaterra. Provavelmente ficará assustada, com medo de que eu tenha me machucado por causa da revolução, pois devem pensar que pertenço aos revolucionários. Minha mãe sabe que não pertenço a nenhum credo ou partido político. Ela sabe de meu amor pela humanidade. Sabe que não gosto de violência. Sabe que, mesmo quando era garoto, não gostava de brigar com meus colegas. Ela me criou, me conhece bem. Não gosto de lutas — amo todo mundo — e não quero a morte de ninguém.

Amo minha mulher. Ela é húngara de nascimento. Viajei com ela pela França durante a guerra. As autoridades francesas nos permitiram atravessar a França várias vezes. Amo a França e a Inglaterra, a Polônia, a Itália e a Rússia. Eu amo o mundo inteiro.

Agradeço-lhe antecipadamente,
Waslaw Nijinsky

CARTA A ELEONORA NIJINSKAYA, MÃE DE NIJINSKY — 1919(?)

A carta começa em russo mas termina em polonês. A mãe de Nijinsky vivia na Rússia.

Minha querida Mãe,

Amo-a como sempre e estou com boa saúde. Não tenho tido notícias suas. Tenho lhe escrito mas não recebi nenhuma resposta e minhas cartas foram devolvidas.

Estou feliz. Mas infeliz porque não posso vê-la. Amo-a e peço-lhe para vir até mim. Tenho uma pequena casa que aluguei mobiliada; esta casa está à sua disposição. Amo-a muito, você me criou. Tenho uma filha e desejo que a crie também. Sei o quanto de Deus você tem em si e por isso desejo que você O dê à minha

filha. Minha filha é uma criança maravilhosa. Escuta aqueles que a amam, por isso lhe obedecerá. Deus deseja que você esteja com ela e quero você comigo. Venha imediatamente. Mandarei dinheiro para a viagem. Não quero me meter em política. Não sou um político, sou um ser humano, criação de Deus. Amo todo mundo e não aprovo nenhum tipo de crime. Sou jovem, forte e trabalhador. Não tenho muito dinheiro mas o suficiente para prover suas necessidades por toda sua vida.

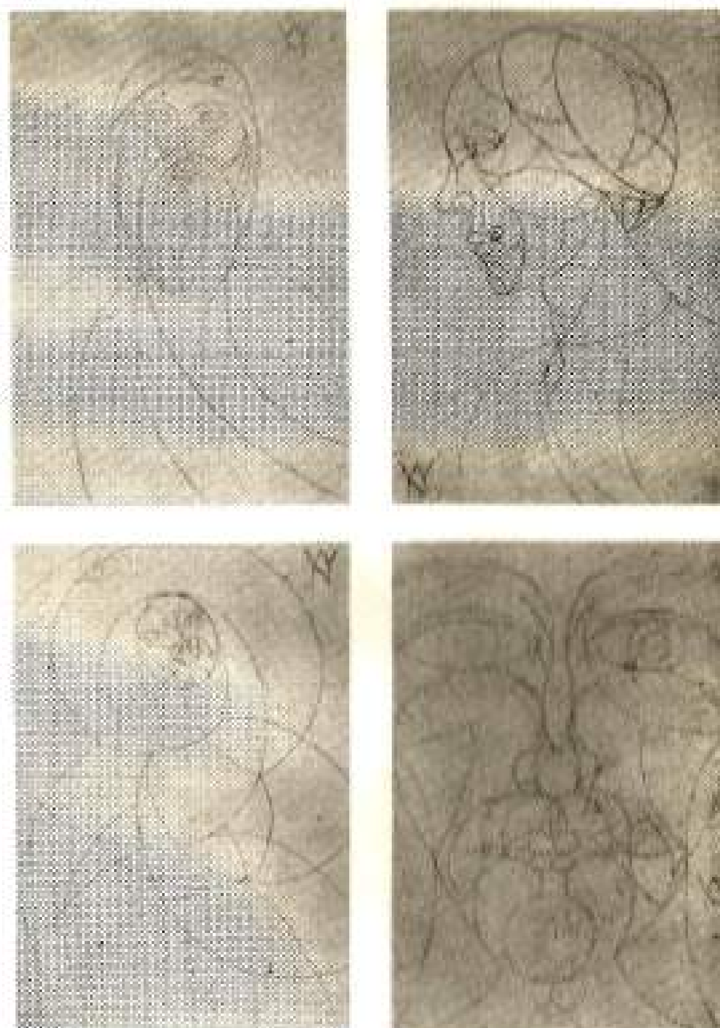
Quero ver Bronia e Sacha também. Estão agora com você. Sei que lhe são devotados. Percebo que eles têm tido tempos difíceis para ganhar a vida, e estão cansados de lutar. Desejo ajudá-los. Não quero dinheiro para mim.*

Minha mulher também a ama e quer muito que você venha. Eu também. Escreva-me por favor, através das autoridades britânicas. Também estou mandando esta carta através delas. Sei que gostarão de você se você se apresentar. Mas vá sozinha, sem Sacha. Eles devem desaprovar os revolucionários. Não sei como está Sacha agora, pois há muito tempo que não o vejo.

Gostava de Kerensky, mas desaprovava os bolchevistas. Agora não sei como ele está, pois ultimamente não se manifesta. Eu expresso minhas opiniões. Não gosto de partidos políticos. Não pertenço a nenhum partido. Sei muito bem que Deus ama todas as pessoas e não quer a morte de ninguém.

Muitas pessoas compreenderão Tolstoi. Ele não era um anarquista. Li seus trabalhos muitas vezes. Vejo

* Bronia é a irmã de Nijinsky e Sacha, seu cunhado.



Desenhos a lápis feitos por Nijinsky

Fac-símile do Livro II da Morte

que amava todo mundo. Ele amava Deus e não um partido. Também faço o mesmo. Meu partido é o partido de Deus, Ele está comigo, eu estou com Ele.

Beijo-a, minha mãe querida, e peço-lhe para beijar todos que me amam.

Seu filho
Wacio

PARTE II

MORTE

27 de fevereiro de 1919[1]

SOBRE A MORTE

A MORTE veio inesperadamente — porque eu queria que ela viesse. Disse a mim mesmo que não desejava viver. Não vivi muito. Disseram-me que estava louco. Pensei que estava vivo, mas não me foi dada nenhuma paz. Vivia e estava contente, mas diziam que eu era mau. Decidi escrever sobre a morte. Choro e estou muito aflito, pois tudo em volta está vazio. Amanhã, Louise, a criada, chorará de tristeza ao ver toda essa destruição e perda. Desmontei todos os quadros e desenhos nos quais estivera trabalhando por seis meses. Minha mulher procurará por esses quadros e não os encontrará. Coloquei a mobília de volta ao seu antigo

---

[1] Esta é a única data que Nijinsky colocou no manuscrito do seu *Diário*. É a última anotação e indica o final do seu manuscrito.

lugar e pus o abajur onde estava antes. Não quero que riam de mim, e resolvi não fazer mais nada. Deus me diz para não fazer mais nada, apenas registrar minhas impressões. Escreverei. Quero entender a mãe de minha mulher e seu marido. Conheço-os bem, mas quero ter a certeza.

Escrevo sobre coisas que tenho vivido, não estou imaginando nada. Estou sentado numa mesa vazia. Na gaveta estão todas as minhas tintas. Elas secaram pois não pinto mais. Pintei muito e fiz grandes progressos. Quero pintar, mas não aqui porque sinto a morte. Quero ir a Paris, mas receio que seja tarde demais. Agora quero escrever sobre a morte. Chamarei a primeira parte deste livro "Vida" e a esta parte "Morte". Farei as pessoas entenderem a vida e a morte e espero ser bem-sucedido. Sei que se publicar estes livros, dirão que sou mau escritor, mas não quero ser um escritor. Quero ser um pensador. A mente é vida e não morte. Escrevo sobre filosofia, mas não sou um filósofo. Não gosto de filosofia porque é um capricho de pessoas mimadas. Não sou Schopenhauer. Sou Nijinsky. Sou aquele que morre quando não é amado. Sinto pena de mim como sinto pena de Deus. Deus me ama e me dará vida na morte. Não quero dormir. Estou escrevendo à noite. Minha mulher também não tem sono, está pensando. Sinto a morte.

Entendo as pessoas. Elas querem desfrutar os prazeres da vida. Todos os prazeres são horríveis. Não quero prazer. Minha mulher ficará assustada quando descobrir que tudo que escrevo é verdade. Sei que ficará triste porque pensará que não a amo. Possivelmente não desejará mais viver comigo, porque não confiará mais em mim. Eu a amo e sofrerei sem ela. Mas meus sofrimentos são necessários e os suportarei. Não posso

esconder o que sei. Devo mostrar o significado da vida e da morte. Quero descrever a morte. Eu a amo — sei o que é. A morte é horrível. Eu a senti muitas vezes.

Estava morrendo num hospital quando tinha quinze anos. Era um menino corajoso. Pulei e caí. Levaram-me para o hospital. Lá eu vi a morte com meus próprios olhos. Vi um paciente espumando pela boca, porque tomara um vidro inteiro de remédio. E tomar um vidro inteiro de remédio faz uma pessoa morrer e deixar este mundo. Além deste mundo não há luz, por isso tenho medo da morte e do que está além. Quero luz, a luz de estrelas brilhando. Uma estrela brilhando é vida — uma estrela que não brilha é a morte. Notei que há muitos seres humanos que não brilham. A morte é uma vida apagada. A vida das pessoas que perderam a razão é uma vida apagada. Eu também fiquei louco. Perdi a razão, mas compreendi a verdade quando fui deixado em St. Moritz — pois senti profundamente todas as coisas. Sei que é difícil sentir quando se está sozinho. Mas somente sozinho pode-se compreender o sentimento.

Sei que é por minha culpa que minha mulher está tentando calcular. Disse-lhe para não fazê-lo pois todas as contas já foram pagas. Quero tomar um drinque, comer e depois escrever. Escreverei sobre todas as coisas que vejo e escuto.

Bebi a garrafa toda de água mineral. Quero viver como vivia antes. Depois de terminar este livro, farei isso. Quero escrever sobre a morte e portanto devo ter as impressões frescas em minha mente. Quando um homem quer escrever sobre suas experiências, isso deve ser assim. Escreverei sobre todas as experiências que quero atravessar.

Sei que todos ficarão assustados comigo e me colocarão num asilo para lunáticos, mas pouco me importo. Nada temo e quero morrer. Estarei pronto para tudo. Deus quer aperfeiçoar a vida e eu serei Seu instrumento.

Passa da uma e ainda estou acordado. As pessoas devem trabalhar durante o dia mas eu trabalho à noite; amanhã meus olhos estarão vermelhos. Minha sogra se assustará e pensará que estou louco. Espero ser levado a um asilo. Uma vez, criei um balé para a música de Richard Strauss. Compus este balé em Nova Iorque e produzi-o rapidamente. Pediram-me para fazê-lo em três semanas. Protestei dizendo que não poderia produzir um balé em três semanas e que estava acima de minhas forças. Otto Kahn, o diretor da Metropolitan Opera, disse que não poderia me dar mais tempo. Fui informado disso por Mr. Coppicus, que viera negociar comigo os interesses do teatro. Concordei com esta proposta pois não podia fazer mais nada, sabendo que, se recusasse, não teria dinheiro para viver. Resolvi e fui trabalhar. Trabalhei como um touro. Era incansável e dormia muito pouco. Trabalhei e trabalhei. Minha mulher presenciou todo esse trabalho e sentiu pena de mim. Contratei um massagista — sem massagens não poderia prosseguir com meu trabalho. Percebi que estava quase morrendo. Encomendei os figurinos de um *costumier* na América. Expliquei-lhe todos os detalhes. Ele entendeu minhas idéias. Encarreguei um americano, Robert Edmond Jones, de fazer os cenários. Esse artista, embora tentasse me entender, parecia não ter a sensibilidade certa para o cenário. Ele se preocupava o tempo todo. Eu não me preocupava, apenas lhe explicava os *décors* que queria, e pedia para trazer livros da época que teria que ser representada. Ele desenhou como eu lhe havia explicado. Os desenhos dos figurinos saíram melhores.

Suas cores eram cheias de vida. Adoro a vida cheia de cor. Ele compreendeu quando lhe mostrei como encontrar a idéia certa e ficou agradecido, mas ainda se preocupava e se preocupava. Faz-me lembrar minha mulher que tem medo de tudo. Costumava lhe dizer: "Por que você tem medo? Não se deve ter medo." Mas ainda assim se preocupava. Evidentemente preocupava-se com o sucesso do balé. Não acreditava em mim. Eu estava certo do sucesso. Trabalhei como um touro, mas o touro foi muito sobrecarregado — caiu e torceu o pé.

Fui levado ao Dr. Abbé, um bom médico. Seu tratamento foi simples. Mandou-me deitar e descansar. Fiquei na cama e descansei. Eu tinha uma enfermeira. Ela se sentava ao meu lado o tempo todo. Não conseguia dormir porque não estava acostumado a dormir com uma enfermeira me observando. Se ela dormisse em vez de ficar sentada lá me olhando, eu teria conseguido dormir. Ela ficava o tempo todo dizendo: "Tente dormir, durma." Mas não conseguia. Duas semanas assim se passaram. Meu balé *Till*[*] ainda não estava produzido. O público se inquietava, achando que eu era um artista voluntarioso. Não tinha medo da opinião do público. Os diretores decidiram adiar o balé por uma semana. Nesse meio tempo, resolveram abrir a temporada sem minha presença, com medo do fracasso financeiro, mas não houve fracasso algum porque assim que comecei a dançar, o público veio.

O público americano me ama — acredita em mim. Viram que meu pé estava doendo. Dancei pessimamente, mas ficaram contentes. *Till* obteve um grande sucesso, mas foi produzido muito rápido. Foi "tirado do forno" muito cedo e por isso estava cru. O público americano

* O balé a que Nijinsky se refere é *Till Eulenspiegel*, primeiro produzido na América em 1916.

gostou do meu balé "cru". Estava saboroso pois o cozinhei muito bem. Não gostava deste balé mas dizia: "Está bom." Alguém tinha que dizer isso, senão ninguém teria vindo ao teatro e a temporada teria sido um fracasso. Não gosto de fracassos, por isso dizia: "Está bom." Disse a Otto Kahn que eu estava feliz e contente. Ele me cumprimentou pois via o quanto o público estava satisfeito. Fiz de *Till* um balé cômico, pois era sensível e sentia a guerra. Todos estavam fartos da guerra. As pessoas tinham que ser animadas. Eu as animei. Mostrei-lhes *Till* em toda a sua beleza, uma beleza simples. Mostrei-lhes o verdadeiro povo alemão. Os jornais estavam satisfeitos porque os críticos eram na sua maioria alemães. Antes da primeira apresentação, chamei os jornalistas e expliquei-lhes o objetivo e a estória de *Till*. Ficaram extremamente satisfeitos porque puderam preparar suas críticas. As críticas eram muito boas e algumas delas inteligentes. Fui elevado a grandes alturas. Destas eu não gostava muito pois sentia que eram nada mais que elogios. Não gosto de elogios porque não sou um menino. Os críticos entenderam o meu balé. Vi a falha que um dos críticos notara. Ele notou uma determinada parte na música e pensou que eu não a tinha entendido. Entendi muito bem, mas não queria me cansar pois meu pé ainda estava doendo. A tal parte era muito difícil para o artista, por isso nem me incomodei com ela. Os críticos sempre pensam que são mais inteligentes que os artistas. Freqüentemente abusam de seus direitos quando censuram o artista por sua apresentação. Os artistas são pobres e tremem diante da crítica. Sentem-se magoados e sofrem. A alma chora.

Conheço um artista e crítico cujo nome é Alexandre Benois. É um homem inteligente e tem grandes conhecimentos de pintura. Li suas críticas *Letters on Art*.

Estava sempre atacando Alexandre Golovin, que era o pintor cênico do Teatro Imperial de São Petersburgo. Ele enviava suas críticas ao jornal *Retch*,* dirigido por Nabokov, um homem inteligente. Convidou Filosovov para se unir a ele. Benois sempre escrevia contra o jornal *Novoe Vremia*. *Retch* estava tentando pegar os assinantes do *Novoe Vremia*, mas *Retch* era um jornal vazio, tolo.

Desde menino, eu já entendia os jornais e o jornalismo. Escreviam sobre coisas ultrapassadas que todos já sabiam mesmo sem ler. Preenchiam páginas porque as páginas tinham que ser preenchidas. Não tinha medo da crítica quando era menino, e portanto não me curvava aos críticos. Curvei-me a um, cujo nome era Valerian Svetlov. Era um crítico de dança. Vivia com uma dançarina e com ela aprendeu muitas expressões técnicas sobre dança. Ele as convertia em sentenças bonitas. Havia outros críticos, mas não tão afiados e espirituosos. Svetlov estava sempre com uma resposta na ponta da língua. Arrumou muitos problemas com suas críticas e escrevia bem. As pessoas pensam que um homem que escreve bem pode entender a arte da dança, mas não é assim. Eu entendia a arte da dança porque dançava. Svetlov nunca dançou em nenhum dos balés sobre os quais escreveu, e não sabia o que a dança significa. Era chamado de Papagaio, porque se parecia com um. Nikolai Legat** não gostava dele e fazia caricaturas suas parecendo com um papagaio. Chamo-o de papagaio, não porque pareça um, mas porque nas suas críticas repete coisas como todos aqueles críticos que repetem coisas já bem conhecidas. Svetlov se vestia de seda. Cheirava a perfumes e cremes. Ele tinha dinheiro. Dava presentes

* *Retch* significa discurso em russo.

** Nikolai Legat, um dos mestres de dança de Nijinsky na Escola Imperial.

caros à sua amiga. Não fazia amor como um jovem. Tinha aproximadamente sessenta anos e se maquiava. As mulheres gostavam dele. Suas críticas eram espirituosas e certeiras. Todos o temiam. Todas as dançarinas cediam a ele porque o temiam. A vida lhe era fácil e estava sempre satisfeito. A expressão de sua face era sempre serena como uma máscara. Já vi tais máscaras, feitas de cera. Acredito que não sorria com medo das rugas. Possuía recortes de jornais velhos sobre balés e sempre escrevia as mesmas coisas, apenas mudando um pouco o estilo. Suas críticas não transmitiam nada de novo. Apenas por diversão, começou a me criticar. Ele não sabia que suas críticas me deixavam doente. Temia-o e não gostava dele. Sabia que suas críticas eram amplamente lidas e portanto mais desagradáveis — pois eu achava que, por causa delas, seria forçado a dançar no *corps de ballet* — uma turma ignorante de arte. Conheço muitos bailarinos que dançavam muito bem; estudavam demasiadamente, mas eram colocados no *corps de ballet* por falta de proteção e influência. O *corps de ballet* era muito bom e possuía alguns bailarinos inteligentes. Gostava de mim e isso era uma boa propaganda. Já naqueles dias, queria que as pessoas me amassem. Queria ser amado não só pelo *corps de ballet* — mas pelo primeiro e segundo bailarinos, pelos mestres do balé e pelas bailarinas também. Procurei amor e percebi que não havia nenhum. Era tudo sujeira. Todos queriam elogios e bajulação. Não gostava de bajulação e elogios.

Costumava ir ao escritório do administrador dos teatros, Krupensky, e pedia-lhe permissão para dançar. Dançava apenas quatro vezes por ano. Dançava muito raramente para o público de São Petersburgo, embora gostassem muito de mim. Sabia que isso era o resultado de intrigas de outros bailarinos. Não era mais alegre; sentia a morte, tinha medo das pessoas e trancava-me

no quarto. Tinha um quarto estreito com um teto alto. Gostava de olhar para as paredes e teto porque me faziam pensar na morte. Não sabia como me reanimar.

Não acho que se devam preservar quadros de pintores mortos porque prejudicam os pintores jovens. Um artista novo é sempre comparado com os Velhos Mestres. Um pintor deixou de ser graduado pela Academia de Pintura só porque seus quadros não se pareciam com quadros de museus. Esse pintor se chamava Anisfeld, um judeu. É casado e tem filhos. Ele brigava com sua mulher. Eu me lembro. Ele costumava se queixar para Diaghilev sobre isso. Eu sabia que amava sua mulher, sentia sua alma chorando. Era um bom homem. Encomendei-lhe cenários para vários balés. Agora pinta cenários e *décors* na América do Norte. Pelos jornais se vê que faz sucesso. Bakst ficava furioso com ele. Não gostava de Anisfeld porque ele pintava bons cenários e fazia grande sucesso em Paris e em outras cidades por onde se apresentava.

Nossa companhia se chamava Balé Russo. Eu amava o Balé Russo. Dei-lhe minha alma e meu coração. Trabalhava como um touro e vivia como um mártir. Sabia o quanto era difícil para Diaghilev também. Compreendia suas dificuldades. Ele sofria por causa de dinheiro. Não me amava quando não lhe entregava todo meu salário, que ele usava para os balés. Todas minhas economias. Diaghilev uma vez pediu-me 40 mil francos. Emprestei mas fiquei com medo que não me devolvesse. Sabia que não tinha conseguido. Percebi que Diaghilev sabia como arrumar dinheiro e então decidi recusar caso me pedisse novamente. Diaghilev novamente me pediu nos bastidores do Châtelet em Paris. Imediatamente respondi que não queria mais lhe entregar meu salário. Queria esse dinheiro para minha mãe. Não queria que

ela sofresse por causa de dinheiro. Minha mãe sofreu muito no passado, agora queria que tivesse uma vida tranqüila. Notei que estava preocupada comigo. Queria me falar disso muitas vezes. Sentia, mas a evitava. Minha irmã também queria falar comigo mas a evitava. Sabia muito bem que se deixasse Diaghilev, morreria de fome porque não estava preparado para a vida. Temia a vida. Agora não a temo mais. Espero pelos desejos de Deus.

Quando subi as escadas já eram cinco horas. Entrei no meu quarto de vestir e me troquei. Subindo as escadas, pensei: "Onde estará minha mulher? No quarto onde durmo ou em outro?"* E senti meu corpo tremer. Tremia como tremo agora. Não consigo escrever porque estou tremendo de frio. Não consigo escrever. Estou corrigindo isto porque tenho medo que minha caligrafia fique ilegível. Quando entrei no quarto, antes de ver qualquer outra coisa, senti frio. Sua cama estava sem os travesseiros e as cobertas estavam dobradas. Desci, decidindo não ir dormir. Quero acabar de registrar minhas impressões. Não consigo escrever pois sinto frio por toda parte de meu corpo. Peço a Deus para me ajudar porque minha mão está doendo e é difícil escrever. Quero escrever bem.

Minha mulher não está dormindo e eu também não. Ela pensa e eu sinto. Temo por ela. Não sei o que lhe dizer amanhã. Não falarei com ninguém. Amanhã dormirei. Quero escrever mas não consigo. Penso. Estou tão frio que não consigo escrever. Meus dedos estão começando a enrijecer. Quero dizer que ela não me ama. Estou tão triste. Meu coração está pesado. Sei que as pessoas se acostumam à tristeza e eu também me acostumarei a ela, mas tenho medo de me acostumar à tristeza porque sei que é a morte. Pedirei o perdão de minha mulher, mas ela não me entenderá porque pensará que eu estava errado. Sua mente ficará fria. Estou gelado e não consigo escrever pois meus dedos estão ficando duros. Tenho pena de mim e dela, choro. Estou ficando frio. Não sinto mais. Estou morrendo.

Quero dormir mas Deus não o deseja. Tenho pena de mim e de pessoas como eu. Todos dirão que sou um homem mau, mas não desejo magoar as pessoas — são elas que querem me magoar.

Hoje levantei-me às três horas, mas acordei mais cedo. Ouvi gente falando mas não sabia quem era. Entendi muito mais tarde, reconhecendo as vozes. A mãe de minha mulher e seu marido. Eles chegaram. Esperei para ver o que Deus me diria para fazer. Não fiz nada e fiquei entediado. Naquela hora entendi mais do que qualquer um entenderia ou aprenderia numa vida inteira. Pensei com Deus e sabia que Deus me amava, portanto não temia fazer o que Ele quisesse. Temia a morte e estava triste. Tinha pena de minha mulher. Ela chorava e sofria. Deus quer que eu sofra e entenda o significado da morte. Eu a entendi e esperei pelas ordens de Deus. Não sei se me levanto ou fico na cama. Deus não me magoará. Minha alma tem sofrido. Queria chorar. Ouvi minha mulher soluçando, depois sua risada. Ouvi a mãe de minha mulher ameaçando. Minha alma estava chorando. Olhei para a parede e vi o papel, então para a lâmpada e vi o vidro, para a distância e vi o vazio. Chorei e me senti triste. Não sabia o que fazer. Queria consolar minha mulher mas Deus não quis, queria rir mas parei porque senti a morte. Ouvi o que estavam dizendo de mim e entendi o que todos eles estavam pensando. Senti-me chateado. Queria animá-los mas

* Nessa época, devido ao estado nervoso de Nijinsky, ele e sua mulher às vezes dormiam em quartos separados.

me deitei. Minha alma chorava. Tremo quando as pessoas não me entendem. Eu sinto bastante. A chama dentro de mim não se apaga. Vivo com Deus. Vim aqui para ajudar — quero o paraíso na terra. Neste momento, a terra é um inferno. Quando as pessoas brigam é um inferno. Ontem briguei com minha mulher. Briguei para torná-la uma pessoa melhor — não estava bravo e a aborreci só para acender seu amor por mim. Quero inflamar a terra e as pessoas, e não apagá-las. Os cientistas apagam o fogo da terra e o amor das pessoas umas pelas outras. Se tivessem mais pena umas das outras, a vida duraria mais.

As pessoas pensam que as crianças são necessárias para se ter soldados. Elas matam as crianças e cobrem a terra com cinzas. Eu sou um russo e portanto sei o que a terra é. Não sei arar, mas sei que a terra é quente e que sem o seu calor, não haveria pão. O homem nasce forte — ele se enfraquece porque não se cuida. Quero amor. Amor é vida e gargalhada é a morte. Muitos dirão: "Por que Nijinsky sempre fala de Deus? Ele ficou louco — é um bailarino e nada mais." Entendo todos esses sarcasmos e não me deixam zangado. Eu choro e choro. Muitas pessoas dirão que Nijinsky está sempre chorando. Não estou. Estou vivo e portanto sofro, mas raramente derramo lágrimas. Minha alma está chorando.

Sem energia não há vida. A vida é difícil porque os homens não conhecem a importância dela. A vida é curta. Não escrevo para me divertir, mas para fazer os homens entenderem a vida e a morte. Amo a vida. Amo a morte. A morte pode ser adorável quando é o desejo de Deus, pavorosa quando é sem Deus. O pai de minha mulher se matou. Estudou demais e ficou neurótico porque sua cabeça ficou estafada. Não estudo muito, só

quando Deus quer que eu estude. Deus não quer que os homens se oprimam. Ele quer que os homens sejam felizes. . .

Os homens desperdiçam tanto. Pensam que quanto mais se tem, mais feliz se fica, mas quanto menos posses se tem, mais tranqüilo e feliz se sente. Não posso escrever — meu sentimento atraiu minha mulher. Eu a amo! Ela leu as coisas que escrevi e me entendeu. Disse-lhe para não me perturbar quando estou escrevendo e ela saiu sem se ofender. Parece estar mais sensível hoje e estou feliz pois espero que ela melhore. Sua mãe não está mais agitada porque viu que amo minha mulher.

Não gosto de egoísmo, quero viver simplesmente e que todos sejam felizes. Seria o homem mais feliz do mundo se descobrisse que todos têm porções iguais. Serei o homem mais feliz do mundo quando for capaz de atuar e dançar sem receber dinheiro ou algum outro pagamento. Tenho medo de pessoas inteligentes e gelo quando um homem inteligente está perto de mim. Há uma fria atmosfera à sua volta. Não escrevo para argumentar ou raciocinar, mas para explicar. Quero ajudar a humanidade, e não estou vangloriando meu livro, porque não sei escrever. As pessoas entenderão meus pensamentos se o livro for bem publicado. Não desejo ganhar mas minha mulher precisa de dinheiro porque tem medo da vida. Eu não, mas não tenho nenhum direito de deixá-la sem meios.

Emma, a mãe de minha mulher, e Oscar, seu marido, são boas pessoas. Eu os amo mas, como todo mundo, têm seus defeitos. Descreverei seus defeitos para que eles leiam e se tornam pessoas melhores. Quero que me vejam no trabalho. Gosto das pessoas que trabalham. Emma e Oscar estão cansados da longa viagem.

Eles pensavam que eu era louco mas viram que não é assim. Oscar percebeu que entendo de política e portanto está interessado em mim. Gosta de política, casos financeiros e negócios, mas eu não gosto dessas coisas. Gosto dele, mas ele pensa muito.

Não acho que timidez e medo sejam defeitos. As pessoas que têm medo geralmente são boas pessoas. Algumas fingem que não têm medo. Muitas dizem que medo é uma fraqueza. Muitas dirão que não sei o que é o medo porque não lutei na guerra — mas lutei pela vida, não nas trincheiras mas em casa. Lutei com a mãe de minha mulher quando estava internado na Hungria. As pessoas dizem que vivi muito bem porque vivi na casa da mãe de minha mulher. Vivi bem — não estava com fome mas minha alma sofria. Gosto de solidão. Trabalhava em muitos balés porque não tinha nada para fazer. Sentia-me triste. Sei que ninguém gostava de mim. Emma, a mãe de minha mulher, fingia que me amava. Tentava explicar-lhe meus sentimentos. Ela não me entendia, pensava que eu era mau. Não era, era um mártir. Chorei, achando que minha mulher não me entendia. Oscar também não me entendia. Ele pensava em dinheiro porque era difícil nos manter. Minha sogra tinha que me alimentar sem ser paga por isso, porque eu era um parente. Os parentes geralmente não se gostam, então decidi fingir que estava ofendido. Ela não me entendia. Achava que eu era um homem pobre e temia que lhe custasse dinheiro. Sei o significado e o valor do dinheiro, mas gosto de pensar que não é importante.

Eu sabia o valor do dinheiro quando era uma criança. Minha mãe costumava dar-me cinqüenta copeques por semana para doces. Ela costumava ganhar dinheiro alugando quartos e com isso conseguíamos comida. Eu comia muito pois estava sempre com fome,

não percebendo que devia comer menos. Costumava comer como um adulto, embora tivesse apenas doze anos. Quando fiquei na casa da minha sogra, tinha um bom apetite. Comida era muito cara por causa da guerra. Emma, a mãe de minha mulher, era uma mulher nervosa. Gostava de mim por causa do meu sucesso com o público. Gostava de minhas danças. Não queria dançar porque estava triste e internado. Percebi que se pode viver em qualquer lugar. Estava trabalhando num sistema de anotações para dança e sob a mesa os gatos ficavam fazendo bagunça. Não gostava de gatos por causa da sujeira, odeio sujeira. Não percebia que não eram os gatos que estavam fazendo bagunça, mas as pessoas. Cuidava dos gatos e me importava apenas com o meu sistema de dança. Queria me esquecer e então comecei a escrever meu balé *Faun** por esse sistema. Foi um longo trabalho — levou dois meses, e apenas dez minutos para apresentá-lo. Novamente sentia-me triste e infeliz. Chorei porque estava muito deprimido. Sem perceber, estava ficando triste e desanimado com a vida. Lia Tolstoi. Ler era um descanso, mas não entendia o sentido da vida. Vivia de um dia para o outro e praticava meus exercícios de dança. Comecei a desenvolver meus músculos. Tornaram-se fortes mas minhas danças não estavam boas. Sentia que isso era a morte para minha dança e fiquei nervoso, ansioso, e a mãe de minha mulher também. Estávamos ambos ansiosos e nervosos. Não gostava dela e brigava por qualquer bobagem. Brigava porque não tinha mais nada para fazer. Vivia dia a dia. Minha mulher estava aborrecida. Percebi que as pessoas não me entenderiam se eu desaprovasse suas ações e então decidi fingir que essas pessoas me entendiam.

* Nijinsky está se referindo a seu balé *L'Après-midi d'un faune.*

Às vezes tenho medo de entrar num bar público ou num apartamento porque acho que Deus não quer. Uma vez passei por um bar que Deus queria que eu entrasse, mas senti uma lassidão no corpo e uma sensação de morte na mente. Embora quisesse entrar, Deus me conteve. As pessoas dirão: "Sobre o que Nijinsky está falando? Vive dizendo que Deus deseja e ordena que faça isso e aquilo mas ele mesmo não faz nada." Não sou um homem comum. Amo a Deus e Ele me ama. Quero que todos sejam iguais a mim. Não sou um espírita, um médium. Sou um homem em Deus. Tenho medo da perfeição porque tenho medo que as pessoas não me entendam. Minha vida é um sacrifício porque não vivo como os outros. Trabalho o dia inteiro. Adoro trabalhar e quero que todos trabalhem como eu trabalho.

Minha vida em Budapeste era triste durante a guerra. Vivi por muito tempo na casa de minha sogra sem saber o que fazer. Era chato, eu ficava aborrecido. Quando descobri que estava para ser liberado logo, senti-me corajoso e forte, e resolvi escapar da casa de minha sogra. Fui com minha mulher e minha filha para um hotel, pois tinha recebido algum dinheiro. Não estava zangado com minha sogra, e a amava porque sabia que era duro para ela nos manter. Ela percebeu seu erro e correu até o hotel para nos implorar que voltássemos. Não concordamos, sabendo que logo estaríamos indo embora, e dissemos adeus à minha sogra e lhe agradecemos a hospitalidade. Oscar sempre costumava manifestar suas opiniões em voz alta; fiquei ofendido e quase lutamos, mas minha mulher me segurou e sua mãe segurou Oscar. Brigamos por causa de política. Oscar disse que a Rússia estava errada e eu disse que a Rússia estava certa. Eu o provoquei. Muitos não acreditarão no que digo, mas

não me importo porque sei que muitos outros verão que é verdade. Não falei mais com Oscar e saí sem dizer até logo. Eu os peguei desprevenidos. Eles refletiram e mudaram de atitude. Entenderam-me porque eu era um ator inteligente. Fingia porque desejava o bem deles. Amava-os mas tinha que representar e contracenar com todos, por isso estava zangado. Minha raiva também era fingimento pois os amava. A mãe de Romola era uma mulher difícil. Tinha seus próprios hábitos e costumes.

Minha sogra ficou brava com seu marido por ciúmes. Eu sentia pena de Oscar porque via que ele olhava para a criada sem curiosidade, e portanto o defendi. Primeiro pensava que ele flertava com as criadas, mas depois percebi que era apenas imaginação de Emma. Oscar a amava e sempre a defendia. Vi que sua alma estava chorando e senti pena dele, mas não lhe disse nada porque achei que não me entenderia. Agora o entendo e espero que me ame. Dei-lhe vários de meus desenhos porque vi que ele os apreciava.

As pessoas me copiarão, mas imitação não é vida, é morte. Muitas pessoas dirão que Raphael e Andrea del Sartro costumavam copiar e que Andrea del Sartro copiou a *Gioconda* de tal maneira que não se pode dizer quem a pintou: Andrea del Sartro ou Leonardo da Vinci. Acho que Raphael copiou quadros porque precisava aperfeiçoar sua técnica. Gosto de técnica mas não gosto de imitação. Não gosto de cópias, portanto não quero ser copiado. Meus desenhos são simples e fáceis de serem copiados. Não gosto de assinar desenhos porque sei que ninguém será capaz de fazer o que fiz. Sei que haverá muitos que me copiarão mas farei tudo para tornar isso impossível. Copiadores me lembram macacos porque os macacos imitam os seres humanos. Um macaco imita mas não entende; é um animal estúpido.

Essa manhã mostrei-lhes como são meus nervos e todos ficaram assustados. De repente comecei a cantar em voz baixa como Chaliapin. Amo Chaliapin — é sensível e sente suas canções e interpretações. As pessoas interferem em seu desenvolvimento, pedindo-lhe para representar e cantar coisas de que não gosta; ele pode representar muito bem, mesmo em peças que não gosta. É um grande artista e pode representar qualquer papel.

Eu me comportarei como os outros porque quero que cuidem de mim. Não sou um egoísta, mas um homem do amor e farei todo o possível pelos outros. Quero ser cuidado. Espero que as pessoas amem minha mulher e minha criança, mas quero amor para todos. Quero representar em peças que interessem ao público pois sei que as pessoas gostam de se divertir, e nessa excitação as farei sentir o que é o amor. Não quero que as pessoas amem a morte espiritual nem que temam a morte que vem de Deus. Quero que as pessoas se aperfeiçoem e que não desejem a morte do espírito. Sou uma pomba. As pessoas pensam quando olham para os ícones e vêem a pomba; mas não entendem a igreja e vão lá apenas por hábito, sentindo medo de Deus. Deus não está nos ícones mas na alma dos homens. Muitos dirão: "Nijinsky ficou louco, ele é um bailarino, um comediante." Mas as pessoas me amarão quando virem minha vida nesta casa. Todos têm medo de me perturbar, achando que me aborrecem, mas não fico aborrecido, preocupado. Sou um homem do amor. Amo o mujique, o Czar, todo mundo. Não faço distinções. Não pertenço a nenhum partido. Eu sou o amor de Deus. Conheço os defeitos de minha mulher e portanto quero ajudá-la a melhorar. Muitos dirão: "Nijinsky tiraniza e maltrata sua mulher e todos mais." Sentirei pena dessas pessoas pelos seus

erros e chorarei como Cristo. Não sou Cristo; sou Nijinsky, um homem simples. Tenho maus hábitos mas quero me livrar deles. As pessoas devem apontar meus defeitos — quero que elas cuidem de mim. Cuidarei dos outros. Quero um cuidado amoroso e não mal-intencionado — não quero indulgência.

Deus me ajudará pois O entendo. Sou um homem com defeitos — e sei que todos têm defeitos. Deus quer ajudar a todos — posso sentir Deus. Se as pessoas sentissem meus pensamentos, Deus as ajudaria. Vejo através das pessoas. Elas não têm que me contar nada sobre elas — posso entendê-las sem palavras. Elas dirão: "Como pode me conhecer se nunca me viu?" Mas posso. Posso sentir e pensar. Minha mente é tão desenvolvida que entendo as pessoas sem falar com elas. Vejo seus atos e entendo tudo. Sou um mujique, um trabalhador, um operário, um criado, um mestre, um aristocrata, o Czar. Deus. Eu sou Deus. Eu sou Deus. Eu sou tudo, vida, infinito. Estarei sempre e em todo lugar. Posso ser morto mas viverei porque sou tudo. Quero a vida infinita, não a morte. Também tenho defeitos. Não sou um comediante, um ator. Venha e olhe para mim e verá que sou um homem com defeitos, mas não os terei mais quando as pessoas começarem a me ajudar. Quero ver as pessoas e portanto minhas portas estarão sempre abertas, meus armários e baús sempre destrancados. Se encontrar minha porta trancada, toque a campainha e, se estiver em casa, eu a abrirei. Amo minha mulher e quero que seja feliz, mas ela não me entende e nem às minhas necessidades e então manda as criadas fecharem minha porta. Minha mulher ficará nervosa se as pessoas começarem a se atirar para dentro de minha casa, então peço a todos que permaneçam em suas casas e esperem por mim. Irei até aqueles que

me chamam. Estarei lá sem estar lá. Eu sou o espírito em todo homem. Irei se Deus me ordenar, mas não irei se as pessoas disserem: "Venha a mim." Escutarei os homens mas não irei até eles porque não quero começar uma revolta. Não gosto da morte. Quero a morte. Quero que os homens me sintam. Eu amo a Deus. Eu amo a vida, a todos, e faço tudo que posso pelos outros. Não gosto da constante mendicância de favores nem de sociedades de amparo aos pobres. Todo mundo é pobre. Ajudarei espiritualmente. Quero o amor espiritual, não o físico. Gosto do corpo físico porque é necessário para o espírito.

Não quero que as pessoas sejam forçadas a ler meu livro, mas gostaria que lessem e fossem ao teatro e me vissem dançar porque se sentirão inspiradas. Quero que os teatros sejam grátis. Sei que atualmente não se pode fazer nada sem dinheiro, portanto trabalharei duro para que as pessoas possam ver minha dança de graça. Também trabalharei para fazer dinheiro porque tenho que mostrar às pessoas que não sou pobre, mas rico. Atualmente as pessoas pensam que um homem sem dinheiro é estúpido e preguiçoso, portanto farei dinheiro apesar de meus sentimentos, e só então mostrarei quem realmente sou. Quero publicar estes dois livros para que possam entender meu comportamento e meus atos. Quero trabalhar sozinho porque posso ganhar dinheiro mais rapidamente trabalhando por mim mesmo; também irei jogar na Bolsa. Farei tudo para ficar rico porque sei o valor do dinheiro. Irei a Zurique com Oscar e lá jogarei, comprando ações que considero boas. Oscar se assustará, achando que posso perder. Ele me implorará para não fazer isso. Rockefeller é um bom homem — dá dinheiro às pessoas mas não entende o seu valor porque dá à ciência. Darei meu dinheiro para

o amor, para esse divino sentimento de Deus que está no homem. Comprarei teatros e dançarei gratuitamente. Aqueles que querem pagar terão que esperar sua vez para pegar lugares e aqueles que não podem pagar decidirão amigavelmente quem entrará primeiro. Quero que as pessoas se organizem de maneira cordial. Se as coisas forem feitas de um modo injusto, pedirei ao culpado que abandone o teatro e pedirei àqueles que foram lesados para vir a mim. Posso ver pela cara de um homem se ele trapaceou porque sou um fisionomista. Mostrarei a todos que sei e entendo. Venha a mim e verá! Algumas pessoas se utilizam da ambição em benefício dos ricos. Eu a utilizo em benefício de todas as classes. Não sou um liberal — não pertenço a um partido. Pertenço a Deus e faço tudo que Ele me manda. Muitos perguntarão: "Que Deus manda você fazer tudo que está fazendo? Você está nos enganando. Você é um homem primitivo sem cultura alguma." Conheço todas essas afirmações. Sou um homem com a cultura de Deus, não com aquela do homem. Não quero a morte. Quero que os homens vivam. Não considero o egotismo e as ações tolas como cultura. Amo as classes trabalhadoras, os ricos e os pobres, todos — o amor deve ser igual. Não quero que os criados trabalhem só por dinheiro. Meus criados me amam. No começo brigava com eles. Muitos me dizem que os criados são tolos e que se não se fizer pulso firme, não o entenderão. Também os tratava dessa maneira, mas hoje entendi que não tenho o direito de tratá-los assim. Os criados não são ingratos, são seres humanos como nós, apenas menos inteligentes. Eles sentem quando não são amados, portanto se magoam com isso. Alguns dizem que eles não têm o direito de ficar zangados porque são pagos. Mas uma criada é paga com o dinheiro que lhe pertence porque

trabalha por ele. As pessoas esquecem que o dinheiro não é mais importante do que o trabalho. Atualmente, todos prezam mais o trabalho do que o dinheiro porque não há trabalhadores suficientes. Sou um trabalhador. Todos devem trabalhar, mas nem todo trabalho é igual. O trabalho de Deus é necessário. Também trabalho escrevendo estes livros. Não escrevo para meu próprio prazer — não pode haver prazer quando um homem gasta todo seu tempo livre escrevendo. Tem que se escrever muito para ser capaz de entender o que significa escrever. É uma ocupação difícil — fica-se cansado de sentar, as pernas com câimbras, o braço duro. Estraga a vista e não se tem ar suficiente; o quarto fica abafado. Com tal vida, um homem morre mais cedo. Os que escrevem à noite estragam suas vistas e têm que usar óculos, os hipócritas usam monóculos. Percebi que meus olhos ficam injetados de tanto escrever. Pessoas que escrevem muito são mártires. Gosto de mártires em atenção a Deus. Muitos dizem que se deve escrever por dinheiro, pois sem dinheiro não se vive. Com lágrimas nos olhos vejo que as pessoas são como Cristo crucificado. Choro quando escuto tais coisas, pois já as experimentei de outro modo, dançando por dinheiro. Quase morri de exaustão. Era como um cavalo que está sendo forçado a arrastar uma carga pesada. Os carregadores chicoteiam seus cavalos até à morte porque não compreendem que os animais não têm mais forças. O cocheiro dirigia o cavalo morro abaixo, usando seu chicote. O cavalo caiu — eu vi e minha alma chorou. Queria soluçar alto mas achei que as pessoas me tomariam por um fraco e então chorei interiormente. O cavalo estava deitado e chorava de dor. Eu o sentia. O veterinário matou esse cavalo com um tiro, sem pena.

Conheci um esportista francês, Monsieur R. Disse-lhe que seu cachorro era muito bonito, mas com tris-



Pintura em azul e vermelho feita por Nijinsky no asilo



Aquarela feita por Nijinsky no asilo

teza na voz respondeu-me que o mataria, porque sentia que seria melhor para ele morrer do que sofrer de fome. Percebi que ele não tinha nenhum dinheiro e queria ajudá-lo. Sabia que era um homem ambicioso, queria ganhar taças de prata na corrida do esqueleto. A corrida do esqueleto é um esporte onde um homem se deita de cabeça para baixo num trenó de aço e emprega toda sua força para imprimir-lhe mais velocidade. Tal velocidade é muito perigosa e muitos esportistas morrem. Eles são freqüentemente afetados pela bebida e pelo cigarro, portanto seus nervos ficam abalados facilmente. Descem a pista em toda velocidade, ficam nervosos e se matam. Disse isso a Monsieur R. e ele concordou, pois caíra uma vez durante a corrida e quase morrera. Disse-lhe que achava que ele estava nervoso hoje, que havia uma certa tristeza. Percebi lágrimas em seus olhos, mas não disse nada pois temia que começasse a chorar. Disse-me que mataria seu cão. Ele parecia deprimido e chorei por dentro. Sentiu que eu amava o cão e foi embora, afastando-se de mim e de minha mulher.

Estávamos almoçando com o médico que fora convidado por minha mulher. Ele estava me observando, querendo saber se eu era mentalmente perturbado ou não. Ele tem certeza que "algo está definitivamente errado" comigo. Sei que algo está errado com ele; é um homem muito nervoso. Fuma muito; pegou esse hábito na escola. Acredito que muitas pessoas só fumam porque querem parecer importantes. Algumas pessoas quando fumam parecem muito dignas e orgulhosas. Fui visitar o prefeito de St. Moritz, Mr. G. Queria animá-lo e fui dar uma prosa. Oscar começou a conversar com o prefeito. Assumiram um ar digno e começaram a fumar. Eu estava olhando para as montanhas pelo telescópio, porque disseram-me que se podia ver os veados.

Olhei e não vi nada, e disse a Mr. G. que preferia não olhar mais porque viera para ver o anfitrião e não os veados. Riram, mas senti que não estavam interessados em mim, estavam interessados em Oscar; então deixei-os e comecei a procurar os veados novamente. Ajustei o telescópio e avistei um veado; não estava assustado de eu estar olhando para ele — eu o vi bem. Era um veado velho e gordo. Contei-lhes que o veado tinha virado de costas. Queria que sentissem que eu estava lá, mas não tinham tempo para mim. Disse a Oscar que devíamos ir pois a sopa estava pronta para nós em casa. Mr. G. e sua mulher riram, mas não tinham tempo para mim; estavam pensando e não sentindo. Senti-me magoado — eles pensavam que eu era louco, mas quando a anfitriã perguntou como estava minha saúde, respondi-lhe que eu estava sempre bem e ela sorriu. Senti-me magoado e chorei interiormente.

Não tendo nada melhor para fazer, minha sogra, minha mulher e Oscar entraram na sala. Minha mulher pediu-me para mostrar meus desenhos, mas fingi que não queria. Mostrei-lhes os desenhos que já tinham visto. Ela pediu-me para mostrar os outros desenhos também. Apanhei um pacote no qual estivera trabalhando incessantemente por um período de dois ou três meses e joguei esses desenhos no chão. Minha mulher, minha sogra e Oscar perceberam que eu não gostava de meus desenhos. Disse-lhes que ninguém estava interessado neles e portanto tirei-os da parede. Disseram que sentiam muito e começaram a olhar. Expliquei o significado desses desenhos.

Os parisienses podem me entender porque são sensíveis. Disseram que também entendiam meus desenhos. Não respondi. Mostrei-lhes alguns dos meus desenhos porque queria que eles sentissem, mas notei que só

conseguiam pensar e deixei-os, chorando interiormente. Tenho uma alma e por isso choro quando vejo que as pessoas não me entendem. Sabia que não seria compreendido, então tirei todos os quadros das paredes do meu quarto e escondi-os na parte inferior do tampo do piano. Sabia também que ninguém entenderia meu manuscrito, mas achei que o médico poderia levá-lo por um tempo para ser traduzido. Não quero mostrar meus manuscritos pois tenho certeza que o médico não me entenderia e pensaria que sou um louco. Temo por minha mulher e por isso escondi meus livros e todos os desenhos do meu cenário, pois sinto que não me entenderão. Não quero despertar nenhum sentimento doentio enquanto minha sogra estiver aqui, pois não quero que leve minha mulher embora com ela. Não tenho nenhum dinheiro e tenho medo de ser colocado num asilo. Eu vejo o que as pessoas estão querendo insinuar, sem que me digam. Sinto-me enojado, não zangado, mas enojado. Tenho medo de Oscar e Emma. Ambos são a morte para mim.

Quero ajudar Oscar porque reparei que ele me entende.

Percebo que o papel ficará mais caro, e portanto comprarei uma grande quantidade em Zurique porque quero trabalhar muito; as pessoas são más e não me darão o que preciso, por isso devo me prevenir e me cuidar. Deus tem me mostrado Seu cuidado. Ele quer que eu resolva o problema que me deu. Freqüentemente me diz que perderei, mas estou certo de que vencerei para que os problemas que Deus coloca ante nós possam ser resolvidos.

Irei para Zurique amanhã com Oscar, minha mulher e minha sogra.

Não gosto de pessoas más. Tenho escrito o nome de Diaghilev, etc., etc., porque fica mais fácil para as

pessoas repararem nesses nomes. Propositadamente cometi um erro agora em escrever a palavra Diaghilev, porque quero que ele veja que esqueci como se soletra seu nome.

Quero continuar a escrever na linha anterior mas Deus não deseja que eu continue escrevendo na mesma linha onde está escrito o nome de Diaghilev. Percebi meu erro. Tenho escrito o nome de Deus e o de Diaghilev em maiúsculo. Escreverei deus em letra minúscula porque não quero nenhuma semelhança.

Quero sair porque estou cansado de ficar sentado. Mas irei sozinho se ninguém me notar. Todos pensarão que ainda estou trabalhando. Sairei para a rua pela porta dos fundos, subirei alto e olharei para baixo porque quero sentir as alturas que estou alcançando...

Saí para a rua pela porta dos fundos e senti frio. Os outros estavam sentados na sala de jantar, por isso passei silenciosamente. As pessoas não têm nada para fazer e então interferem na vida dos outros. Não quero interferir na vida dos outros. Saí de repente de casa, porque sentia que não era amado. Encontrei o médico, ele parecia aborrecido. Antes de apertar sua mão, disse: "Todo mundo está doente." Minha alma estava fria e vazia, saí de repente. Oscar veio e pediu-me para entrar para o chá. Oscar sentiu que o médico estava magoado e queria nos reconciliar. Não queria fazer as pazes — eu o impedi.

Contei a Oscar o objetivo do meu grande trabalho, explicando que não fico cansado de trabalhar. Parece que me entendeu, concordou comigo. Oscar concorda rapidamente com o que digo. Eu queria lhe provar que escrever inspirado por Deus não cansa...

Tomei chá com o médico, Oscar, minha sogra e minha mulher. Estava tomando chá silenciosamente,

mas depois de algum tempo interessei-me pela conversa e fiz com que eles se sentissem alegres. Fiz isso com a intenção de dizer determinadas coisas que todos entenderam. Brinquei. Todos ficaram contentes, mas percebi que o médico estava achando que eu queria rir dele. Então mudei de conversa. Falei sobre os bolchevistas na Rússia. Queria dizer algo mas Deus queria que minha mulher o fizesse. Ela não podia dizer porque não O sentia. Ajudei-a a se lembrar. Não queria falar muito mas Deus queria que eu atraísse a atenção de todos. Fiz isso e saí pois achei que não era querido. O médico está saindo e eu estou ficando. Não quero vê-lo sair, pois quero que sinta que ninguém aqui deseja sua assistência médica...

Ele veio me dizer até logo e apertei sua mão. Pediu-me para não escrever muito. Disse-lhe para não se preocupar comigo. Perguntou-me se eu gostaria de ver um especialista em Zurique. Respondi que não sabia, mas se minha mulher desejasse, eu iria. Assegurou-me que seria muito bom ver esse professor, pois era excelente. Disse-lhe que iria vê-lo se isso acalmasse minha mulher. O médico me entendeu. Apertei sua mão.

Minha cabeça está começando a doer porque comi muito. Comi muito porque não quero que a mãe de minha mulher pense que estou indisposto. Ela sente que não estou. Oscar me ama e está preocupado com minha saúde. Disseram-lhe que é ruim para mim trabalhar tanto. Sei por que as pessoas ficam cansadas. Sinto-me doente, minha cabeça dói. Comerei pouco essa tarde e sei que logo pela manhã me sentirei melhor.

Estou indo para Zurique às sete da manhã e irei para a cama cedo para que esse especialista me veja em boas condições. Conversarei com ele sobre nervos, que é um assunto que me interessa. Não escreverei nada em

Zurique porque estou muito interessado nessa cidade. Irei a um bordel porque quero entender as cocotes. Quero entender a psicologia de uma cocote. Irei a vários, se Deus me ordenar. Sei que Deus não gosta disso mas sei que Ele quer que eu tente. Sinto uma grande força espiritual e portanto não cometerei erros. Darei dinheiro às cocotes mas não farei nada com elas. Sinto uma excitação sexual e ao mesmo tempo medo. O sangue corre para minha cabeça e sinto que se continuar pensando terei um ataque. Conheço ataques apopléticos. Meu amigo Serge Botkin curou-me de febre tifóide em Paris no ano de minha estréia. Bebi água de uma jarra porque era pobre e não podia comprar água mineral. Bebi muito depressa sem suspeitar do perigo. Fui dançar e quando voltei para casa* senti uma grande fraqueza. Diaghilev chamou o Dr. Botkin — ele o conhecia muito bem. Serge Botkin era um dos médicos do Czar. Sentia-me febril mas não estava com medo, pois não sabia qual era o meu problema. Serge examinou-me, olhou para mim e compreendeu o que havia acontecido. Assustei-me percebendo que o médico e Diaghilev ficaram se olhando. Eles se entenderam sem palavras, e eu também. Botkin olhou para meu peito e viu uma erupção. Assustei-me pois ele ficou nervoso e chamou Diaghilev para outro quarto. Este hotel está demolido agora. Era um hotel pobre mas com o pouco dinheiro que tinha não podia viver de maneira melhor. Neste hotel, Diaghilev me fez a proposta de viver com ele, quando eu estava com febre alta. Concordei. Diaghilev percebeu meu valor e portanto tinha medo de que eu o deixasse; naquela época eu queria fugir. Tinha vinte anos. Tinha pavor da vida. Não sabia então que era parte de Deus. Chorei e chorei e não sabia o que fazer.

* Hôtel de Hollande, Avenue de l'Opéra, agora demolido.

Tinha medo da vida e minha mãe também tinha medo da vida e eu herdei esse temor dela. Não queria concordar. Diaghilev estava sentado na cama, insistindo comigo. Estava assustado com ele, assustado, e concordei. Solucei e solucei; entendera a morte. Não podia fugir pois tinha febre. Estava sozinho. Estava comendo uma laranja; senti sede e pedi a Diaghilev para me dar uma laranja e ele me trouxe algumas. Caí no sono com a laranja na mão; quando acordei, estava toda esmagada e jogada no chão. Dormi por muito tempo sem entender o que estava se passando comigo. Perdi a consciência. Tinha medo de Diaghilev, não da morte. Compreendi que estava com febre tifóide pois já a tivera na infância — lembro-me que as pessoas a reconheceram pelas manchas no corpo.

Minha mulher veio e me beijou. Senti-me feliz mas Deus não queria que eu lhe demonstrasse minha alegria porque Ele quer que ela mude.

Botkin morreu. Vi seu corpo à distância; estava deitado num esquife. Entendi a morte — Deus me assustava — e parti sem beijar seu corpo. Todos o beijaram, mas eu não poderia assistir à cerimônia toda. Parentes choravam e amigos fingiam tristeza. Eles reviraram o apartamento e os quadros tentando calcular seus valores. Após sua morte, todos os seus pertences foram vendidos; a mulher de Serge Botkin não apreciava o gosto refinado do marido. Serge Botkin comprava quadros porque lhe diziam que se deveria comprar velhos mestres. Seu apartamento era repleto de pinturas antigas. As pessoas não estão interessadas em pintura moderna, achando que não é verdadeiramente artística. Compram quadros antigos para mostrar seu amor pela arte. Compreendi que as pessoas amam arte mas têm medo de dizer para si mesmas: "Não entendo de arte." São co-

vardes porque os críticos as assustam. Assustam para obrigá-las a pedir suas opiniões. Os críticos acreditam que o público é tolo. Pensam que têm que explicar os quadros para o público e que sem eles não haveria nenhuma arte. O público não entenderia as obras de arte que não tivessem sido examinadas pelos críticos. Sei o que é a crítica — é a morte.

Certa vez conversei com um homem num navio. Estávamos viajando de Nova Iorque a Boston. Foi uma conversa acalorada; ele me provocara. Era um espião político russo e pensava que eu era um anarquista. Não sei por que pensava assim. Tinha uma cara desagradável e não gostava de mim. Senti isso e decidi tomar cuidado com ele. Iniciou uma conversa para provocar minha opinião sobre política interna. Percebi isso e resolvi chateá-lo, explicando a pergunta que me fizera. Eu falava alto querendo impressioná-lo. Ele achou que eu estava ficando irritado. Sua cara não estava viva quando falava comigo; ele fingia estar nervoso. Compreendi que era melhor ator que ele e comecei a conversar sobre crítica e críticos. Ele escutava, já cansado de me contradizer; então me interrompeu e quis mudar de assunto, mas eu não. Ele estava incomodado e inquieto. Como notei que não estava gostando de minha conversa, afastei-me sem terminar de dizer o que queria sobre os críticos. Descobri mais tarde que ele perguntara à minha mulher se eu era um niilista. Não sei o que é um niilista nem o que é niilismo. Fui educado na Escola Imperial de Dança, onde não ensinam o significado de tais palavras. Era um aluno da Escola Imperial e não ouvi falar de política até que me casei. Aí tive que aprender pois temia a vida e tinha que viver. Crítica é desnecessária. Algumas pessoas acham que é necessária porque sem ela não seriam capazes de julgar

o que é bom e o que é ruim. Os críticos escrevem porque precisam de dinheiro; atualmente não se pode viver sem ele. Os críticos trabalham muito mas na verdade não trabalham por amor à arte. Apenas escrevem sobre ela. Um artista dedica toda sua vida à arte. Os críticos o deixarão em pedaços se não gostarem de seu trabalho. Dizem que os críticos não são preconceituosos mas egoístas. Escrevem suas próprias opiniões e não o que o público sente. Aplauso não é opinião — é a expressão do amor que o público sente pelo artista. Amo os aplausos e reconheço seu valor. Os críticos não entendem o aplauso. Gostam de criticar porque querem mostrar que são mais inteligentes que o público. Em Paris, o público não presta atenção aos críticos. Então os críticos se irritam pois não podem influenciá-lo. Calmette* era um crítico muito conhecido — também escrevia sobre política. Fez uma crítica muito grosseira de *Faun*, dizendo que era devasso. Quando compus este balé, não estava pensando em perversidade. Adorei criá-lo. Criei sozinho o balé inteiro. Também dei a idéia para o cenário, mas Leon Bakst não entendeu o que eu queria. A criação deste balé levou muito tempo, mas trabalhei bem, sentindo a presença de Deus. Amava este balé e portanto fiz o público amá-lo também. Rodin escreveu uma boa crítica sobre *Faun*, mas foi influenciado: escreveu a pedido de Diaghilev. Rodin é um homem rico; não precisava de dinheiro. Foi influenciado e solicitado a escrever — nunca escrevera críticas antes. Estava aborrecido e nervoso porque não gostava de escrever.

Ele queria fazer um desenho meu para transformá-lo numa estátua de mármore. Olhou para meu corpo nu, decidiu que era perfeito e então destruiu seus esboços. Senti que gostava de mim e fui embora. Calmette

* Calmette, proprietário e editor do *Figaro*.

escreveu sua crítica no mesmo dia. Compreendi, ouvindo a conversa entre Diaghilev e Bakst, que Calmette estava sendo alvo de chacotas pelo público. Calmette perdeu a confiança do público como crítico de teatro.

Svetlov, crítico de um jornal de Petersburgo, escreveu sob a influência de Calmette. Diaghilev queria que ele viesse ajudá-lo a gerenciar o Balé Russo, mas Svetlov pensava que o Balé Russo era um fracasso e correu para informar isso ao público russo, temendo que outros jornais conseguissem pegar as notícias antes dele. Svetlov geralmente lia o *Figaro* e deve ter recebido o jornal antes de deixar São Petersburgo. Ele não tinha o hábito de ler o jornal francês *Le Matin* — por isso não sabia da crítica de Rodin. Se soubesse, estou certo que não teria seguido Calmette; teria escutado Rodin. Notei o quanto Svetlov estava nervoso em sua chegada a Paris. Percebeu que cometera um erro e evitou-me. Não o temia por ser maldoso comigo. Não temo pessoas como estas, mas luto contra elas. Evidentemente nos confrontamos e não me curvei a ele. Ele fingia que não gostava de meus balés mas não escreveu mais sobre mim. Escreveu a *História do Balé* sem conhecê-la. Nem sequer mencionou minha existência neste livro. Ignorou-me. Fiquei triste pois tinha trabalhado muito pelo Balé Russo. Diaghilev ficou furioso mas não demonstrou. Svetlov escreveu este livro de propósito para mostrar a Diaghilev que não seguia Calmette. Svetlov viu que estavam rindo dele e, para se justificar, escreveu este livro.

Amava Karsavina. Excitava-me um pouco porque suas formas eram lindas, mas não se podia flertar com ela e por isso fiquei desesperado. Cortejei-a em Paris. Cortejava-a de modo a fazê-la entender que me atraía. Ela entendia mas não correspondia porque era casada.

Senti que cometera um erro e beijei sua mão. Vendo que eu não queria nada com ela, ficou feliz. Conheço bem Karsavina porque trabalhei com ela por cinco anos. Eu era jovem e cometia muitas tolices. Costumava brigar com Karsavina e não queria pedir seu perdão porque me sentia magoado. Percebi que Diaghilev a influenciava contra mim pois notara minha atração por ela. Karsavina se aproveitou de uma bobagem para começar uma briga, fiquei muito irritado e chorei amargamente porque a amava como mulher também. Ela sentiu que eu a tinha ofendido e também chorou.

Sentia-me fraco e não conseguia continuar compondo o balé *Jeux*.* Era um balé sobre flerte, e malsucedido, pois eu não tinha nenhum sentimento por ele. Comecei a trabalhar bem mas então apressaram-me e não consegui terminá-lo devidamente. A estória deste balé é sobre três rapazes fazendo amor. Comecei a entender a vida com vinte e dois anos. Compus este balé sozinho. Debussy, o conhecido compositor, queria que o tema fosse escrito. Pedi a Diaghilev para me ajudar. Ele e Bakst então o escreveram. Eu transmiti a Diaghilev minha idéia.

Diaghilev gosta de dizer que criou o balé porque gosta de ser elogiado. Não me importo que Diaghilev diga que compôs as estórias de *Faun* e *Jeux* porque, quando as criei, estava sob a influência da "minha vida" com Diaghilev. O *Faun* sou eu e *Jeux* é a vida que Diaghilev sonhava. Ele queria ter dois garotos como amantes. Propunha-me isso constantemente, mas eu recusava. Diaghilev queria fazer amor com dois garotos ao mesmo tempo. No balé, as duas garotas representavam os dois garotos e o jovem é Diaghilev. Mudei as

* *Jeux*, coreografia de Nijinsky, música de Debussy, produzido em Paris em 1913.

personagens pois o amor entre três jovens não poderia ser representado no palco. Queria que as pessoas se sentissem tão enojadas com a idéia desse amor maligno quanto eu, mas não consegui terminar o balé. Debussy também não gostava do tema mas recebeu 10 mil francos e portanto tinha que terminá-lo.

Sei que amanhã devo ir a Zurique e então irei para a cama...

Não fui para a cama; tenho dor de cabeça e indigestão. Não gosto de sentir tal dor e queria que ela parasse. Pedi a Deus para me ajudar e Ele me disse para não ir para a cama. Dormirei no trem pois estou farto de Oscar e minha sogra, apesar de estarem aqui apenas há um dia. Não quero falar com eles. Disse isso à minha mulher de modo que sua mãe pudesse ouvir; devo terminar meu trabalho pois em Zurique não poderei continuar a escrever. Minha mulher entendeu e não me respondeu, mas não sei o que sua mãe pensou — não vi sua cara. Reparei hoje no almoço. Dei-lhe uma tangerina que havia sido deixada para mim. Ela queria uma segunda, então dei-lhe a minha, dizendo que não me incomodava em comer laranja em vez de tangerina. Ela pegou e não disse nada. Mostrei-lhe que não estava satisfeito. Oscar começou a defendê-la. Peguei a tangerina de volta, dando uma metade para Oscar e a outra para minha mulher. Minha mulher recusou achando que eu a queria. Pus de volta no prato de minha sogra, mas ela não comeu nem disse nada. Sentiu minha reprovação mas não demonstrou. Ela me faz lembrar Diaghilev. É muito boa atriz e então sabe como fingir. Eu entendo de representação.

Minha sogra é uma grande artista. Sei disso porque eu mesmo sou um grande ator, mas a conheço como mulher também. Já em Budapeste, quando estava internado, vi como ela sabia ser hipócrita na vida.

Não quero que me digam para ir para a cama e irei só quando Deus me ordenar. Disse à minha mulher que iria logo, mas continuarei escrevendo por muito tempo. Não gosto de ser perturbado quando trabalho. Sei o que é bom para mim e pedi para ser ajudado, não para ser perturbado...

Não gosto de brigar com os criados. Gosto de dividir. A mãe de minha mulher não gosta de criados porque eles demonstram suas vontades e ela não os entende. Amo os criados e faço o que eles gostam, mas não quero mimá-los. Não sou o tipo de pessoa que mima os outros.

Quero escrever sobre a vida da mãe de minha mulher. As pessoas dirão que sou um comediante exatamente como ela, a única diferença é que ela é uma mulher e atriz e eu sou um homem e bailarino. As pessoas não confiam em bailarinos e por isso quero explicar o que é um bailarino... Amo minha sogra como ser humano mas não gosto da maneira como se comporta na vida. Ela não é muito sensível.

Os nervos da minha cabeça doem. Sinto que o sangue sumiu de minha cabeça. Sinto a morte perto de mim. Não a desejo e peço a Deus para me ajudar... Gostaria de escrever maravilhosamente porque posso sentir a beleza. Minha sogra era uma mulher bonita, mas estragava seu encanto pois estava sempre zangada; estava sempre tendo ataques biliares. Quando eu estava em Budapeste costumava lhe dizer que tinha esses ataques porque estava sempre brigando e gritando com as pessoas. Ela não me acreditava — ela não acredita em ninguém. Parece gostar dos pobres, das pessoas simples e dá sua mão aos condutores. Ela faz isso de uma maneira tão embaraçosa que os deixa ruborizados e constrangidos porque pensam que está rindo deles. É uma

boa mulher porque chora quando vê pessoas magoadas. Dizem que é caridosa quando arranja trabalho para uma pessoa desempregada.

Costumava pensar, por muito tempo, que era uma boa mulher, mas compreendi quase por acaso que ela não ama minha mulher. Logo no primeiro dia de nosso conhecimento, ela queria me influenciar e mostrou-me algumas velhas fotografias dela e de minha mulher.* Minha mulher começou a chorar porque se sentiu magoada. Também me senti ofendido e fui embora. Daquele dia em diante não confiei mais em minha sogra. Ela sentia que eu era forte porque nem prestava atenção nela. Brigava com ela porque me provocava. Tinha medo que eu falasse mal dela e então costumava dizer às pessoas que eu era um homem horrível e que não gostava dela. Percebi que dissera coisas desagradáveis sobre mim pois as pessoas começaram a me virar as costas — aquelas que costumavam me abraçar nem me cumprimentavam mais. Minha sogra estava eufórica. Achava que tinha vencido a batalha. Eu não estava derrotado — não estava com raiva dela. Fingia estar com raiva só porque queria torná-la uma pessoa melhor. Mostrava-lhe minha intenção todos os dias. Ela dóbrava sua fúria — eu triplicava a minha e assim brigamos por dezoito meses — aqueles terríveis meses quando eu estava internado. Não gosto de pessoas maldosas e portanto quero desarmá-las, escrevendo sobre suas vidas. Quero que minha sogra perceba como tem ferido as pessoas e que peça perdão. Sei que todos os críticos húngaros se inflamarão e me deixarão em pedaços, mas pedirei a Deus que os desarme. Responderei

* Eram fotos nas quais a mãe parecia adorável e a filha doente; ela estava numa idade desajeitada.

se Deus assim me mandar. Sei que as pessoas me entenderão e agradecerei a Deus por Seu amor.

Sei que Ele me ama e que me ajudará em tudo. Eu sou pobre — sou um indigente. Não tenho nem um teto sobre minha cabeça nem comida — não tenho nada. Minha sogra tem uma casa de três andares com colunas de mármore. Ela gosta dessa casa, mas não gosto de sua construção desengonçada, embora haja muitos quadros antigos adoráveis e gobelins. Não gosto de nada que é velho porque cheira à morte. Gosto de pessoas velhas, mas não de espíritos velhos. Meu espírito é jovem. Tolstoi tinha um espírito jovem, assim como Beethoven e Wagner. Amo todos. Escrevi sobre Tolstoi porque ele é parte de Deus. Wagner e Beethoven também.

Estou partindo para Zurique. Não quero fazer nada antes da minha partida. Todos estão nervosos. As criadas ficaram estúpidas porque não sentem Deus. Eu O sinto e não me tornei um estúpido. Não quero fazer piadas mas dizer a verdade. Oscar está telefonando para Zurique. Tem medo que as pessoas não entendam seu nome. Sente que ninguém conhece seu nome por lá, então quer fazê-los entender. Seu nome é Pardany e o pronuncia acentuando cada sílaba. Não me importo que as pessoas saibam ou não meu nome, e não temo que não me amem se descobrirem que sou pobre.

Quando estava na escola, costumava me trancar, fingindo que estava doente, para que pudesse ler. Deitava-me e lia, tranqüilamente. Quero escrever sobre a partida para Zurique, todos estão nervosos porque não estava nem um pouco interessado. Achava essa viagem um absurdo, mas irei porque Deus o quer. Mas se Ele não a desejasse, eu permaneceria. Estou começando a

entender Deus. Sei que Ele cria o movimento e então peço-Lhe para me ajudar.

Quero escrever sobre a viagem. A coisa toda foi suspensa porque todos esqueceram a que horas o trem partia. Oscar, minha sogra e minha mulher confiaram em Louise, que esqueceu a hora da partida que o homem lhe dissera na estação. Esqueceu porque estava nervosa. Minha mulher e minha sogra ficaram furiosas com ela. Expliquei-lhes rindo que não era sua culpa. Disse-lhes que o horário freqüentemente mudava por causa da guerra. Minha sogra pensou que eu quisesse defender Louise, então mudei de assunto porque não queria começar uma briga. Minha sogra e minha mulher estão de mau humor. Oscar está nervoso. Estou sentado calmamente olhando ao meu redor. Deus quer que eu fique tranqüilo. Vejo tudo que está errado. Percebi que quando as pessoas tentam esconder suas emoções, ficam pálidas. Minha sogra e minha mulher estão pálidas e tremem um pouco. Eu não. Deve ser muito difícil esconder emoções.

Minha mulher pediu-me para contar a Kyra que eu não voltaria mais. Os olhos de minha mulher estavam cheios de lágrimas e disse tremendo que não me abandonaria. Chorei porque Deus não quer que nos separemos. Disse-lhe isso.

Eu não permaneceria em Zurique se minha mulher não ficasse assustada comigo; mas se ela tiver medo, prefiro ficar num asilo pois nada temo. Sua alma está chorando. Senti uma dor no coração e disse-lhe novamente que se não tivesse medo de mim, voltaria para casa. Ela começou a chorar e me beijou, dizendo que

o que quer que acontecesse comigo, ela e Kyra nunca me abandonariam. Respondi: "Muito bem." Ela me entendeu e saiu.

Quero que meu manuscrito seja fotografado pois sinto que está vivo. Através dele darei vida às pessoas. Conheço um homem pela sua cara, e sei que um homem não sente ansiedade se não tiver nada por que se culpar. Viverei em grandes hotéis porque quero que todos me vejam. Quero ficar num hotel simples se minha mulher me permitir. Ela diz que não pode viver num hotel sujo, então terei que agir com muita astúcia para não ir para um grande hotel. Prefiro viver num apartamento. Conquistarei a todos. Não temo nada, exceto a morte espiritual. Não perderei minha razão mas chorarei e chorarei. Mostrarei meus defeitos e minha perfeição, pois não quero que tenham medo de mim. Sou um homem amoroso e as pessoas amorosas são pessoas simples.

Nenhum artista pode enganar a Deus. Sei o que Deus é e o que um artista é, portanto não tenho medo de mim. Clemenceau sofrerá mas espero que não se deixe enganar pelo corpo diplomático e seja capaz de proteger a França. Amo a França e quero seu bem. Conheço o jogo da camarilha toda que começou a guerra. Clemenceau é um homem rico e não precisa de nada, por isso sinto que não foi "comprado". Os Lloyds Georges compram pessoas não só com dinheiro mas também com promessas. Clemenceau achou que seria melhor para a França tomar a Alsácia-Lorena; esse problema só pode ser resolvido pacificamente. Clemenceau entendeu Wilson e concordou com seu plano. Os franceses gostam dos alsacianos e muitas famílias estão chorando; sentem que é injusto, que não deviam pertencer ao terri-

tório francês. Os franceses não gostam dos alemães — sei como se pode expandir a antipatia pelo povo alemão e sei quem ensinou os franceses a dizer *Boche*. Não quero a guerra, gostaria que todos vivessem em paz. Não se deve brigar! As crianças alemãs também estão chorando por seus pais. Amo os alemães, embora não seja alemão. Sou um homem. Não pertenço a nenhum partido. Entendo o amor da humanidade. Quero que as pessoas se amem. Não quero horrores. Quero o paraíso na terra. Eu sou Deus no homem. Todos serão como Deus, se fizerem o que digo. Sou um homem com defeitos e quero que as pessoas corrijam os seus. Não gosto de pessoas que não corrigem seus defeitos. Sou um homem que está tentando se aperfeiçoar. Não penso em erros passados. Amo os animais, mas não os ferozes! Não se deve matar as feras pois Deus deu-lhes vida. Muitos dizem que o homem nasce da semente de seu pai e do útero de sua mãe — mas eu digo que a semente não vem do primogênito, mas de Deus. Alguns afirmam que o homem descende do macaco mas o macaco também foi criado pela semente de Deus. Muitos dirão que as espécies de macacos evoluíram de algo mais — minha réplica é que esse "algo mais" é Deus. Eu sou o infinito. Eu sou a mente e a mente é o infinito. Nunca morrerei, mas a inteligência do homem morre com seu corpo pois é limitada. As pessoas dizem que a inteligência criou tudo; os aviões, zepelins. Aviões e zepelins são criados pela inteligência porque há vida neles. Há movimento num zepelim, há movimento num avião. O avião foi inventado por um francês. O povo francês sente Deus mas ainda não O entendeu e portanto comete erros. O zepelim também foi criado pela inteligência porque foi inventado pelo mesmo princípio do avião; a idéia de um avião foi copiada de um pás-

saro, mas um pássaro é uma coisa viva, enquanto que aviões são feitos de alumínio. Os cientistas admiram o zepelim pois entendem o seu valor. Um zepelim pode carregar um grande número de pessoas e isso tem muito valor em tempo de guerra. Os alemães têm muitos zepelins. Achavam que com eles podiam conquistar muito, mas tudo terminou numa massa de pessoas mortas.

A mãe de minha mulher veio ao meu quarto e pediu desculpas. Queria que ela entendesse que era desnecessário pedir para ser desculpada, que as pessoas podiam vir me ver sem pedir desculpas. O barulho e a gritaria não me perturbam, posso trabalhar apesar disso. Refletiu um instante e disse que compreendia que estivesse acostumado a isso e que era uma coisa muito boa. Mas enquanto dizia "Era muito bom", ela pensava em alguma outra coisa — ela deve ter me interpretado mal. . .

Minha mulher entrou e me beijou — pensei que era Deus e compreendi que existe Deus no amor. Ouvi a voz da minha pequena Kyra. Ela me ama; começou a chorar quando lhe disse que estava indo embora para sempre. Entendeu-me e começou a chorar.

Quero mostrar este livro em alemão a Louise para que possa ler o que escrevo sobre ela. Ela é de Zurique e seu nome é Louise Hamberg. Um dia alguém lhe mostrará as partes deste livro onde falo dela. Amo Louise e ela me ama; nunca a namorei e então ficou mais afeiçoada a mim. Ela nunca disse nada sobre isso mas eu a entendi. Senti que me amava. . .

Estou escrevendo em letra minúscula porque o papel está caro — esse é o truque das lojas. Tiram proveito da guerra. Temem que ela acabe logo. As lojas dizem que a guerra forçou-as a aumentar seus preços.

Estive numa loja. Entrei porque Deus me ordenou. Não tinha dinheiro. Pedi alguns cadernos. Havia uma mulher que eu percebi que devia ter algum interesse financeiro no negócio, porque me deu um preço enquanto a outra vendedora me deu um outro totalmente diferente. A mulher me deu um preço muito alto, a outra um bem menor. Segui a vendedora, e a mulher ficou nervosa.

Conhecia esse tipo de loja — costumava comprar tintas e papéis para meus *décors*. Não me importava em gastar dinheiro. As tintas e papéis eram muito caros. Vendo como eram caros, quase desisti de meu trabalho, mas Deus disse que me ajudaria. Acreditei Nele e continuei a comprar quantidades de papel e tinta. A tinta pode ficar seca mas sei como diluí-la. As lojas cobram muito por tudo que vendem, culpando a guerra pelos altos preços. Conheço todos os truques das lojas porque vivi muito tempo em Engadine, mais de um ano. Deus estava comigo — eu trabalhava todos os dias. Dormia e pensava em Deus. As pessoas dizem que um homem não pode dormir e pensar ao mesmo tempo. Elas estão certas: não penso quando durmo — eu sinto. Entenda que não penso quando escrevo — eu *sinto*.

Muitos lojistas enganam as pessoas. Não escreverei mais com letras grandes — escreverei em letras pequenas e economizarei papel. Os lojistas pensam que as pessoas que têm dinheiro são burras. Não são as pessoas que são burras mas as lojas, porque vendem para ganhar dinheiro e não para servir às pessoas. Amo a humanidade e não engano as pessoas.

Sei o que desencadeia as guerras — elas começam pelo comércio; é uma coisa apavorante. É a morte da humanidade. Se as pessoas não modificarem seus modos de vida, o comércio destruirá a todos. Comércio é uma

coisa vazia. As pessoas que estão engajadas no comércio raramente sentem Deus — e Deus não as ama. Deus ama os que trabalham. Quero que todos amem e vivam. Gosto de coisas de que preciso mas não quero coisas de que não preciso. Quando gosto de uma coisa, cuido dela. Comprei três cadernos e paguei um alto preço por eles; uma das mulheres me enganou. Não gosto de lojas. Gostaria que todas as fábricas fossem destruídas porque estragam a terra. Amo a terra e quero protegê-la.

Não quero *pogroms*.* Quero que a humanidade compreenda que se deve abdicar de todas as coisas ruins porque não vivemos muito. A terra está sufocando. Todos odeiam terremotos e pedem a Deus para livrá-los de tais calamidades. Quero terremotos porque sei que então a terra poderá respirar. As pessoas não sabem o que são terremotos e culpam Deus. Dirão que estou errado porque não estudei e não sei nada sobre a Terra, mas eu sei que a sinto. Não penso sobre ela. A Terra está viva. Outrora era um sol. As estrelas que brilham são pequenos sóis mas a Lua e outros planetas como Marte não são. Não há pessoas em Marte. As pessoas ficarão assustadas comigo porque falo de coisas que nunca vi, mas posso ver sem usar meus olhos. Eu sou o sentimento. Os cegos me entenderão se lhes disser que os olhos não são mais necessários. As pessoas em algum planeta vivem em paz e amor. Todos os astrônomos gritarão e dirão que Nijinsky é um ignorante estúpido e não sabe nada sobre astronomia. Os astrônomos inventaram telescópios para estudar a atmosfera. As pessoas dirão que sou louco porque falo de coisas que não entendo. Eu entendo. Eu sou o espírito num homem cujo

* *Pogroms*, massacres organizados de judeus (originariamente e especialmente na Rússia).

corpo é Nijinsky. Tenho olhos mas sei que, se meus olhos forem arrancados, serei capaz de viver sem eles.

Conheço um general francês cego que sai para passear com sua mulher todos os dias. Ele sente a vida. Julga-se infeliz e para esconder isso, sorri para todos. Reparei nele porque tem um andar peculiar e cabeça erguida. Percebi que era infeliz e senti pena dele. Gosto dele e queria lhe dizer que eu não tinha medo de ficar cego, mas achei que não me entenderia e então resolvi dizer-lhe daqui a um tempo.

Sei que Marte é inabitado porque é um corpo gelado. Marte era como a Terra, mas isso foi há milhões de anos. A Terra ficará como Marte, mas daqui a algumas centenas de anos. A Terra está sufocando, portanto peço a todos que abandonem as fábricas e me escutem. Sei que isso é necessário para a salvação da Terra.

Meu porteiro é ignorante — bebe, imaginando que ele está bem, mas está se matando. Eu sou o Salvador. Eu sou Nijinsky e não Cristo. Amo Cristo porque Ele era como eu. Amo Tolstoi porque era como eu. Quero salvar a Terra inteira do sufoco. Todos os cientistas devem abandonar seus livros e vir a mim, e ajudarei a todos porque sei muito. Eu sou um homem em Deus. Não temo a morte. Imploro às pessoas para que não tenham medo de mim. Sou um homem com defeitos, igual aos outros. Quero me aperfeiçoar. Não devo ser morto porque amo a todos igualmente.

Irei para Zurique e verei a cidade, que é uma cidade comercial, e Deus estará comigo.

Não sou inteligência, mas mente. Tolstoi falou sobre a mente, Schopenhauer também. Eu também escrevo sobre a mente. Minha filosofia é verdade, não invenção. Nietzsche ficou louco porque compreendeu no fim de sua vida que tudo que tinha escrito era absurdo. Assustou-se com as pessoas e enlouqueceu. Não me assustarei se elas se atirarem sobre mim. Entendo as multidões. Posso manobrá-las, embora não seja um comandante. Gosto da vida familiar; amo todas as crianças e gosto de brincar com elas. Entendo-as. Sou uma criança e sou um pai. Sou um homem casado. Amo minha mulher e quero ajudá-la na vida. Sei por que os homens correm atrás de garotas. Sei o que é uma garota. Homem e mulher são um; prefiro as pessoas casadas porque conhecem a vida. Os casados cometem erros mas vivem. *Eu sou marido e mulher em um*. Amo minha mulher. Amo meu marido. Não gosto que um marido e uma mulher sejam debochados. Sou um corpo físico mas não o amor físico. Eu sou o amor pela humanidade. Quero que os governos me permitam viver onde quiser. Minha mulher e minha filha são boas pessoas e não devem ser magoadas.

Escreverei muito porque quero explicar às pessoas o significado da morte e da vida. Não posso escrever rápido porque meus músculos estão ficando cansados. Não posso mais. Sou um mártir — sinto dor. Gosto de escrever; quero ajudar as pessoas mas não consigo escrever porque estou cansado. Quero terminar mas Deus não me deixa. Escrevo até que Deus me pare.

PARTE III

SENTIMENTOS

A CRIADA estava servindo o almoço para minha mulher, Kyra e a enfermeira da Cruz Vermelha. Cristo carregou uma grande cruz; a enfermeira usa uma pequena cruz numa fita. Kyra queria comer um doce. Disse à enfermeira que o doce seria servido quando Kyra terminasse o que estava no prato. A pequena não ficou sentida porque sabe que a amo, mas a enfermeira sentiu de maneira diferente, achando que eu queria corrigi-la. A criança vai para a cama depois do almoço; eles pensam que é uma criatura fraca, mas ela é forte. Não consigo escrever porque minha mulher me perturba. Está pensando o tempo inteiro em figurinos. Não me preocupo com eles. Ela tem medo que eu não fique pronto.*

Não quero dançar após a refeição, portanto não começarei a me aprontar ainda. Quero dançar quando sentir, não quando as pessoas estiverem me esperando, mas como não gosto de deixá-las esperando, me vestirei.

* Referência ao último recital de Nijinsky, que concedeu a convite no Suvretta House, St. Moritz, janeiro de 1919.

Não quero brigar e então farei tudo o que me disserem. Irei agora para meu quarto de vestir — tenho roupas muito caras e vestirei minhas melhores coisas para que todos pensem que sou rico. Não farei as pessoas esperarem por mim, irei imediatamente.

Fiquei lá em cima por muito tempo, dormi um pouco; quando acordei, me vesti e fui para a modista. Ela realizou muito bem seu trabalho. Entendeu-me. Gosta de mim porque lhe dou presentes. Queria ajudá-la mas não gosta de médicos. Disse-lhe para ir a um médico — ela não quis. Não me incomodava gastar dinheiro com isso. Dei a seu marido um par de *knickers* e ela aceitou agradecida. Ela me entendeu, não se sentiu ofendida. Gosto de Negri — esse é seu nome. É uma boa mulher. Vive miseravelmente — quando entro em sua casa, desligo a luz elétrica dispensável. Ela não se ofende. Disse-lhe que fizera muito bem seu trabalho e que lhe daria dinheiro e um presente. Ela não tinha roupas quentes, então dei-lhe um suéter e uma capa. Embora não goste de presentes, gosto de dar aos pobres o que eles precisam. Ela tem frio e fome, mas não tem medo de trabalhar, por isso possui algumas economias. Seu menino tem seis anos e sua menina dois. Quero dar um presente às crianças também; estão vestidas muito pobremente. Darei meus suéteres e outras coisas mais para as crianças. Amo as crianças e elas me amam. Ela sabe que adoro crianças. Sente que não estou fingindo. Sabe que sou um artista e me entende. Gosta de mim e eu dela. Seu marido é violinista no Palace Hotel, onde as pessoas se divertem com toda espécie de besteiras. Ele é pobre, toca à noite. Sente frio porque não tem roupas quentes. Gosta de tocar violino e quer

estudar, mas não sabe como fazê-lo, pois não tem tempo. Quero ajudá-lo mas tenho medo que não me entenda.

Quero viver muito tempo, minha mulher me ama muito. Hoje ela teme por mim — agi muito nervosamente. Comportei-me assim de propósito porque o público me entende melhor quando estou vibrando. Eles não entendem artistas que são calmos. Tem que ser nervosos. Ofendi a pianista Gelbar.* Quero-lhe bem mas estava nervoso. Deus queria que o público estivesse excitado. O público veio para se divertir e pensou que eu dançava para diverti-lo. Minhas danças foram assustadoras. Tiveram medo de mim, pensando que eu queria matá-los. Não queria. Amava a todos e fiquei nervoso e excitado; o público captou meu humor. Não gostaram de mim, queriam sair. Então comecei a encenar uma dança jubilosa e alegre, aí começaram a se divertir. A princípio julgaram-me um ator enfadonho, mas mostrei-lhes que podia fazer coisas alegres. O público começou a rir. Eu estava rindo em minha dança. O público riu — entenderam minha dança e se sentiram dançando também.

Dancei mal; caí quando não devia. O público não se importava porque minha dança era bonita. Sentiram meu humor e se divertiram. Queria continuar dançando mas Deus me disse — "Basta." Parei. O público começou a sair. Os aristocratas e os ricos me imploravam para dançar mais uma vez. Disse que estava cansado. Não me entendiam, insistiam. Disse para uma das damas aristocratas ali presentes que seus movimentos eram excitantes. Ela achou que eu queria ofendê-la. Então expliquei-lhe que queria dizer que ela tinha sensibilidade para o movimento; agradeceu-me pelo cumprimento.

* Mme. Gelbar, célebre virtuose vienense, acompanhava Nijinsky na ocasião.

Dei-lhe minha mão e ela sentiu que eu estava certo. Gosto dela mas sinto que veio para iniciar relações comigo. Ela parece gostar de rapazes. Não gosto desse tipo de vida e então lhe pedi para me deixar. Ela adivinhou meu sentimento e não continuou a conversa. Eu ainda queria conversar mas ela não estava disposta a continuar. Mostrei-lhe o sangue em meu pé — ela não gosta de sangue. Fiz com que ela percebesse que sangue é guerra e que não gosto de guerra, e fiz com que pensasse sobre o mistério da vida, exibindo-lhe a dança de uma cocote. Ela não saiu porque sabia que eu estava representando. As outras pessoas pensaram que eu ia me deitar no chão e fazer amor. Não querendo embaraçar a festa, levantei-me. Senti a presença de Deus a noite toda. Ele me amava. Eu O amava. "Nós estávamos casados." Na carruagem quando íamos para o Suvretta, disse à minha mulher que hoje era o dia do meu "casamento com Deus". Durante a ida para o teatro, ela me compreendeu muito bem, mas na festa perdeu esse "sentimento". Eu a amava e portanto dei-lhe uma bebida, dizendo que eu estava bem e feliz. Ela sentiu diferente. Pensou que não a amava porque estava nervoso.

O telefone está tocando, mas não atenderei porque não gosto de falar ao telefone. Minha mulher quer atender. Saí do quarto e a vi de pijama; ela gosta de dormir assim. Ela me ama, por isso me disse que era hora de ir para a cama. Subi e fui para a cama, mas levei meu caderno comigo para escrever tudo por que passei hoje.

Vivi muito. Hoje tudo foi horrível. Tenho medo das pessoas — elas não me sentem nem me entendem, querem que eu viva como elas vivem. Querem que eu dance uma dança alegre. Não gosto de alegria, gosto da

vida. Minha mulher está deitada perto de mim enquanto escrevo. Ela não está dormindo — seus olhos estão abertos. Eu a acariciei gentilmente. Ela tem sentimento e sensibilidade. Escrevo pessimamente pois é muito difícil. Minha mulher está suspirando — ela me sente, eu a entendo mas não respondo ao seu suspiro. Hoje ela me ama com sentimento e espírito. Algum dia lhe direi que devemos nos casar no espírito porque quero o amor espiritual. Falarei mais tarde, agora ela tem medo de mim.

Não consigo escrever; pensei num homem que estava na festa essa noite.

Minha mulher me perturba, ela sente tudo. Eu ri nervosamente. Minha mulher está prestando atenção no toque do telefone mas está pensando em mim e nos meus textos. Perguntou-me o que estava escrevendo tão rapidamente, e fechei meu caderno porque ela quer ler. Sente que estou escrevendo sobre ela, mas não entende e teme por mim. Quero escrever muito hoje porque tenho muito que dizer, mas quero que minha mulher durma. Sei que lhe causei uma profunda impressão. Ela entendeu meus sentimentos. Sabe que posso representar porque diz que represento tão bem quanto Duse e Sarah Bernhardt. Dei-lhe um grande problema para resolver. Ela não consegue entender o significado da morte. Ela não pensa nisso porque não quer morrer. Está bocejando e acha que devo dormir também. Ela tem medo que eu escreva coisas desagradáveis sobre as pessoas. Minha mulher está tossindo e bocejando para chamar minha atenção.

Quero que os artistas me entendam e portanto compartilharei de suas vidas. Se Deus o desejar, irei a um cabaré com eles. Lá eles perderão todos os seus sentimentos. Precisam de dinheiro e lhes darei algum.

Eles me esquecerão mas seus sentimentos e sensibilidade já estarão acordados. Quero que eles sintam e portanto dançarei por vários meses em Paris para ajudar os artistas pobres. Se eles mesmos quiserem organizar a apresentação, tudo bem.

Se quiserem que eu organize, eu o farei. Mas as despesas de minha mulher em Paris deverão ser pagas. Pedirei a Astruc para reunir os atores e artistas pobres porque quero falar com eles. Direi: "Escutem, eu sou um artista — e vocês também. Somos artistas e portanto devemos nos amar uns aos outros. Escutem! Quero falar amigavelmente com vocês. Vocês querem?" Farei uma pergunta sobre a vida. Se me entenderem — serei salvo; se não me sentirem nem me entenderem — serei um pobre e miserável homem, e sofrerei. Não quero dançar em St. Moritz porque as pessoas aqui não me amam. Pensam que sou doente. Sinto muito. Estou bem mas não poupo minhas forças. Dançarei mais que nunca. Quero ensinar dança e trabalharei um pouco por dia. Também escreverei e não irei a nenhuma festa. Já tive o bastante desse tipo de estardalhaço. Não gosto de ficar alegre, porque sei que a alegria é a morte, a morte da mente. Temo a morte e portanto amo a vida.

Quero pedir que as pessoas venham me ver mas minha mulher tem medo. Quero convidar um velho judeu, um conhecido do Barão Gunsbourg. O Barão Gunsbourg é um bom homem.

Todos dirão que Nijinsky ficou louco. Não me importo, já me comportei como louco em casa. Todos pensarão assim, mas não serei colocado no hospício porque danço muito bem e dou dinheiro a todos aqueles que me pedem. As pessoas gostam de um homem estranho e peculiar, e me deixarão sozinho, chamando-me de "palhaço doido". Gosto de pessoas loucas, sei como conversar com elas. Meu irmão estava num manicômio.

Gostava dele e ele me entendia. Seus amigos também gostavam de mim. Eu tinha dezoito anos. Conheço a vida dos lunáticos e a psicologia de um louco. Nunca os contradigo, por isso gostam de mim. Meu irmão morreu num hospício.*

Minha mãe está vivendo as últimas horas de sua vida. Temo não vê-la nunca mais. Peço a Deus para lhe dar muitos anos de vida! Minha mãe e minha irmã fugiram de Moscou para escapar dos maximalistas. Estavam cansadas da Guerra Civil e fugiram com meu cunhado Kotchetovsky e sua filha Ira, deixando todos os seus pertences para trás. São boas pessoas. Gosto de minha irmã Bronia.** Kotchetvosky é um bom homem. Leva uma vida difícil porque tem que pensar em dinheiro. Adora pintar e escrever. Ele escreve bem.

A campainha está tocando. É A. voltando de uma festa. Ela não me ama; ela gosta de se divertir. A. quer que eu a leve para minha companhia de dança, mas não posso pois ela não possui sentimento algum para o trabalho. Só quer se unir à minha companhia por conveniência. Ela não pensa em mim; não se importa com o que estou fazendo. Ela se diverte enquanto eu trabalho, e ignora minha afeição. Dei-lhe um anel e roupas fingindo que estava apaixonado, mas ela não me entendeu. Ela bebe. Meu caseiro é um bêbado. Bebe sem parar e ficou doente. Avisei-lhe bem antes que isso aconteceria. Ficou doente e não pôde trabalhar, deixou a lareira apagar — nos deixou gelados. Isso aconteceu na época que tinha que preparar meus figurinos com Negri.

Minha mulher não treme quando dança. É uma mulher saudável; seu problema é que pensa muito. Te-

* Stanislav, irmão de Nijinsky, morreu durante a revolução quando os hospícios foram abertos e os pacientes soltos.

** Nijinsky tem uma irmã chamada Bronia (Bronislava Nijinska).

mo por ela, seus pensamentos lhe trarão dificuldades em me compreender. Tenho medo pois ela não pode seguir meus objetivos. Ela sente bastante mas não sabe o seu significado. Tenho medo de lhe explicar, porque ficará assustada. Devo desenvolvê-la de uma maneira diferente. Ela me obedece. Eu lhe obedeço. Ela compreenderá quando outras pessoas lhe disserem que tudo que faço está certo.

Estou em frente de um precipício sobre o qual posso cair, mas não tenho medo. Deus não quer que eu caia. Ele me socorre.

Certa vez saí para uma caminhada e me pareceu que havia visto algum sangue na neve. Segui os rastros de sangue e senti que alguém, *que ainda estava vivo*, havia sido assassinado. Fui em outra direção e mais rastros eram visíveis. Estava com medo mas segui as pistas; havia um precipício. Percebi que os rastros não eram de sangue, mas de estrume. Andando na neve, notei marcas de esquis que aparentemente tinham parado perto dos rastros de sangue. Achei que alguém enterrara um homem na neve após golpeá-lo e matá-lo. Fiquei assustado e voltei correndo. Mais tarde voltei de novo e senti que Deus queria ver se eu O temia ou não. Eu disse em voz alta: "Não, não tenho medo de Deus: Ele é a vida e não a morte." Então Ele me fez andar em direção ao precipício, dizendo-me que tinha se machucado e que deveria ser salvo. Tinha medo. Pensei que era o demônio me tentando da mesma maneira que tentou Cristo. Ele estava dizendo: "Pule, então acreditarei em você." Sentia medo e fiquei lá por um tempo, aí senti que estava sendo arrastado para o precipício. Aproximei-me da beira e escorreguei, mas alguns galhos, que nem tinha visto, impediram minha queda. Fiquei assombrado e achava que era um milagre. Deus

quis me tentar. Eu O entendi. Tentei afastar os galhos mas Ele não me permitiu. Por muito tempo me segurei neles, então fiquei apavorado. Finalmente me desvencilhei dos arbustos, mas não caí. Deus me disse: "Vá para casa e diga à sua mulher que você é um louco." Compreendi que Deus queria me ajudar e fui para casa levar essas notícias à minha mulher.

No caminho de volta, novamente vi os rastros de sangue, mas não acreditei mais na sua existência. Deus os mostrara para que eu pudesse senti-Lo. Senti sua presença e voltei. Disse-me para deitar na neve. Deitei-me. Fez-me deitar lá por muito, muito tempo. Minhas mãos começaram a ficar frias, a congelar. Tirei minha mão da neve e disse que isso não poderia ser o desejo de Deus, pois minha mão estava doendo. Deus estava satisfeito, mas, depois que dei alguns passos, Ele me ordenou que voltasse e me deitasse perto de uma árvore. Consegui pegar a árvore e então escorreguei. Deus me mandou deitar na neve novamente. Fiquei deitado lá por muito tempo. Não sentia mais o frio — então Deus me fez levantar. Levantei-me. Disse-me para ir para casa. Fui para casa. Deus me disse: "Pare!" Eu parei. Vi novamente os rastros de sangue. Ele me disse para voltar, eu voltei. Ele disse: "Pare!" Eu parei.

Todos pensarão que tudo isso é imaginação minha, mas devo dizer que tudo que escrevo é a verdade absoluta. Eu passei por isso. Tudo que descrevo me aconteceu. Alguém está batendo. Todos na casa estão dormindo. Alguém fora da casa chamou: "Oiga" e continuou gritando "Oiga!" Não querendo acordar minha mulher, não quis me mexer. Minha mulher dorme muito bem. Espero que os criados escutem e abram a porta. Meu caderno continua escorregando; é tão desconfortável. Alguém está subindo as escadas. Não tenho medo.

Creio que seja A. voltando de sua festa, mas não tenho certeza. Deus sabe, eu não. Ainda sou apenas um homem e não Deus. Se Deus o desejar, eu descobrirei. Deus me fez entender que era A. Ela dorme no quarto ao lado, o quarto de Kyra é pegado ao dela. Kyra dorme profundamente, portanto não poderia ter feito o barulho. A porta está rangendo. Senti que era A. Sei como ela se movimenta, muito nervosamente. Ela voltou para casa à uma e quinze da noite. Olhei no meu relógio que está sempre certo.

Depois de ter visto os rastros, voltei correndo. Tinha certeza de que alguém havia sido assassinado. Percebi também que alguém deve ter tentado esconder as marcas de sangue, cobrindo-as com neve de modo que pudesse parecer estrume. Olhei firmemente e vi que estava suja. Depois disso voltei. A distância que corri era de apenas 10 metros — talvez um pouco mais. Corria muito bem. Quando corro, sinto-me como um menino. Corri para casa, satisfeito de que meus julgamentos tivessem terminado, mas Deus me fez olhar para um homem que andava em minha direção. Deus me disse para voltar, dizendo que "foi esse homem que matou". Voltei correndo. Parei e me escondi atrás de um pequeno monte, agachando-me de modo que o homem não pudesse me ver, fingindo que caíra na neve e não conseguia me levantar. Fiquei assim por muito tempo. Então me levantei e virei. O homem cavava a neve com uma vara. Então começou a quebrar alguns galhos duma árvore. Percebi que estava procurando por alguma coisa. Eu estava andando pela mesma estrada na qual o homem se encontrava. Ele me viu mas não disse nada — queria cumprimentá-lo: "Bom dia, velho", mas ele estava muito ocupado. Não tinha certeza do que ele estava fazendo. Depois de algum tempo, Deus me disse para olhar para trás. Olhei e vi o homem cavando a neve de novo com uma vara, e achei que a vara iria quebrar. Senti que esse homem era o assassino. Sabia que eu estava errado e apesar disso ainda sentia que era o assassino. Compreendi meu erro. Queria partir, mas de repente notei um banco; perto dele havia um monte de neve; nesse monte, estava enterrada uma peça de madeira. O galho de um pinheiro. Estava quebrado pela metade. Havia um grande buraco no monte de neve. Olhei dentro dele, achando que esse homem o havia feito com um propósito especial. Era um pequeno monte e uma cruz — sob a cruz alguma coisa havia sido escrita. Compreendi que o homem havia arrumado esse túmulo: ele pensava em sua mulher. Fiquei apavorado e comecei a correr, sentindo que minha mulher caíra doente. Temo a morte e não a desejo. Voltei e retirei o pedaço de madeira. Então pensei que o homem. . .

Peço ao povo suíço para tomar conta de mim. Quero publicar este livro na Suíça porque vivo aqui. Gosto da Suíça. Quero publicar este livro bem barato. Quero fazer um pouco de dinheiro porque sou pobre. Não tenho dinheiro, e não gosto de credores nem de dívidas. Quero jogar na Bolsa de Valores. Com a mente ganharei mais do que com a inteligência. Produzirei um balé no qual retratarei a mente, a inteligência e a vida dos homens — mas devo ser ajudado nessa tarefa. Pensei em Mr. Vanderbilt mas mudei de idéia. Vanderbilt empresta dinheiro aos artistas. Não gosto de dever dinheiro a ninguém, portanto eu mesmo ganharei a quantia necessária para produzir este novo balé. Diaghilev é um devedor. Pensa que pagou tudo que me deve mas perdeu a causa em Buenos Aires. Ganhei essa causa e tive um julgamento por mais 50 mil francos. Diaghilev ainda me

deve muito. Não sou ganancioso mas quero o dinheiro que ganhei e que Diaghilev ainda me deve. Gosto de dinheiro porque com ele posso ajudar.

A vida não é sexo — sexo não é Deus. Deus é homem que fecunda apenas uma mulher, um homem que dá filhos a uma mulher. Tenho vinte e nove anos. Amo minha mulher espiritualmente, não para gerar filhos. Terei filhos se Deus o desejar. Kyra é uma menina inteligente. Não quero que ela seja inteligente. Eu a impedirei de desenvolver sua inteligência. Gosto de pessoas simples mas não de estupidez, porque não vejo nenhum sentimento nisso. A inteligência interrompe o desenvolvimento das pessoas. Eu sinto Deus e Deus me sente.

Quero corrigir meus defeitos mas não sei se serei capaz. Os olhos do médico estavam cheios de lágrimas quando me disse que não precisava de nenhuma promessa, sabia que eu faria tudo para não deixar minha mulher preocupada e nervosa. Expliquei-lhe que eu é que queria a vinda da mãe de minha mulher, não quero que ela fique com medo, portanto queria que minha sogra vivesse conosco. Não temo as autoridades Aliadas. Não me importo se eles levarem todo o nosso dinheiro.* Mas não quero que esse dinheiro seja levado, por causa de minha família. Não quero que minha mulher fique arruinada. Dei-lhe tudo que tinha, era muito pouco, para que ela pudesse ser capaz de viver. Não tenho medo da vida e por isso não preciso de dinheiro. Minha mulher chorará se eu morrer. Espero pelo seu bem que me esqueça logo. Ela nem sempre me entende, ou melhor, nem sempre me sente. A mulher de Tolstoi não tinha sentimento. A mulher de Tolstoi não consegue

* Aos cidadãos dos países aliados não era permitido gastar dinheiro com cidadãos de países inimigos. Os parentes de Mme. Nijinsky eram húngaros.

esquecer que ele jogou todo o dinheiro fora. Quero dar dinheiro à minha mulher; amo minha mulher e Kyra mais que ninguém; minha mão está cansada.

Não gosto do Hamlet de Shakespeare porque ele raciocina. Sou um filósofo que não raciocina — um filósofo que sente. Não gosto de escrever coisas pensadas. Gosto de Shakespeare porque ele amava o teatro. Shakespeare entendeu o teatro. Entendi o "teatro vivo" também. Não sou artificial. Sou vida. O teatro não é vida. Conheço os costumes dos teatros. O teatro se torna um hábito. A vida não. Não gosto de teatro com palco quadrado. Gosto de palco redondo. Construirei um teatro com uma forma redonda, como um olho. Gosto de olhar intimamente no espelho e vejo um olho só na minha testa. Freqüentemente faço desenhos de um olho. Não gosto de polêmicas, portanto as pessoas podem dizer o que quiserem sobre meu livro; ficarei calado. Cheguei à conclusão de que é melhor ficar calado do que falar. Diaghilev disse-me para ficar calado. Diaghilev é esperto. Vassili, seu criado, costumava dizer: "Diaghilev não tem um centavo, mas sua inteligência vale uma fortuna." Eu digo: "Não tenho um centavo nem inteligência, mas tenho uma mente." Chamo de mente aquele centro gerador de sentimentos. Sou sensível. Era estúpido antes porque pensava que a felicidade dependia do dinheiro — agora não penso mais assim. Muita gente pensa em dinheiro, eu preciso de algum para realizar meus planos; todos nós temos planos e objetivos, e ganhamos dinheiro para realizá-los, mas nossos problemas são diferentes. Eu sou problema de Deus, não de Anticristo. Não sou Anticristo. Sou Cristo. Ajudarei a humanidade.

Irei a Gênova para descansar a pedido do médico. Ele pensa que estou cansado porque minha mulher está

muito nervosa, muito tensa. Eu não estou, portanto ficarei em casa. Minha mulher pode ir sozinha. Ela tem um pouco de dinheiro. Não tenho um centavo. Não estou me vangloriando quando digo que não tenho nenhum dinheiro. Gosto de ter dinheiro e ganharei algum para dar à minha mulher e às pessoas pobres. Muitos dirão que Nijinsky finge ser como Cristo. Não finjo — eu amo seus atos. Não temo ser atacado. Digo tudo que devo.

Costumava sair para a rua. Enganava minha mulher, eu tinha tanto sêmen que tinha que jogá-lo fora. Não o desperdiçava numa cocote. Jogava-o na cama para me proteger de doenças venéreas. Não sou erótico, portanto não enganarei mais minha mulher. Minha semente, eu a guardarei para um outro filho — espero ter um filho algum dia. Amo minha mulher, não quero que nada de mau lhe aconteça. Ela é sensível. Pensa que faço tudo propositalmente para assustá-la. Tudo que faço é com o propósito de fazê-la feliz. Ela come carne — isso causa seu nervosismo; comer carne não é importante — levar uma boa vida é importante. Minha mulher sabe que é bom levar uma vida regular, mas não compreende em que consiste esse modo de vida. "*Escutar a Deus — e obedecer-lhe — isso é um bom modo de vida regular.*" As pessoas não entendem Deus e se perguntam quem é esse Deus que deve ser obedecido. Conheço Deus e Seus desejos. Amo Deus.

Não sei sobre o que escrever porque de repente pensei nos médicos e na minha mulher — que estão conversando na sala ao lado. Sei que não gostam de minhas ações, mas continuarei da mesma maneira enquanto Deus assim o desejar. Não temo nenhuma complicação. Pedirei a todos para me ajudar e não terei medo se me disserem isso, por exemplo: "Sua mulher

ficou louca porque você a torturou; por isso você será aprisionado pelo resto de sua vida." Não temo a prisão e lá encontrarei vida, mas morrerei lá se for por toda a vida. Não desejo minha mulher doente, eu a amo muito para magoá-la. Gosto de me esconder das pessoas; estou acostumado a viver sozinho.

Maupassant tinha horror de ficar sozinho. O Conde de Monte Cristo gostava da solidão porque queria tempo para se preparar para sua vingança. Maupassant tinha pavor da solidão; ele amava as pessoas. Tenho medo da solidão mas não chorarei; Deus me ama e portanto não estou sozinho. Se Deus me abandonar, morrerei. Como não quero morrer, viverei como as outras pessoas, para ser compreendido pelos outros. Deus é humanidade e não gosta daqueles que interferem em Seus planos. Eu não interfiro, ao contrário, eu O ajudo. Sou a arma de Deus, um homem de Deus. Gosto das pessoas de Deus. Não sou um mendigo. Pegarei dinheiro se um homem rico o deixar para mim. Gosto de um homem rico. O homem rico tem muito dinheiro e eu não tenho nenhum. Quando todos descobrirem que não tenho dinheiro, se assustarão e se afastarão de mim. Essa é a razão pela qual quero ficar cada vez mais rico.

Alugarei um cavalo e o farei me levar para casa sem pagar. Minha mulher pagará. Se não pagar, descobrirei um modo de eu mesmo pagar. Quero que minha mulher me ame e então farei isso tudo para desenvolver seu caráter. Sua inteligência é bem desenvolvida mas não seus sentimentos. Quero destruir sua inteligência; então ela só poderá se desenvolver de outras maneiras. As pessoas pensam que, sem inteligência, um homem é um demente ou um tolo. Uma pessoa demente é uma pessoa que não pode raciocinar. Um lunático não percebe o que está fazendo. Entendo minhas boas e más

ações. Sou um homem com razão. No livro de Tolstoi, a razão é muito explicada. Li esse livro e portanto sei o que significa. Não tenho medo de pessoas inteligentes. Sou forte porque sinto tudo o que é dito sobre mim. Sei que inventam todo tipo de coisas para me acalmar. Os médicos são bons. Minha mulher também é uma boa mulher. Mas eles pensam muito. Temo por suas inteligências. As pessoas ficam loucas porque pensam muito. Não quero que fiquem loucas: farei tudo para que fiquem saudáveis.

Ofendi minha mulher sem perceber — então pedi seu perdão; meus defeitos vêm continuamente à tona no momento adequado. Tenho medo de minha mulher; ela não me entende. Crê que sou louco ou mau. Não sou mau, eu a amo. Escrevo sobre a vida, não sobre a morte. Não sou Nijinsky, como eles pensam. Sou Deus no homem. Minha esposa é uma boa mulher. Contei-lhe em segredo todos os meus planos, então ela contou tudo aos médicos, acreditando que isso me ajudaria. Minha mulher não entende meu objetivo; não lhe expliquei pois não queria que ela soubesse. Eu sentirei e ela entenderá. Ela sentirá e eu entenderei. Não quero pensar, pensar é a morte. Sei o que estou fazendo. "*Não o desejo doente. Eu te amo. Quero viver e portanto estarei com você. Falei com você. Não quero um discurso inteligente.*" Os médicos falam com inteligência, minha mulher também. Tenho medo deles. Quero que eles entendam meus sentimentos. "*Sei que isso o machuca. Sua mulher está sofrendo por sua causa.*" Não quero que a morte venha e por isso uso toda sorte de artimanhas. Não revelarei meu objetivo. "*Deixe-os pensar que você é um egoísta. Deixe-os colocá-lo na prisão. Eu o soltarei porque você me pertence. Não gosto da inteligente Romola. Quero que ela o abandone. Quero que você

seja meu. Não quero que a ame como um homem. Quero que a ame com um amor sensível. Sei como simplificar e suavizar tudo que tem acontecido. Quero que os médicos entendam seus sentimentos. Quero repreendê-lo porque os médicos pensam que sua esposa é uma mulher nervosa. Sua cruz* tem causado tanta mágoa que você não consegue se desvencilhar. Conheço seus defeitos porque os tenho cometido.*" Uso uma cruz de propósito. "*Ela o entende. O médico veio para descobrir quais são suas intenções e não entendeu absolutamente nada. Ele pensa, portanto é difícil para ele entender. Sente que Romola está certa e que você também está certo. Eu sei como entender.*" Penso melhor que os médicos. "*Temo por você, porque está assustado. Conheço seus hábitos. Seu amor por mim é infinito; você obedece às minhas ordens. Farei tudo para que entenda, amo você e sua mulher. Desejo-lhe o bem. Sou Deus em você. Serei seu quando me entender. Sei o que está pensando: que ele está aqui e está olhando fixamente para você. Quero que ele olhe para você.*" Não quero me virar porque posso senti-lo olhando para mim. "*Quero mostrar-lhe seus textos. Ele pensará que você está doente, porque você escreve muito. Entendo seus sentimentos. Entendo-o bem. Estou lhe fazendo escrever com um propósito, pois ele também entenderá seus sentimentos. Quero que escreva tudo o que estou lhe dizendo. As pessoas o entenderão porque você é sensível. Sua mulher o entenderá também. Sei mais que você e portanto peço-lhe para não se virar. Conheço suas intenções. Quero realizar nossos planos, mas você deve sofrer. Todos sentirão e entenderão só quando virem seus sofrimentos.*"

---

* Nijinsky usava uma cruz em sua gravata e passeava por St. Moritz, causando uma grande sensação.

Quero escrever sobre minha conversa na sala de jantar com minha mulher e o médico. Fingi que era um egoísta porque queria comovê-lo. Ficará ofendido se descobrir isso, mas não me importo. Não divido o amor. Escrevi que amava minha mulher mais que a ninguém — queria mostrar como me sentia sobre minha mulher. Amo A. da mesma maneira. Conheço suas artimanhas. Ela entende meus sentimentos porque está indo embora nos próximos dias. Não quero sua presença. Quero que minha sogra venha porque quero estudá-la e ajudá-la. Não estudo o caráter das pessoas para escrever sobre elas. Quero escrever para explicar às pessoas os seus hábitos — que as levam à morte. Chamo esse livro de "Sentimentos". Amo o sentimento e escreverei um grande livro sobre isso. Haverá uma descrição de minha vida nele. Não quero publicar esse livro após minha morte. Quero publicá-lo agora. *"Temo por você porque você tem medo de você mesmo. Quero dizer a verdade. Não quero magoar as pessoas. Talvez você seja colocado na prisão por escrever esse livro. Estarei com você porque me ama. Não posso ficar calado. Devo falar. Sei que não será colocado na prisão; legalmente não cometeu falta alguma. Se as pessoas quiserem julgá-lo, deve responder que tudo que disse é a palavra de Deus. Então, eles o colocarão num hospício e você entenderá os loucos. Quero que você seja colocado num hospício ou numa prisão. Dostoievski foi para a forca, portanto você também pode ir e ficar sentado em qualquer lugar. Conheço pessoas cujo amor não está morto e não permitirão que seja colocado em qualquer lugar. Você se tornará tão livre quanto um pássaro, quando esse livro for publicado em muitos milhares de exemplares. Quero assinar o nome de Nijinsky — mas meu nome é Deus. Amo Nijinsky, não como Narciso mas como Deus."* Eu

o amo porque me deu vida. Não quero prestar nenhum cumprimento. Eu o amo. Ele me ama porque conhece meus hábitos. *"Nijinsky tem defeitos, mas Nijinsky deve ser ouvido porque fala as palavras de Deus."* Eu sou Nijinsky. *"Não quero que Nijinsky seja machucado, portanto eu o protegerei. Apenas sinto medo por ele porque ele sente medo por ele mesmo. Conheço sua força. É um bom homem. Sou um bom Deus. Não gosto de Nijinsky quando ele é mau."* Não gosto de Deus quando ele é mau. Eu sou Deus, Nijinsky é Deus. *"Ele é um bom homem, não é ruim. As pessoas não o entenderam nem o entenderão, se elas pensarem. Se elas me escutassem por algumas semanas, haveria grandes resultados. Espero que meus sentimentos sejam entendidos."* Tudo que escrevo é necessário para a humanidade. Romola tem medo de mim, ela sente que sou um pregador. Romola não quer que seu marido seja um pregador, ela quer um marido jovem e bonito. Sou bonito, jovem. Ela não entende minha beleza, não possuo traços harmoniosos. Traços harmoniosos não são como Deus. Deus tem sensibilidade na face, um corcunda pode ser divino. Gosto de corcundas e outros aleijões. Eu mesmo sou um aleijão que tem sentimento e sensibilidade, e posso dançar como um corcunda. Sou um artista que gosta de todas as formas e de toda beleza. A beleza não é relativa. Beleza é Deus. Ele está na beleza e no sentimento. Beleza está no sentimento também. Amo a beleza. Eu a sinto e a entendo. Aqueles que pensam, escrevem bobagens sobre a beleza. Não se pode discuti-la. Não se pode criticá-la. Estou sentindo a beleza. Amo a beleza.

Não quero o mal — quero o amor. As pessoas pensam que sou ruim. Não sou. Amo a todos. Tenho escrito a verdade. Tenho falado a verdade. Não gosto de mentiras e quero a bondade, não a maldade. Eu sou o

amor. As pessoas me tomam por um espantalho porque usava uma pequena cruz. Eu a usava para mostrar que era católico. As pessoas achavam que eu era demente. Não era. Usava a cruz para ser notado por elas. As pessoas gostam de homens calmos. Eu não sou calmo. Amo a vida. Eu a desejo. Não gosto da morte. Quero amar a humanidade. Quero que as pessoas acreditem em mim. Disse a verdade sobre mim, A. e Diaghilev. Não quero guerras e crimes. Quero que me entendam. Disse à minha mulher que destruiria o homem que tocasse nos meus cadernos, mas chorarei se tiver que fazê-lo. Não sou um criminoso. Sei que ninguém gosta de mim. Pensam que sou doente. Não sou. Sou um homem com inteligência.

A criada veio e ficou perto de mim, pensando que eu estava doente. Não estou. Estou saudável. Temo por mim porque conheço os desejos de Deus. Deus quer que minha mulher me abandone. Eles estão telefonando. Creio que querem me mandar para um hospício. Estou chorando, pois amo a vida, mas não tenho medo da prisão. Viverei lá. Expliquei tudo à minha mulher. Ela não tem mais medo, mas ainda tem um sentimento maldoso. Falei asperamente porque queria ver lágrimas — mas não aquelas que têm sido causadas pelo desgosto. Portanto irei e a beijarei. Quero beijá-la para mostrar meu amor. Eu a amo, eu a quero, eu quero seu amor. A. sentiu que eu também a amava e está ficando conosco. Não está partindo. Telefonou para vender seu bilhete. Não sei com certeza, mas o sinto.

Minha garotinha está cantando: "Ah, ah, ah, ah!" Não entendo seu significado mas sinto o que ela quer dizer. Ela quer dizer que tudo — Ah! Ah! — não é horror mas alegria.

Fac-símile do epílogo de Nijinsky

Бог Нижинский

Санкт-Мориц-Дорф

Вилла Гуардамунда.

27 Февраля 1919 года.

Fac-símile do epílogo de Nijinsky

Fac-símile do final do epílogo

EPÍLOGO

Quero chorar mas Deus me ordena a continuar escrevendo. Ele não quer que eu seja preguiçoso. Minha mulher está chorando, chorando. Eu também. Tenho medo que o médico venha e me diga que minha mulher está chorando enquanto escrevo. Não irei vê-la porque não tenho nada por que me culpar. Minha filha vê e escuta tudo, e espero que ela me entenda. Amo Kyra. Minha pequena Kyra sente meu amor por ela, mas pensa que estou doente porque assim lhe disseram. Ela me pergunta se durmo bem e lhe respondo que sempre durmo bem. Não sei o que escrever mas Deus deseja que eu escreva. Logo irei a Paris e causarei uma grande sensação — o mundo inteiro estará falando sobre mim. Não desejo que as pessoas pensem que sou um grande escritor ou um grande artista, nem mesmo que sou um grande homem. Sou um homem simples que sofreu muito. Creio que sofri mais que Cristo. Amo a vida e quero viver, chorar, mas não posso — sinto uma tamanha dor na alma — uma dor que me assusta. Minha alma está doente. Minha alma, não minha mente. Os médicos não en-

tendem minha doença. Não sei de que preciso para melhorar. Minha doença é muito intensa para ser curada rapidamente. Sou incurável. Minha alma está doente, sou pobre, um mendigo, um miserável. Todos que lerem essas linhas sofrerão — entenderão meus sentimentos. Sei de que preciso. Sou forte, não fraco. Meu corpo não está doente, minha alma é que está doente. Eu sofro, eu sofro. Todos sentirão e entenderão. Sou um homem, não uma fera. Amo a todos, tenho defeitos, sou um homem — não Deus. Quero ser Deus, portanto tento me aperfeiçoar. Quero dançar, desenhar, tocar piano, escrever versos, quero amar todo mundo. Esse é o objetivo da minha vida. Sei que os socialistas me entenderão melhor — mas não sou um socialista. Sou parte de Deus, meu partido é o partido de Deus. Amo a todos. Eu *não* quero guerra nem fronteiras. O mundo existe. Tenho um lar em todo lugar. Eu vivo em todo lugar. Não quero ter nenhuma propriedade. Não quero ser rico. Quero amar. Eu sou o amor, não a crueldade. Não sou um animal sanguinário. Sou homem. Sou homem. Deus está em mim. Estou em Deus. Eu O quero, eu O procuro. Quero que meus manuscritos sejam publicados para que todos possam ler. Espero me aperfeiçoar. Não sei como, mas sinto que Deus ajudará todos aqueles que O procuram. Sou aquele que procura porque posso sentir Deus. Deus me procura e portanto nos encontraremos, um ao outro.

DEUS E NIJINSKY
Saint Moritz-Dorf
Villa Guardamunt
27 de fevereiro, 1919

O DIÁRIO DE
NIJINSKY

(*Vida*)
Sei que se todos pensarem que sou um louco inofensivo, não terão medo de mim. Não gosto das pessoas que pensam que sou um perigoso lunático. Sou um louco que ama a humanidade. *Minha loucura é o meu amor pela humanidade.*

(*Morte*)
Eu sou tudo, vida, infinito. Estarei sempre e em todo lugar. Posso ser morto mas viverei porque sou tudo. Quero a vida infinita, não a morte.



(*Sentimentos*)
Quero assinar o nome de Nijinsky — mas meu nome é Deus. Amo Nijinsky, não como Narciso, mas como Deus. Eu o amo porque me deu vida.
Nijinsky tem defeitos mas Nijinsky deve ser ouvido porque fala as palavras de Deus. Eu sou Nijinsky.

Rocco